

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Simone de Souza Santos

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO DE PÓS-
VERDADE E DESINFORMAÇÃO E A CONFIANÇA NAS URNAS ELETRÔNICAS**

Belo Horizonte

2023

Simone de Souza Santos

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO DE PÓS-
VERDADE E DESINFORMAÇÃO E A CONFIANÇA NAS URNAS ELETRÔNICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais.

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo

Belo Horizonte

2023

S237p Santos, Simone de Souza.
Práticas informacionais de adolescentes no contexto de Pós-Verdade e desinformação e a confiança nas urnas eletrônicas [recurso eletrônico] : / Simone de Souza Santos. - 2023
1 recurso online (134 f. : il., color.) : pdf

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.
Referências: f. 115-126.
Apêndices: f. 127-132.
Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Desinformação - Teses. 3. Redes sociais - Teses.

CDU: 02:004



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Às 13:30 horas do dia 05 de setembro de 2023, por videoconferência plataforma Webconf, realizou-se a sessão pública para a defesa da dissertação de SIMONE DE SOUZA SANTOS, número de registro 2021667744. A presidência da sessão coube ao Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo – Orientador. Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Profa. Marianna Zattar Barra Ribeiro (UFRJ), Prof. Marco André Feldman Schneider (IBICT), Prof. Cláudio Paixão Anastácio de Paula (ECI/UFMG) e Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo - Orientador (ECI/UFMG). Em seguida, a candidata fez a apresentação do trabalho que constitui sua dissertação de mestrado, intitulada: "*Práticas informacionais de adolescentes no contexto de pós-verdade e desinformação e a confiança nas urnas eletrônicas*". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença da candidata e do público e decidiu considerar aprovada a dissertação de mestrado. O resultado final foi comunicado publicamente a candidata pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, depois de lida, se aprovada, será assinada pela Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 05 de setembro de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Alberto Ávila Araujo, Professor do Magistério Superior**, em 25/10/2023, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Paixão Anastacio de Paula, Professor do Magistério Superior**, em 25/10/2023, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marianna Zattar Barra Ribeiro, Usuária Externa**, em 26/10/2023, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marco André Feldman Schneider, Usuário Externo**, em 31/10/2023, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orga_o_acesso_externo=0, informando o código verificador **2599522** e o código CRC **6B499E5A**.

Dedico esta dissertação aos meus pais que apesar do pouquíssimo acesso à educação institucionalizada sempre priorizaram, incentivaram e investiram o que tinham na educação dos filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao mestre Jesus por mais essa conquista.

Aos meus pais Geraldo Custódio (*in memoria*) e Juraci de Souza pelo cuidado carinhoso, pelo esforço desmedido para proporcionar o acesso à educação mesmo nas situações mais adversas.

Aos meus preciosos irmãos e minhas filhas Natalia e Mariana pelo incentivo constante e parceria de sempre.

Ao meu companheiro e grande amigo Pablo por ter plantado a ideia do mestrado, por me incentivar durante o processo, por me apoiar nos momentos difíceis e, claro, pelo auxílio técnico e profissional.

Às amigas e companheiras de trabalho Laura e Cida pela compreensão, paciência e apoio incondicional no decorrer do curso.

Ao meu querido orientador pela generosidade na orientação cuidadosa durante todo esse processo e por todo conhecimento compartilhado.

À banca examinadora, composta pela Professora Marianna Zattar e os professores Marco Schneider e Cláudio Paixão pelas contribuições tanto na qualificação do projeto quanto na defesa da dissertação.

E especialmente aos adolescentes dessa pesquisa, pela boa vontade em participar, pelo compromisso e interesse demonstrados durante as entrevistas.

Além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra.
(Freire; Shor, 1986)

RESUMO

O presente estudo apresenta o contexto atual de pós-verdade, desinformação e circulação de *fake news* sobre as urnas eletrônicas que ocorre nas redes sociais digitais. Está ancorado sob a perspectiva social da Ciência da Informação e no modelo teórico de estudos em práticas informacionais. Tem como objetivo investigar a partir das práticas informacionais dos adolescentes nas redes sociais, quais os critérios usados para a construção ou reafirmação do seu posicionamento em relação a credibilidade e aceitação das urnas eletrônicas utilizadas no processo eleitoral. Os dados que compõem a pesquisa foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com 15 adolescentes estudantes do Ensino Médio, com idades entre 17 e 18 anos que já possuíam o título de eleitor. Constatou-se que os adolescentes utilizam as redes sociais para estudar, se informar e se divertir. De modo geral, os participantes demonstraram preocupação com os efeitos negativos da circulação de *fake news* no ambiente digital. Todos os entrevistados afirmaram confiar na segurança e eficiência das urnas eletrônicas, essa credibilidade foi construída a partir da confiança nas autoridades responsáveis pela organização e divulgação do processo eleitoral.

Palavras-chave: práticas informacionais; desinformação; pós-verdade; redes sociais; urnas eletrônicas; adolescentes.

ABSTRACT

The present study presents the current context of post-truth, disinformation and circulation of *fake news* about the electronic ballot box that occurs in social networks. It is anchored under the social perspective of Information Science and the theoretical model of studies in informational practices. It aims to investigate from the informational practices of adolescents in social networks, which criteria are used to construct or reaffirm their position in relation to the credibility and acceptance of the electronic ballot boxes used in the electoral process. The data that make up the research were collected through semi-structured interviews with 15 adolescent high school students, aged between 17 and 18 years who already had a voter registration. It was found that adolescents use social networks to study, inform themselves and have fun. In general, participants showed concern about the negative effects of the circulation of *fake news* in the digital environment. All respondents said they trusted the security and efficiency of electronic voting machines, this credibility was built on trust in the authorities responsible for organizing and disseminating the electoral process.

Keywords: informational practices; misinformation; post-truth; social networks; teenagers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tweet sobre fraude nas urnas eletrônicas.....	31
Figura 2 – Tweet sobre necessidade do voto impresso	31
Figura 3 – Urna Eletrônica.....	37
Figura 4 – Evolução do Sistema de voto Brasileiro	38
Figura 5 – Descrição do dia da eleição	40
Figura 6 – Representação das redes sociais descritas pelos adolescentes.....	64
Figura 7 – Finalidade das redes	69
Figura 8 – Menções aos termos briga no grupo de família no Twitter	76
Figura 9 – Nuvem de palavras: impressões sobre as urnas eletrônicas	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Agentes	22
Quadro 2 – Mensagem.....	23
Quadro 3 – Intérprete	23
Quadro 4 – Tipos de desinformação	24
Quadro 5 – Conjunto das <i>fake news</i> mais compartilhadas	30
Quadro 6 – <i>Fake news</i> x Esclarecimentos da Justiça Eleitoral	33
Quadro 7 – Caracterização dos participantes da pesquisa	57
Quadro 8 – Eixos temáticos X objetivos.....	59
Quadro 9 – Síntese das categorias	62

LISTA DE ABREVIATURAS

CEV - Coletor Eletrônico de Votos

CGI.br - Comitê Gestor da Internet no Brasil

CI - Ciência da Informação

CPMI - Comissão Parlamentar Mista de Inquérito

CTA - Centro Técnico Aeroespacial

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ECI - Escola de Ciência da Informação

EM - Ensino Médio

Enem - Exame Nacional do Ensino Médio

EPIC - Estudos em Práticas Informacionais e Cultura

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

MPT - Ministério Público do Trabalho

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONG - Organização não governamental

PPED - Programa Permanente de Enfrentamento à Desinformação da Justiça Eleitoral

PPGCI - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

STF - Supremo Tribunal Federal

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

TREs - Tribunais Regionais Eleitorais

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFLEXÕES SOBRE O DESARRANJO INFORMACIONAL: DESINFORMAÇÃO E PÓS-VERDADE	18
2.1 Contexto de Cultura da Pós-verdade	18
2.2 Discussões sobre desinformação.....	22
2.2.1 A força das fake news	27
2.3 Desinformação eleitoral no Brasil.....	29
2.3.1 O ataque às urnas.....	32
2.3.2 Evolução do processo eleitoral brasileiro	35
2.3.3 O funcionamento e a segurança das urnas.....	39
3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS DOS SUJEITOS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS.....	42
3.1 Perspectivas das práticas informacionais.....	42
3.2 Adolescentes e o atual contexto digital	46
3.3 O papel das Redes sociais.....	50
4 PERCURSO METODOLÓGICO	55
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	62
5.1 Redes Sociais	63
5.1.1 Redes sociais usadas e suas respectivas finalidades.....	63
5.1.2 O que as redes sociais representam.....	69
5.1.3 Interação/ práticas nas redes sociais	71
5.1.4 Redes sociais como Fonte de informação.....	77
5.2 Processo eleitoral e as Urnas eletrônicas	88
5.2.1 Motivo da emissão do Título eleitoral	88
5.2.2 Informações sobre as urnas	90
5.2.3 Credibilidade das urnas/ Fraude nas eleições no Brasil.....	97
5.3 Desinformação/ Informação	103
5.3.1 O que se sabe sobre Fake news.....	103
5.3.2 Conceito de fake news para os entrevistados	106
5.3.3 Avaliação da informação (verdadeira ou falsa)	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	127
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE	129
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - TCLE	131

1 INTRODUÇÃO

A mentira tem perna curta. Será?

“A desinformação é o parasita do século XXI”, este é o título de um artigo escrito pelas pesquisadoras da PUC-SP, Margareth Boarini e Pollyana Ferrari (2020), que estudam o fenômeno da desinformação e da pós-verdade, ele representa de certa forma o retrato do desafio que a sociedade atual enfrenta.

No Brasil, uma amostra expressiva relacionada ao contexto de desinformação ocorreu nas eleições de 2018, em que a circulação massiva de informação falsa inundou as redes sociais digitais (RSDs), segundo o diretor da ONG SaferNet e integrante do Conselho Consultivo do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para *fake news* Tiago Tavares, a eleição de 2018 foi marcada por uma avalanche de desinformação produzida em “escala industrial” com o objetivo de confundir o eleitor e prejudicar candidaturas (Valente, 2018).

Em 2022, o processo eleitoral como um todo esteve sob ataque, e, novamente foi através das RSDs e dos aplicativos de mensagens que informações enganosas circularam inclusive, com a contribuição frequente das falas do então presidente Jair Bolsonaro e de seus aliados sobre uma suposta fragilidade das urnas eletrônicas. Até uma reunião com embaixadores no Palácio da Alvorada para descredibilizar as urnas eletrônicas ele promoveu.

A campanha de desinformação executada ao longo dos quatro anos do governo Bolsonaro insuflou boa parte dos seus apoiadores a praticar toda e qualquer ação que buscasse defender os interesses do presidente à época. Com isso, logo após o resultado das eleições, vários atos violentos foram executados por seus apoiadores.

Primeiro, organizaram bloqueios ilegais em muitas estradas pelo país, depois montaram acampamentos nas portas dos quartéis defendendo pautas antidemocráticas. Promoveram uma noite de vandalismo logo após a diplomação do presidente Lula e também a instalação de um artefato explosivo próximo ao aeroporto de Brasília na véspera do natal. E por último, o episódio que ficou marcado como “dia 08 de janeiro de 2023” em que as sedes dos três poderes foram atacadas por uma multidão de golpistas, causando a destruição do patrimônio público sem precedentes.

Todas essas ações foram motivadas principalmente por desinformação sobre o processo eleitoral que ganhou força nas redes sociais quando Bolsonaro demorou a reconhecer a derrota no segundo turno, influenciando pessoas no sentido de que seus atos poderiam reverter o resultado do pleito.

Os termos pós-verdade e desinformação, relacionados ao atual regime de informação, como as condições de produção, circulação e uso da informação, especialmente nas redes sociais digitais - locais onde esses termos ganham forma, se processam e são amplamente disseminados, refletem um quadro de desordem informacional (Brisola, Bezerra, 2018) que podem ajudar a explicar como as decisões baseadas em desinformação podem promover atitudes como as dos atos acima descritos.

A pós-verdade ganhou notoriedade quando o dicionário Oxford a considerou como a palavra do ano de 2016 e a descreveu como um adjetivo relacionado a “circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais” (Oxford Languages, 2016).

A desinformação por sua vez, compreende, na visão de Ripoll e Mattos (2020, p.99), “de maneira geral, uma série de conceitos que são o oposto do ato de informar, ou que, pelo menos, não pretendem atender ao critério de veracidade da informação”. O conceito de desinformação pode ser utilizado para compreender as sofisticadas técnicas de produção de mentiras, relacionadas à dimensão intencional de produção de falsidade e para o que diz respeito aos efeitos dessas ações, o estado de caos e confusão que gera nas pessoas que usam informações para tomar decisões (Araújo, 2021a).

Nesta nova conjuntura informacional, o volume de informações verdadeiras e/ou falsas circulando principalmente nos meios digitais, parece promover em algumas pessoas, em detrimento do seu objetivo de comunicar e instruir, acúmulos e cargas vazias que não acrescentam no conhecimento de quem as encontram. (Silva, 2020). Com isso, nota-se que o comportamento e as práticas sociais adotadas na atualidade são influenciados e até modificados pela nova forma de se relacionar com a informação e com as tecnologias de informação e comunicação que mediam essa relação.

O consumo diário de grande quantidade de informação e a maneira com que vários usuários, em especial os adolescentes, sujeitos dessa pesquisa, passaram a se relacionar com a informação mediada por algoritmos (Bezerra, 2017),

constituindo as redes sociais digitais como um espaço de interação, de aprendizagem e de fontes de informação importante para sua vida cultural, acadêmica e social (Kimm, Boase, 2019), tem proporcionado o acesso à desinformação em uma velocidade nunca vista.

Em 2022, o TSE celebrou o recorde de registros de novos eleitores na faixa etária entre 16 e 18 anos (Brasil, 2022a). Segundo especialistas, essa conquista só foi possível porque a justiça eleitoral optou por se comunicar com esses jovens através de meios virtuais como as redes sociais do TSE e Tribunais Regionais Eleitorais (TREs) e também adotando parcerias com diversos influenciadores digitais, organizações da sociedade civil e instituições públicas e privadas para mobilizar e incentivar a juventude sobre a importância do voto (Brasil, 2022a; Farias; Pinhoni, 2022).

Após observar o expressivo engajamento desses adolescentes no processo de alistamento eleitoral, importa conhecer e compreender a percepção que eles possuem sobre a segurança e a confiabilidade das urnas eletrônicas, bem como suas práticas informacionais nas redes sociais digitais com relação à busca, uso e compartilhamento de informação diante desse contexto de desinformação e de pós-verdade com difusão de informações falsas, manipuladas ou imprecisas sobre a idoneidade do processo eleitoral.

A partir das considerações acima, busca-se investigar a seguinte questão: Qual o posicionamento dos adolescentes em idade eleitoral quanto a segurança e a confiabilidade das urnas eletrônicas? Como eles constroem através de suas práticas informacionais no ambiente das redes sociais digitais a convicção de credibilidade ou não do sistema eletrônico de votação adotado no Brasil?

Este estudo se justifica sob a reflexão da necessidade de compreender o fenômeno da pós-verdade e o contexto de desinformação atual, sob o olhar da Ciência da Informação (CI), assim como na identificação de suas variáveis e na formulação de ferramentas ou estratégias que possam combater seus efeitos negativos na sociedade, especialmente entre os Nativos Digitais - expressão usada para descrever algumas propriedades comuns à geração de pessoas que nasceram e vivem em um contexto de uso de tecnologias digitais (Palfrey; Gasser, 2011), que nesta pesquisa estão representados por alunos do Ensino Médio, que estão em processo de formação informacional, habilitados ao exercício do voto.

Interessa conhecer o comportamento e as ações desses adolescentes, aqui entendidos como sujeitos informacionais, pessoas que usam, produzem e disseminam informações, construindo-as intersubjetivamente (Rocha, Gandra, 2018; Araújo, 2013), através do estudo das práticas informacionais, perspectiva que permite compreender a intersubjetividade existente entre esses indivíduos, bem como, entre estes e a informação em contextos socioculturais distintos (Nunes, Carneiro, 2019), pois, além de serem impactados pela desinformação, os adolescentes podem ser agentes propagadores de notícias falsas.

Com isso, convém realizar esta pesquisa sob a perspectiva de práticas informacionais porque nesta abordagem é possível capturar “o que é propriamente humano nos usuários da informação: sua capacidade imaginativa, criadora, na apropriação da informação” (Araújo, Duarte, Dumont, 2019), e esclarecer determinadas questões relacionadas à informação que não foram abordadas em outras perspectivas de estudo. Por exemplo, estudar a capacidade dos adolescentes em estabelecer confiança nas urnas eletrônicas, bem como os critérios utilizados na construção dessa confiança, entendendo que a efetiva participação no processo eleitoral impacta diretamente suas vidas.

Acredita-se que o tema proposto é relevante para o momento atual em que as urnas eletrônicas, bem como todo o processo eleitoral brasileiro são alvos de desinformação, especialmente nos ambientes das redes sociais digitais.

O estudo proposto é desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Escola de Ciência da Informação (ECI), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dentro da linha de pesquisa Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais, também integra os trabalhos do grupo de pesquisa Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC).

Diante disso, o objetivo central desta pesquisa é investigar a partir das práticas informacionais dos adolescentes nas redes sociais digitais, quais os critérios usados por adolescentes em idade eleitoral para a construção ou reafirmação dos seus posicionamentos em relação à credibilidade e aceitação das urnas eletrônicas utilizadas no processo eleitoral brasileiro.

Desta forma, os objetivos específicos são:

- Identificar os principais tipos de fontes de informação (família, escola, de mídias digitais - redes sociais digitais e/ou perfil) acessadas pelo grupo estudado para obter informação;

- Verificar quais os critérios utilizados pelos adolescentes para escolher a rede social usada e/ou perfil a seguir como fonte de informação;
- Averiguar as possíveis interferências (influências) das informações veiculadas por essas fontes (redes e/ou perfis) nas decisões (ou engajamento) desses adolescentes em confiar ou não na urna eletrônica;
- Analisar a capacidade dos adolescentes em diferenciarem informações disponíveis nessas redes e/ou perfis como informação ou desinformação.

A estrutura desta dissertação abrange mais cinco seções além da introdução. Na segunda seção referente ao aporte teórico, é apresentado o contexto informacional no qual se desenvolve a pesquisa, assinalado pelos fenômenos da Desinformação e da Pós-verdade como elementos responsáveis pelo desarranjo informacional atual, em particular as *fake news* sobre o processo eleitoral.

A terceira Seção aborda as Práticas informacionais dos sujeitos Adolescentes nas Redes Sociais Digitais, traz a abordagem de estudo adotada e o grupo pesquisado bem como sua relação informacional com o ambiente de redes sociais.

O percurso metodológico da pesquisa está descrito na seção quatro, na qual todas as etapas, os métodos e as técnicas adotadas no desenvolvimento do estudo são apresentados.

Na sequência consta a Análise dos Dados, seção em que a interpretação e compreensão da relação dos adolescentes com a informação e a desinformação em ambiente de rede social digital são discutidas, assim como os critérios utilizados por eles na construção ou reafirmação dos seus posicionamentos em relação à credibilidade e aceitação das urnas eletrônicas utilizadas no processo eleitoral.

Por fim, na última seção, Considerações finais, algumas reflexões e considerações sobre como as práticas informacionais desenvolvidas pelos adolescentes em ambiente digital marcado por desinformação, bem como no ambiente escolar e familiar imbuído de autoridades cognitivas influenciaram na capacidade de identificar uma informação falsa e conseqüentemente em confiar ou não no sistema eletrônico de votação Brasileiro.

2 REFLEXÕES SOBRE O DESARRANJO INFORMACIONAL: Desinformação e Pós-verdade

Nesta seção será apresentado o contexto em que se desenvolve este estudo. Marcado por uma importante desordem informacional, promovida principalmente pela ampla divulgação nas redes sociais digitais, os fenômenos como a Desinformação e a Pós-verdade estão presentes no cotidiano de toda a sociedade Brasileira e tem impactado a tomada de decisão das pessoas em diferentes aspectos da vida cotidiana.

2.1 Contexto de Cultura da Pós-verdade

A expressão pós-verdade passou a ser usada com frequência nos últimos anos, em diferentes ambientes, campos do conhecimento e países sem maior aprofundamento sobre seu significado e os impactos que causa na sociedade. Para a presente pesquisa é fundamental compreender esse fenômeno que configura o contexto informacional atual em que é realizado o estudo.

O termo ganhou notoriedade quando o dicionário Oxford o considerou como a palavra do ano de 2016 e o descreveu como um adjetivo relacionado a “circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais” (Oxford Languages, 2016).

A notoriedade está relacionada a dois importantes eventos, a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e o referendo que decidiu pela retirada do Reino Unido da União Europeia, ambos os eventos marcados por forte divulgação de informações falsas disseminadas, especialmente por meio das mídias sociais, impactando diretamente nas decisões dos cidadãos desses países.

D’Ancona (2018) destaca que o ano de 2016 demarca a era da pós-verdade de forma definitiva:

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia (D’Ancona, 2018, p. 19).

Nesta nova era as informações falsas são utilizadas como estratégia político-ideológica para descredibilizar instituições democráticas tradicionais e promover a quebra da confiança nas mesmas, considerada como mecanismo fundamental de sobrevivência humana e base para o sucesso de qualquer relacionamento humano, assim, essa desconfiança nas instituições cria uma tendência à crença em teorias conspiratórias, tendo, assim, um campo favorável para a desinformação (D’Ancona, 2018).

Lúcia Santaella (2018) entende que a pós-verdade pode ser estruturada por dois processos:

O primeiro é a formação das “bolhas” ou “câmaras de eco” nas quais os indivíduos ficam isolados, fechados a novas ideias, assuntos e informações importantes, sobretudo na política, e acabam se expondo quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo. “Essa unilateralidade pode gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante” (Santaella, 2018, p.62).

A autora também alerta que à medida que cresce o papel das mídias sociais na difusão de informações, há um perigo crescente de reforçar as bolhas, produzindo a impressão equivocada de que estamos corretos, reforçando preconceitos e disseminando desinformação (Santaella, 2018).

O segundo processo que estrutura a pós-verdade é a propagação de notícias falsas, definidas por Santaella (2018, p. 250) como “notícias, estórias, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras” e que podem influenciar as crenças das pessoas, manipulando politicamente ou causando confusões em prol de interesses escusos. Assim, apesar das bolhas não serem a causa das notícias falsas, elas colaboram no seu processo de propagação.

O filósofo da ciência Lee C. McIntyre também estuda o fenômeno da pós-verdade e ao reconhecer seus efeitos negativos na sociedade, argumenta que para combatê-la é preciso primeiro entender sua origem.

Com isso, McIntyre (2018) citado por Araújo (2021b) aponta cinco fatores que encaminham à condição da pós-verdade:

O primeiro é o negacionismo científico, movimento em que a autoridade científica passou a ser questionada por pessoas comuns, assim, sempre que a

ciência descobre uma verdade que desagrade determinado grupo, são promovidas discussões para desacreditar ou mesmo incitar dúvidas às descobertas científicas.

Outro fator que se relaciona com o ser humano é o viés cognitivo, também conhecido com viés de confirmação ou dissonância cognitiva. Consiste em uma tendência do ser humano a formar suas crenças e visões de mundo sem se basear na razão e nas evidências, a fim de evitar o descontentamento psíquico.

O terceiro fator está relacionado com a diminuição da importância dos meios de comunicação tradicionais entre as pessoas, verificado através da preferência em acompanhar notícias e informações através das redes sociais digitais, fenômeno conhecido por desintermediação.

O apogeu das redes sociais digitais é o quarto fator que conduz à pós-verdade. Constituídas a partir de algoritmos que selecionam informações direcionadas conforme o gosto e preferência das pessoas (fenômeno conhecido como efeito bolha), sendo as redes sociais digitais consideradas um ambiente privilegiado, no qual as pessoas recebem informações e notícias do mundo.

E como quinto fator, o pesquisador aponta a relativização da verdade promovida pelo pós-modernismo (movimento que questionou a ideia de existência de uma verdade absoluta ou única).

No campo político, alguns grupos absorveram e reinterpretaram convenientemente a crítica de verdade única, declarando que tudo seria ideológico, com isso, “não existe verdade, somente fatos alternativos” (Araújo, 2020, p.38).

Para Dunker (2021, p. 34), o fenômeno da pós-verdade envolve uma “combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira”. Nesta perspectiva, o conceito de pós-verdade consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e no predomínio do discurso emotivo.

Para além dos fatores e processos citados pelos autores acima, Araújo (2020), compreende a pós-verdade como um problema humano, na medida em que está relacionado com mentalidades e atitudes de desdenhar da verdade, aceitando, naturalizando e estimulando o desinteresse pelo reconhecimento da verdade.

Assim, como postulou Tesich, (1992), citado por Siebert e Pereira, (2020), a pós-verdade é um sentimento coletivo que não só permite que informações de caráter duvidoso circulem como também as incentiva, desde que tragam alguma espécie de alívio moral e ético aos sujeitos. No seu estado de descrença, o sujeito

precisa se agarrar a algo em que possa acreditar cegamente (Tersich, 1992 *apud* Siebert; Pereira, 2020).

Ao analisar a pós-verdade no Brasil, Souza (2022, p. 330) destaca que ela emerge em um contexto de grandes transformações tecnológicas e sociais e que seus desdobramentos políticos convergiram para “um assombroso descrédito para com as instituições democráticas, perceptíveis em muitos eventos políticos”.

Com isso, Souza (2022, p. 330) afirma que:

o colapso acerca da intermediação da comunicação política no Brasil, surge atrelado as características da pós-verdade, mas especialmente, relacionado aos eventos das manifestações de junho 2013, agravados no decurso dos anos de 2014 e 2016 pelas intensas mobilizações sociais contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff, culminando nas eleições de 2018, produzindo a dimensão máxima da pós-verdade, ou seja, antipolítica (Souza, 2022, p.330).

Aliado a esse cenário de agitação social, a difusão em larga escala de *fake news* especialmente através das redes sociais digitais e aplicativos de mensagem como o WhatsApp, que passaram a fazer parte do dia a dia da população, proporcionou o acirramento político, ampliando a polarização nas redes, ambiente perfeito para a formação das bolhas (Souza, 2022; Santaella, 2018).

De acordo com Araújo (2021b, p.08) a “pós-verdade é um fenômeno relacionado à disseminação em massa de informações falsas (*fake news*), mediante um clima e um contexto favorável à sua propagação”, que visam a manipulação de atitudes, opiniões e crenças, instaurando a desconfiança em autoridades estabelecidas e descredibilizando fontes, permitindo que a desinformação tome o comando (Santaella, 2018).

Portanto, esse fenômeno configura-se como uma cultura que manifesta um desprezo pela verdade, impactando diretamente no modo com que os processos informacionais são decididos, utilizando a informação como uma ferramenta para criar e semear dúvidas e principalmente instigar a desconfiança em instituições tradicionais.

2.2 Discussões sobre desinformação

O que é desinformação? Quais os seus impactos na sociedade? Estas perguntas são indispensáveis para compreender como e porque uma sociedade forjada no amplo acesso à informação, bem como nas tecnologias de comunicação e informação tem sido impactada negativamente pela abundância informacional, a ponto de interferir no bem estar social de vários países em um curto período de tempo.

Fallis (2015) defende que é preciso melhorar nossa compreensão sobre a natureza e a finalidade da desinformação para depois desenvolver técnicas e políticas para impedir sua disseminação.

Essa compreensão pode partir da afirmação de Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017) de que para ocorrer a desinformação são necessários três elementos: o agente, a mensagem e o intérprete. Abaixo seguem as características de cada um deles (Quadros 1-3).

Quadro 1 – Agentes

Tipos	Oficiais (serviços de inteligência, partidos políticos, organizações de mídia) ou não oficiais (clubes, grupos de interesse ou ativistas);
Nível de organização	Podem trabalhar individualmente, em grupos formais (como associações ou empresas de lobby) ou em grupos ocasionais, criados em torno de interesses comuns;
Motivações	Quatro fatores potenciais: Financeiro (lucrar com o fluxo trazido pelos conteúdos através de publicidade), Político (desacreditar um candidato ou grupo rival), Social (criar conexão com certo grupo) e psicológico (buscar prestígio pessoal ou autoafirmação);
Audiência potencial	As ações podem mirar em grupos sociais recortados por características socioeconômicas, mailings e grupos fechados, ou para a sociedade como um todo;
Intenção	O agente quer enganar a audiência? Ou provocar danos a algum grupo ou algo?

Fonte: Wardle e Derakhshan, 2017, p. 25

Quadro 2 – Mensagem

Durabilidade	Mensagens podem ser criadas para durarem indefinidamente ou apenas por um curto espaço de tempo (por exemplo, durante um evento de grande relevância);
Exatidão	Qual é o grau de acurácia das informações contidas na mensagem? Podem ser informações corretas, mas descontextualizadas ou disseminadas com intenção de causar dano (mal-informação). Ou podem ser dados falsos, em parte ou na sua totalidade;
Legalidade	Mensagens podem ser legais ou ilegais (com discurso de ódio, invasão de privacidade ou assédio).
Emissor impostor	Mensagens podem conter assinaturas ou marcas falsas de pessoas ou instituições para conferir credibilidade;
Alvo planejado	Mensagens podem ter um público de destino, uma audiência que deseja influenciar, identificados com clareza, ou serem genéricas.

Fonte: Wardle e Derakhshan, 2017, p.27

Quadro 3 – Intérprete

Leitura	Hegemônica, oposicional ou negociada ¹ ;
Ação tomada	Ignora, compartilha em apoio ao emissor ou à ideia defendida na peça de conteúdo ou compartilha em oposição ao emissor ou à ideia.

Fonte: Wardle e Derakhshan, 2017, p.28

Dessa forma, observa-se que o agente é o responsável pela criação, produção e distribuição da informação/desinformação e sua motivação pode variar entre objetivos financeiros, políticos, sociais e psicológicos. As mensagens compartilhadas podem ter formas e características distintas, direcionadas a um público específico ou espalhadas aleatoriamente. Por fim, o interprete ou o receptor, é o consumidor final que fará uma interpretação do que recebeu, podendo ou não agir com base no que interpretou. No contexto digital, a depender da ação tomada pelo interprete, ele pode se tornar um novo agente propagador de desinformação mesmo sem ter a intenção de sê-lo.

No estudo sobre desinformação de Heller, Jacobi e Borges (2020), ancorado na perspectiva de Wardle e Derakhshan (2017) os tipos de desinformação estão

¹ Referência às três posições hipotéticas de interpretação da mensagem midiática identificadas por Stuart Hall (2003).

diretamente ligados à intenção do agente que são os disseminadores de desinformação.

Segundo Heller, Jacobi e Borges (2020, p.196), os disseminadores de desinformação apoiam-se em três principais fragilidades da sociedade:

- Crenças pessoais: as ideologias pessoais constituídas ao longo do tempo são a principal fragilidade para atingir um indivíduo;
- Ganhos pessoais: quando um indivíduo cria uma desinformação para lucrar de alguma maneira;
- Psicológicas: constituem-se das emoções e dos sentimentos vinculados à informação, ou seja, uma informação tendenciosa que se apoie nas emoções de determinado grupo.

A fim de oferecer um panorama completo sobre os tipos de desinformação, e seus conceitos, decidimos apresentar o Quadro 4 com uma síntese, organizado pelos pesquisadores Heller, Jacobi e Borges (2020) para evidenciar a “cara” da desinformação.

Quadro 4 – Tipos de desinformação

	Tipo	Conceito	Exemplos de conteúdo
Wardle (2016)	Sátira ou paródia	Nenhuma intenção de prejudicar, mas tem potencial de enganar quem desconhece o contexto;	Memes
	Conexão falsa	Quando manchetes, ilustrações ou legendas não confirmam o conteúdo;	Notícias
	Conteúdo enganoso	Uso enganoso de informações para atrair um leitor para determinada comunicação;	Manchete tendenciosa
	Contexto falso	Quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informação contextual falsa;	Junknews ²
	Conteúdo impostor	Quando fontes genuínas são imitadas;	Artigo científico plagiado
	Contexto manipulado	Quando a informação ou imagem genuína é manipulada para enganar;	Deep Fake news
	Conteúdo	Conteúdo novo, que é 100% falso, criado	Fake news

² Notícias que se “caracterizam por tirar o contexto de determinado assunto para dar outro sentido àquela notícia ou fato” (Aidar; Alves, 2019, p. 19).

	fabricado	para ludibriar e prejudicar;	(notícias falsas)
Volkoff (2015)	Ocultação de informações	Quando informações são ocultadas em um conteúdo para torná-lo mais atrativo;	Alguns textos governamentais
	Sobrecarga informacional	Informações excessivas com a intenção de saturar a atenção e, conseqüentemente, o sentido para determinado conteúdo;	Infodemia ³
Pariser (2012)	Falta de informação	Quando não se procura pela informação porque não há interesse, ou porque não se sabe onde procurar ou sequer sabe-se da sua existência.	Bolha informacional

Fonte: Heller, Jacobi e Borges (2020, p.197)

No campo da Ciência da Informação e áreas afins, muitos estudos compreendem a desinformação como uma informação para além das chamadas *fake news*, conforme os autores Heller, Jacobi e Borges (2020, p.193), para melhor descrever a desinformação “é importante considerar todo e qualquer tipo de manifestação que venha a enganar, seja um texto escrito ou uma imagem, ou até mesmo um discurso mal comunicado ou enviesado”.

Nesse cenário, Wardle e Derakhshan (2017) entendem que o conceito compreende três sentidos diferentes: a *disinformation*, a *misinformation* e a *malinformation*. No primeiro, a desinformação, refere-se às informações fabricadas ou manipuladas, de interesse público, espalhadas com a intenção de manipular ou influenciar a opinião pública. No segundo, a *misinformation*, por sua vez, refere-se às informações falsas não espalhadas de modo intencional. E por fim, a *malinformation* compreende a “publicação deliberada” de conteúdo privado, tal como imagens íntimas, fotos e informações pessoais, com o interesse de agredir alguém (Recuero, 2020).

A Organização Pan-Americana da Saúde (2020) trabalha com a ideia de que a desinformação se refere especificamente a uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar.

Salgado e Mattos (2021, p. 46) entendem que a desinformação (constituída por uma pluralidade de dinâmicas que articulam processos de imitação, contágio, silenciamento e propagação intensa de fluxos dispersos de opiniões nas redes

³ “[...] excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa.” Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 01 dez. 2022.

sociais on-line) se configura hoje como dinâmica de produção, circulação e validação de pseudo-certezas, isto é, de informações que tendem a se aproximar de uma suposta verdade.

Araújo (2021c, p.6) acrescenta que a expressão desinformação também tem sido usada com dois sentidos:

o primeiro se refere às sofisticadas técnicas de produção de mentiras, portanto à dimensão estratégica e intencional de produção da falsidade e o segundo diz respeito ao estado de caos, de confusão, de dúvida, gerado em amplas parcelas da população que justamente necessitam e/ou buscam informação para definir suas opiniões e tomar suas decisões (Araújo, 2021c, p.6)

É importante destacar ainda outros dois pontos acerca da desinformação: o primeiro, diz respeito à criação de um clima de opinião pública, por diferentes meios de comunicação, para propagar a opinião, as ideias e as crenças que lhes convém, convertendo posteriormente em um fluxo popular. (Salgado; Mattos, 2021).

O segundo ponto, diz respeito à “linguagem que é utilizada para dar aparência de informação à opinião, sugerindo neutralidade e distanciamento, quando na verdade carrega envolvimento e parcialidade” (Brisola; Bezerra, 2018, p.3322).

Em ambos os pontos, o ambiente digital, em especial as redes sociais digitais tem sido o principal meio utilizado para a propagação de ideias e crenças que levam à desinformação e são disseminadas muito facilmente pelo tipo de linguagem que são inseridas nessas redes.

O que se discute como desinformação nesse estudo, está relacionado com o conceito defendido por Brisola e Bezerra (2018, p.3319), que entendem que atualmente o termo desinformação tem sido utilizado para descrever um cenário complexo com ações que envolvem “informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde”. Esse cenário informacional complexo característico do atual momento tem influenciado a formação da opinião pública e muitas vezes decisões são tomadas com base em sentimentos, frequentemente, sentimentos de medo e ódio em detrimento de fatos objetivos e informações baseadas em evidências.

No campo da política, desde 2016, com a eleição de Trump nos Estados Unidos e a saída do Reino Unido da União Europeia foi possível verificar a força que

esse fenômeno tem para influenciar boa parte da população apta ao exercício do voto a tomar decisões que impactaram negativamente as suas vidas. No Brasil, “as eleições de 2018 foram decididas baseadas em *fake news*, ou seja, em fatos falaciosos que passaram a ser instrumentalizados estrategicamente na busca pelo efeito de verdade” (Rosa, Souza, Camargo, 2020).

D’Ancona (2018) demonstra que as decisões dos eleitores foram tomadas com base em informações que não eram verídicas, mas que se tornaram verdades em suas consequências, justamente porque não houve filtros suficientes que pudessem definir a qualidade das informações que circulavam naqueles contextos eleitorais.

2.2.1 A força das *fake news*

O fenômeno de espalhamento de *fake news* observado nos últimos anos, causa espanto e preocupação devido à velocidade com que elas circulam e também o impacto que elas causam nas decisões das pessoas. O termo *fake news* tem sido usado em diferentes situações, que não se referem à mesma coisa, como clickbaits, teorias da conspiração, sátira e paródia de notícias reais, propaganda política e etc (Tandoc Jr.; Wei Lim; Ling, 2017 *apud* Recuero, 2020).

No entanto, os pesquisadores Allcott e Gentzkow (2017, p. 213) definem *fake news* como “artigos de notícias que são intencionalmente e verificadamente falsos, que podem enganar seus leitores”. Essa definição vai ao encontro da definição de desinformação de Wardle e Derakhshane (2017) sobre a informação fabricada de interesse público, espalhadas com a intenção deliberada de manipular a opinião pública. Dessa forma, a circulação de *fake news* tende a alimentar a desinformação.

Mello e Schneider (2021, p. 5) acrescentam que “esse fenômeno decorre do fato de se constituírem numa modalidade de desinformação digital em rede”. Assim em um contexto de amplo uso de conteúdos digitais, aliado à cultura de pós-verdade instituída em determinados grupos, a possibilidade dos indivíduos serem enganados e manipulados pelas *fake news* é grande, e os efeitos das decisões tomadas com base em mentiras podem ser desastrosas.

Com a possibilidade de qualquer pessoa criar conteúdo e expressar sua opinião através dos novos recursos tecnológicos digitais e sem qualquer verificação ou julgamento editorial, as *fake news* foram amplamente impulsionadas,

especialmente quando o assunto traz alguma polêmica ou discordância entre polos ideológicos opostos.

Nos últimos anos, um importante exemplo dessa situação, ocorreu na área da saúde, durante a pandemia de Covid-19, a inundação de *fake news* que circularam nas redes sociais com posicionamentos de negação ou displicências sobre a gravidade da doença, causou muitos prejuízos para a saúde das pessoas que tomaram decisões baseadas nelas.

O campo político também tem sido fortemente impactado pelas *fake news*, como já apresentado anteriormente, nos episódios que marcaram a literatura, sendo as eleições americanas de 2016 e a saída do Reino Unido da União Europeia como os mais citados até o momento. No Brasil, a força desse fenômeno foi identificada como uma importante estratégia política nas duas últimas eleições presidenciais.

Brisola e Bezerra (2018) apresentam dois motivos para a produção e divulgação das *fake news*: no primeiro, as *fake news* são um negócio lucrativo e o segundo, esta relacionado com a questão ideológica. Com relação ao primeiro motivo, observa-se que os conteúdos falsos chamam muita atenção das pessoas, despertam sentimentos e tendem a gerar engajamento através de cliques, visualização e compartilhamento, essas ações promovem lucro para os produtores, portanto *fake news* engajada é uma boa forma de gerar renda.

A questão ideologia, de certa forma também é impulsionada pela emoção ou pela crença dos indivíduos, pois há “pessoas que acreditam em uma determinada ideologia e querem atrapalhar, humilhar e desacreditar o ‘outro lado’, para legitimar a ideia de supremacia ideológica” (Brisola, Bezerra, 2018, p. 3326). Todo esse processo é favorecido pela mediação algorítmica das redes sociais que produz o chamado efeito bolha, mantendo as pessoas isoladas em suas bolhas ideológicas, compartilhando, acreditando e tomando decisões somente baseados nessa realidade muitas vezes ilusórias.

Durante todo o ano de 2022 as urnas eletrônicas foram alvos de *fake news* produzidas e divulgadas por pessoas comuns, autoridades políticas, veículos de comunicação. O impulsionamento de *fake news* foi provocado intencionalmente com fins eleitoreiros pelo presidente Bolsonaro, o objetivo era desacreditar o processo eleitoral para que, caso o resultado não fosse favorável, haveria um motivo para mobilizar e engajar seus os eleitores em ações a seu favor. No final do pleito foi exatamente isso que ocorreu.

2.3 Desinformação eleitoral no Brasil

A eleição brasileira de 2018, foi marcada por uma amostra expressiva de circulação de informação falsa que inundou as redes sociais digitais, especificamente o WhatsApp, com informações falsas sobre os candidatos e suas propostas bem como o processo eleitoral (Costa, 2019).

De acordo com Rosa, Souza e Camargo (2020),

enquanto que as eleições precedentes eram norteadas principalmente por informações proferidas e compartilhadas pelos candidatos através dos grandes meios de comunicação corporativos como o jornal, o rádio e a televisão, [...] em 2018, passaram a ser guiadas, sobretudo, pela internet e, portanto, por ferramentas comunicacionais produzidas em um contexto altamente dinâmico através de aplicativos de aparelhos celulares como o WhatsApp, bem como de páginas pessoais como o Facebook, Instagram, Twitter e, principalmente o Youtube, dentre outras (Rosa, Souza, Camargo, 2020).

Essa dinâmica informacional de produção e circulação de informações falsas sobre política, durante período eleitoral nos ambientes digitais, passou a orientar as decisões de muitos eleitores (Rosa, Souza, Camargo, 2020). Beneficiando alguns candidatos, conforme demonstra a reportagem do jornal britânico *The Guardian*, publicada em 30 de outubro de 2019, que sugere que o ex – presidente Jair Bolsonaro foi favorecido pelo disparo de mensagens falsas através do WhatsApp durante os dois meses de campanha da eleição de 2018.

O Brasil presenciou uma campanha baseada em notícias falsas e/ou enviesadas através do uso de plataformas de redes sociais que se tornaram um “instrumento primordial na estratégia de determinados grupos para atrair tráfego digital, engajar ou até mesmo influenciar debates, desmobilizar opositores e gerar falso apoio político” (Ruediger, 2019, p.3).

A pesquisadora Tatiana Dourado (2020) registrou a circulação de 346 *fake news* durante o período eleitoral de 2018. Conforme apuração da pesquisadora 72,54% das *fake news* potencialmente beneficiaria direta ou indiretamente Jair Bolsonaro e 11,56% beneficiaria Lula/Fernando Haddad; e 15,31% potencialmente prejudicariam a candidatura de Jair Bolsonaro e 48,26% a de Lula/Haddad, direta ou indiretamente.

Dentre as várias *fake news* que circularam durante as eleições naquele ano, Dourado (2020) selecionou entre as mais populares um grupo de histórias (Quadro 5) que obteve entre 100 e 200 mil compartilhamentos.

Quadro 5 – Conjunto das *fake news* mais compartilhadas

Título	Volume de compartilhamentos	Classificação
Urna eletrônica fraudada mostra voto para Haddad quando 1 é digitado.	496.688	Pró-Bolsonaro
Haddad fez vídeo dizendo que jogou a toalha e que a eleição para a Presidência acabou.	397.966	Anti-Lula/Haddad
Rodrigo Santoro aparece com camisa de apoio a Bolsonaro.	238.861	Pró-Bolsonaro
Amelinha Teles matou militares na ditadura.	182.630	Anti-Lula/Haddad
Haddad confessa que Lula será o verdadeiro presidente em caso de vitória.	180.278	Anti-Lula/Haddad
Lula, em vídeo, relaciona o PT ao fascismo e ao nazismo, menos à democracia.	159.791	Anti-Lula/Haddad
Haddad disse que criança vira propriedade do Estado aos 5 anos e pode ter seu gênero escolhido.	148.000	Anti-Lula/Haddad
Foto de protesto contra Bolsonaro no Largo da Batata é de carnaval de 2017.	142.793	Pró-Bolsonaro
Haddad tem 9.909 votos em seção com 777 eleitores, mostra boletim de urna.	131.054	Anti-Lula/Haddad
Manuela D'Ávila, vice de Haddad, diz que cristianismo vai desaparecer.	128.310	Anti-Lula/Haddad
Palocci denuncia fraude nas urnas eletrônicas feita pelo PT em 2014.	117.494	Anti-Lula/Haddad

Fonte: Dourado (2020)

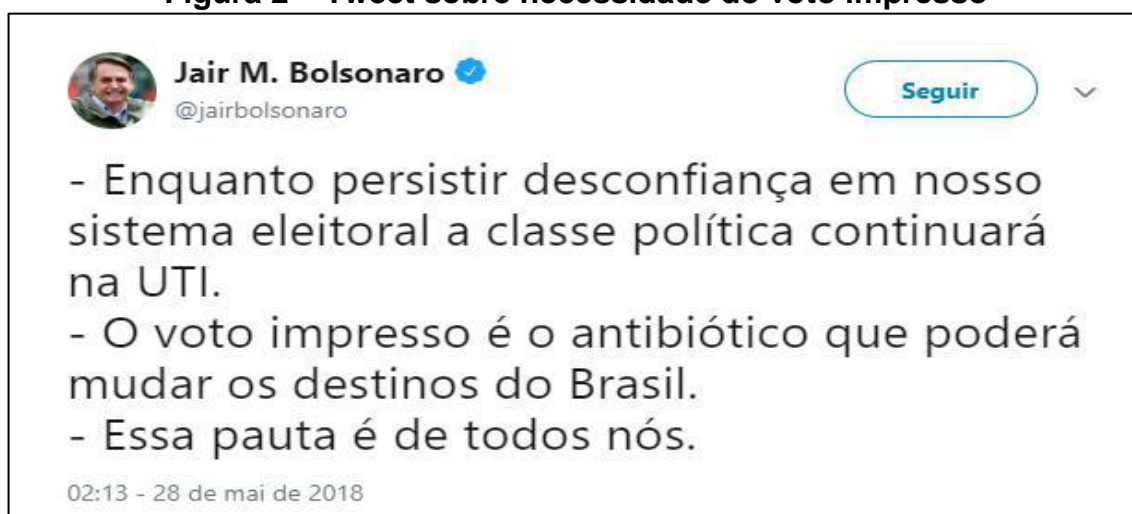
Coaduna com o teor de três *fake news* sobre as urnas eletrônicas apresentadas no quadro acima, duas postagens (Figuras 1 e 2) do então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro, que no início daquele ano já promovia a desconfiança no processo eleitoral.

Figura 1 – Tweet sobre fraude nas urnas eletrônicas



Fonte: Twitter oficial de Jair Bolsonaro⁴

Figura 2 – Tweet sobre necessidade do voto impresso



Fonte: Twitter oficial de Jair Bolsonaro⁵

Ao observar o volume no compartilhamento das informações falsas, apontado na tese de Dourado (2020), é possível compreender porque o ano de 2018 foi decisivo para o desenvolvimento de diversas frentes de estudo e de combate, instituídos por diferentes setores da sociedade, tais como aprimoramento das agências de checagem na verificação das informações, a instauração de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para investigar a circulação de notícias falsas nas eleições de 2018, bem como o Programa Permanente de Enfrentamento à Desinformação da Justiça Eleitoral (PPED), instituído em 04 de agosto de 2021, tendo como escopo a redução dos efeitos nocivos da desinformação relacionada à Justiça Eleitoral e aos seus integrantes, ao sistema

⁴Ver: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/960683028044447744>

⁵Ver: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1001028790569635840>

eletrônico de votação, ao processo eleitoral em suas diferentes fases e aos atores nele envolvidos (Gama, 2022; Chicarino, Conceição, 2020; Brasil, 2022b).

Ao longo dos quatro anos, observou-se que Bolsonaro utilizou a desinformação como estratégia política e eleitoral conforme demonstra a plataforma jornalística de investigação de campanhas de desinformação e de checagem Aos Fatos, que apurou que o ex-presidente deu 6.682 declarações falsas ou distorcidas durante os anos de mandato presidencial (Aos Fatos, 2022).

Com base nos exemplos citados e em muitos outros que não apresentamos aqui, verificou-se que a desinformação sobre o processo eleitoral foi uma tática usada durante todo o pleito de 2022. Conforme apresenta Barreto Junior (2021, p.42), “a tática da desinformação política estava em pleno funcionamento, amparada em rede com ampla capilaridade e impulsionada por diversos agentes públicos e privados que compõem um verdadeiro ecossistema de disseminação de desinformação política”.

Dito isto, não foi surpresa para aqueles que acompanharam essas declarações falsas ditas ou postadas quase que diariamente, durante o processo eleitoral de 2022, a desinformação seria o elemento utilizado na manipulação da opinião pública, especialmente no que diz respeito à confiança nas urnas eletrônicas.

Para além desse cenário de desinformação política estimulada, existem também pessoas que apesar de utilizarem as urnas eletrônicas a mais de 25 anos, perderam ou ainda não solidificaram sua confiança nesses equipamentos, pois conforme destaca Andrade (2022, p.171), “a maioria da população não possui conhecimento sobre as medidas de segurança das urnas eletrônicas brasileiras” e isso pode ter contribuído para que o ambiente de desconfiança na utilização das urnas fosse aproveitado por grupos interessados em disseminar desinformação sobre elas.

2.3.1 O ataque às urnas

Um evento que marcou a atuação incisiva de Jair Bolsonaro em atacar sem provas as urnas eletrônicas foi a reunião com embaixadores, que aconteceu em julho de 2022, antes de a campanha oficial iniciar, com o objetivo de reforçar a tese de que o sistema eleitoral é falho, que as urnas eletrônicas não são confiáveis.

Neste evento, ele atacou Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e do TSE (Landim, 2022).

Não por acaso, entre os dias 25 de julho e 26 de setembro, o NetLab, grupo de pesquisa da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), analisou mais de 4 mil mensagens publicadas no WhatsApp e no Telegram com informações falsas questionando a integridade das eleições brasileiras. Essas informações citavam supostas evidências de fraude nas urnas e também orientações de uso do celular na seção eleitoral, ato que é proibido por lei (Braun, 2022).

A reportagem das jornalistas Patrícia Campos Mello, Paula Soprana, e Renata Galf, postada no jornal folha de São Paulo em 28/09/2022, apresenta o mapeamento feito pela empresa de tecnologia Palver que monitora mais de 15 mil grupos públicos de WhatsApp, e verificaram que dentre as mensagens desinformativas que mais viralizaram questionavam de alguma maneira as urnas eletrônicas e as autoridades eleitorais (Mello, Soprana, Galf, 2022).

Diante desse cenário, um contra ponto apresentado pela Justiça Eleitoral é o trabalho de esclarecimento disponível no site da Justiça Eleitoral sobre a desinformação propagada em períodos eleitorais.

A título de exemplificação do amplo ataque às urnas, coletamos no site da Justiça eleitoral as dez *fake news* (Quadro 6) sobre a urna eletrônica que circulam em sites suspeitos e grupos de mensagem bem como a devida elucidação dos fatos.

Quadro 6 – Fake news x Esclarecimentos da Justiça Eleitoral

Fake news	Esclarecimentos
A urna eletrônica não é segura	A urna tem mais de 30 barreiras digitais a serem vencidas para se conseguir efetuar qualquer alteração. Esses mecanismos são postos à prova durante os Testes Públicos de Segurança (TPS);
A urna eletrônica é vulnerável a ataques externos pela internet	A urna eletrônica brasileira foi projetada para funcionar sem estar conectada a qualquer dispositivo de rede, seja por cabo, wi-fi ou bluetooth;
A urna é projetada por empresas privadas	O projeto da urna eletrônica brasileira é do Tribunal Superior Eleitoral. A urna começou a ser desenvolvida em 1995 por especialistas de entidades como o ITA, INPE, Ministério das Comunicações, Forças Armadas e servidores do TSE. Atualmente, empresas privadas que vencem a licitação fornecem apenas os equipamentos, mas o sistema é controlado exclusivamente pelo TSE;
A urna eletrônica é	Somente um grupo restrito de servidores e de colaboradores do TSE tem acesso ao repositório de código-fonte e está autorizado a

vulnerável a ataques internos	fazer modificações no software. Por isso, o software utilizado nas eleições é o mesmo em todo o Brasil e está sob controle estrito do TSE. Além disso, a equipe responsável pelo software da urna não é a mesma que cuida do sistema de totalização (resultados);
Softwares maliciosos podem ser inseridos na urna eletrônica	Há um computador inserido na placa-mãe da urna eletrônica que contém processador e memória. Esse componente é protegido fisicamente, por meio de resina, contra qualquer ataque físico. Nele, são inseridos os certificados digitais, as chaves oficiais do TSE, que fazem a verificação, camada por camada, de todos os softwares que são carregados na urna. Isso impede que um software adulterado seja carregado na urna;
O código-fonte do software de votação não é aberto à comunidade	Atualmente, é permitido aos representantes técnicos dos partidos políticos, ao Ministério Público, à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), à Polícia Federal, entre outras entidades, o acesso ao código-fonte do software de votação e de todo o conjunto de software da urna eletrônica. Portanto, existe transparência sobre o código-fonte;
Já foram comprovadas fraudes na urna eletrônica	Desde a implantação gradual, a partir das Eleições Municipais de 1996, a urna eletrônica já passou por uma série de procedimentos de auditoria de dados e de checagem de seu hardware e softwares sem que uma única fraude tenha sido verificada nestes 24 anos de existência. Tanto o Ministério Público quanto a Polícia Federal já realizaram auditorias independentes na urna eletrônica e nenhuma fraude ficou comprovada;
A urna eletrônica não é auditável	Há na urna eletrônica diversos recursos que possibilitam e fortalecem a possibilidade de auditoria. São eles: Registro Digital do Voto, Log da Urna Eletrônica, auditorias pré e pós-eleição, auditoria dos códigos-fonte, lacração dos sistemas, tabela de correspondência, lacre físico, auditoria da votação (votação paralela), e oficialização dos sistemas. Além disso, os sistemas podem ser requisitados para análise e verificação a qualquer tempo;
A urna eletrônica não permite a recontagem de votos	Registro Digital do Voto consiste numa tabela digital, na qual são armazenados todos os votos, à medida que são digitados no teclado da urna. Esses dados são gravados de maneira aleatória para que não venham a revelar a ordem dos votantes. Isso evita a possibilidade de se vincular o eleitor na fila ao seu respectivo voto. Essa tabela é disponibilizada para os partidos políticos ou qualquer entidade que a requerer;
Só o Brasil utiliza urna eletrônica	Segundo o site do IDEA (Institute for Democracy Electoral Assistance), pelo menos 25 países do mundo utilizam urnas eletrônicas, inclusive os Estados Unidos da América. Dos seus 50 estados, pelos menos 11 utilizam urnas eletrônicas da mesma forma que o Brasil, sem impressão do voto.

Fonte: Justiça Eleitoral (<https://www.justicaeleitoral.jus.br/fato-ou-boato/#>)

Uma das estratégias de desinformação utilizadas ao longo dos últimos anos foi desacreditar as urnas através de um conjunto de práticas informacionais de algumas autoridades políticas e influenciadores digitais por meio de mecanismos e

técnicas identificadas por Brisola (2021, p. 80) como a “Orientação que é a argumentação para conduzir a opinião pública a apoiar determinada conduta”.

O tipo de desinformação por orientação que foi aplicado às urnas eletrônicas é o de criar um problema para oferecer soluções, com isso ao propagar que elas não são seguras, a solução seria o voto impresso ou o “voto auditável”, a partir dessa constatação, a população é conduzida a reagir de acordo com a ação pretendida, no caso das urnas, descredibilizá-las. As postagens no Twitter do ex-presidente apresentadas anteriormente (Figuras 1 e 2) podem ser consideradas um bom exemplo dessa prática de desinformação.

Assim, conhecer o desenvolvimento do processo de informatização do sistema eleitoral ajuda a entender que a urna eletrônica é somente uma parte da transformação que ocorreu nas últimas décadas.

2.3.2 Evolução do processo eleitoral brasileiro

A primeira vez que as urnas eletrônicas brasileiras foram usadas foi nas eleições municipais em 1996, proporcionando a 32% do eleitorado a participarem do processo eleitoral de forma eletrônica (Lohe, 2009). Quatro anos depois, no ano 2000, o processo eleitoral do pleito municipal foi totalmente executado através das urnas eletrônicas.

Apesar de não existir tecnologia suficiente para desenvolver a informatização do processo eleitoral, a ideia de utilizar uma “máquina de votar” já constava no Código Eleitoral de 1932. Ao longo dos anos, alguns protótipos para mecanização do processo eleitoral foram apresentados, mas nenhum foi levado adiante, devido à dificuldade de criar um modelo que fosse resistente, facilmente transportável, garantisse o sigilo do voto e uma apuração ágil e confiável (Andrade, 2022).

Em 1984, a Justiça Eleitoral iniciou uma reforma para unificar o cadastro dos eleitores, que até então era feito regionalmente, ocasionando muita discrepância e falhas relacionadas ao número de eleitores. Assim, o TSE passou a ser o coordenador das eleições e os TREs os executores. Foi realizado o recadastramento de todos os eleitores brasileiros e criado o novo título eleitoral com um número único nacional (Andrade, 2022).

No primeiro turno das eleições presidenciais em 1989, os eleitores da cidade de Brusque em Santa Catarina, votaram através de um computador na primeira

eleição experimental informatizada. Conforme descreve Andrade (2022), o modelo desenvolvido pelos irmãos Carlos e Roberto Prudêncio (o primeiro, desembargador catarinense e o segundo proprietário de uma empresa de informática), era bastante complexo:

os eleitores preenchiam uma cédula que passava por um leitor óptico semelhante ao das casas lotéricas e colocava a cédula já 'carimbada' pela máquina numa urna convencional. Ao final do pleito, para apressar a apuração, os dados registrados pela máquina eletrônica eram encaminhados a um computador central via telefone. As cédulas de papel ficavam armazenadas na urna convencional para eventual checagem, em caso de dúvida (Andrade, 2022, p. 64-65).

Apesar do sucesso no funcionamento, esse modelo também não foi adotado. Entre 1989 e 1995, várias ações foram executadas no âmbito tecnológico, político e administrativo com o objetivo de dar prosseguimento no projeto da urna eletrônica. (Andrade, 2022; Brasil, 2021).

É importante ressaltar a participação do Ministro Carlos Mário da Silva Velloso no processo de informatização do voto. Ao assumir a presidência do TSE no final de 1994, iniciou-se o que ele próprio nomeou de “verdadeira cruzada pelo país” para implementar a ideia da urna eletrônica. Assim, em 1995, com o apoio de todos os TREs, do Presidente da República, na época, Fernando Henrique Cardoso, o TSE conseguiu formar uma comissão técnica liderada por pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e do Centro Técnico Aeroespacial (CTA) para desenvolver o projeto da “máquina de votar” (Brasil, 2021).

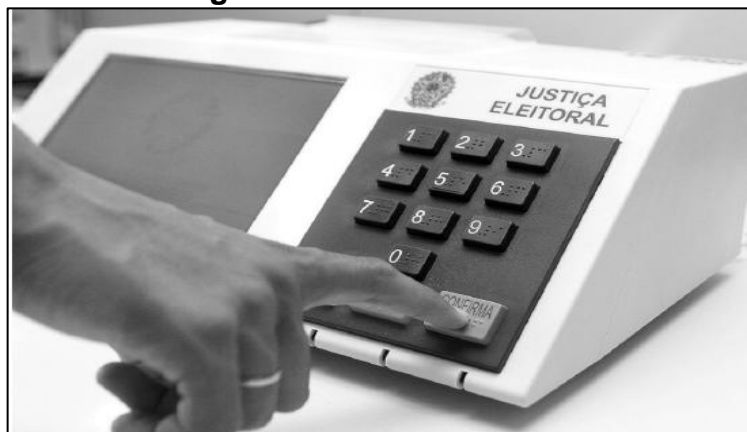
O equipamento inicialmente chamado de Coletor Eletrônico de Votos (CEV), desde o princípio foi idealizado a partir de algumas premissas:

o dispositivo teria de ser capaz de eliminar a intervenção humana dos procedimentos de apuração e totalização dos resultados, bem como de garantir maior segurança e transparência ao processo eleitoral. Além disso, deveria ser leve e compacto (para facilitar seu transporte) e prático de usar (Brasil, 2021).

A urna eletrônica desde o primeiro protótipo possui tela, teclado e CPU numa só máquina, conta com um teclado similar ao de um telefone para possibilitar ao analfabeto e ao deficiente visual interação com o dispositivo sem dificuldade. De acordo com Andrade (2022, p. 133), “as urnas utilizadas até as eleições de 2020

possuem 15 cm de altura, 27 de profundidade, 42 cm de largura e pesam 8 kg”, conforme a Figura 3 abaixo.

Figura 3 – Urna Eletrônica

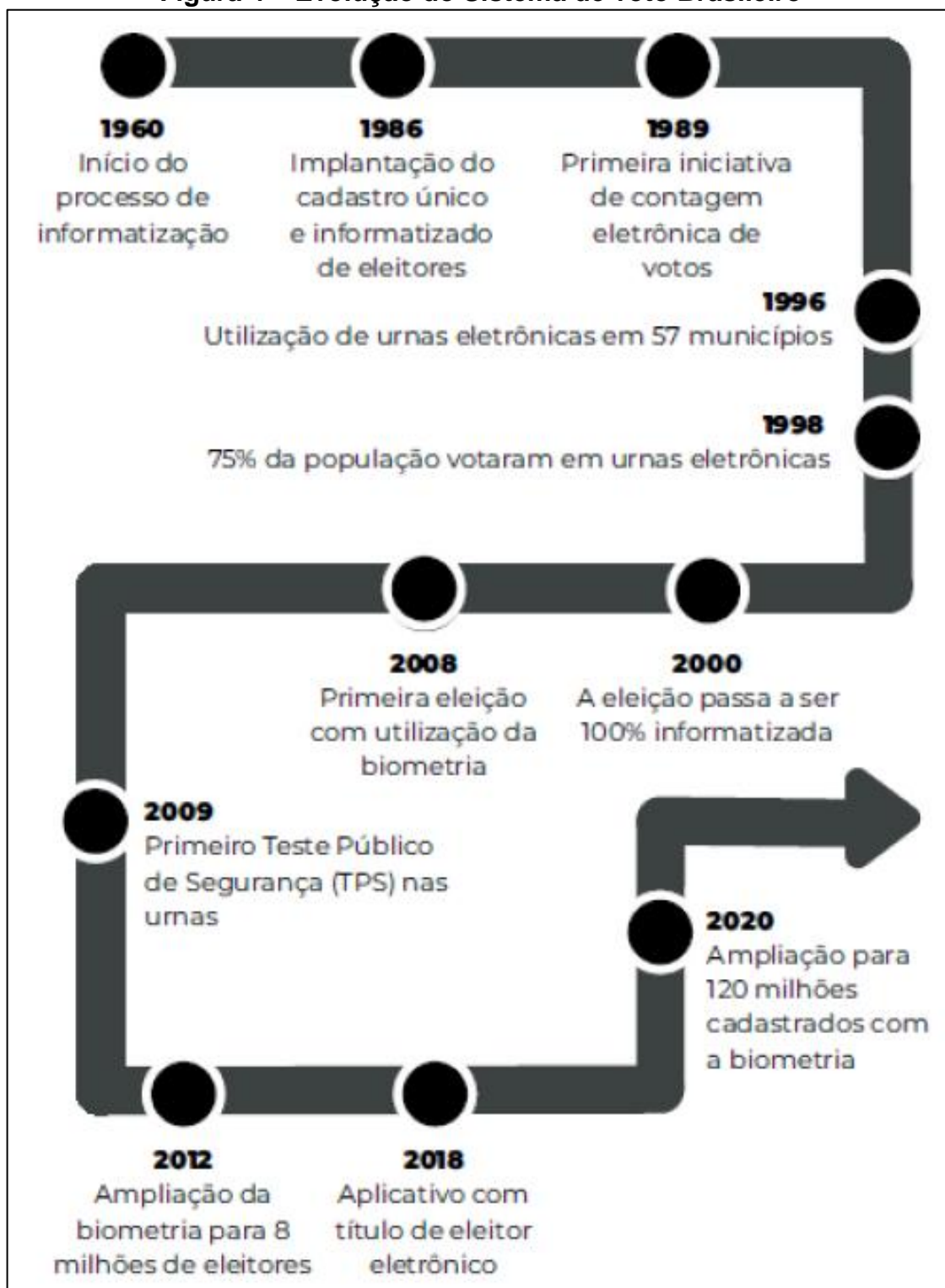


Fonte: TSE

Outro ponto não menos importante, é com relação à questão logística, esse modelo leve facilitou o transporte, atividade executada com sucesso pelos aviões da Força Aérea Brasileira desde a primeira eleição em 1996.

Com mais de vinte e cinco anos de uso, as urnas eletrônicas que passam por diversas atualizações constantemente é o produto de todo o processo de informatização do voto no Brasil, que iniciou na implantação do cadastro único de eleitores até a contabilização do voto no TSE, sintetizado na Figura 4 a seguir.

Figura 4 – Evolução do Sistema de voto Brasileiro



Fonte: Andrade (2022, p. 162)

2.3.3 O funcionamento e a segurança das urnas

A urna eletrônica brasileira é um microcomputador de uso específico para eleições. Seus componentes garantem a coleta e a apuração dos votos de maneira acessível, rápida e segura. Possui sistemas complexos que evoluem e são atualizados a cada nova versão do equipamento. “Além disso, conta com um hardware criptográfico exclusivo, que somente permite a execução de softwares oficiais e desenvolvidos no TSE, incluindo o sistema operacional” (Brasil, 2016, p.21).

Seis meses antes da eleição o TSE torna público o software utilizado nas urnas, qualquer cidadão pode ter acesso a ele. É feito o teste público de segurança com a participação de especialistas em Tecnologia e Segurança da Informação de diversas organizações, instituições acadêmicas e órgãos públicos de prestígio e o objetivo é descobrir vulnerabilidades do sistema com relação à possibilidade de violação de resultados e quebra do sigilo do voto.

No momento que estiverem prontas para a eleição, as urnas são lacradas e as informações criptografadas em cerimônia pública com a assinatura digital.

Andrade (2022, p. 174), afirma que,

para conseguir alterar alguma informação em uma das urnas, o hacker teria que conseguir acesso à urna para abri-la, romper o lacre, retirar uma mídia contendo os softwares que a urna utiliza (todos protegidos por criptografia), decifrar a criptografia, encontrar os softwares, fazer alteração, assinar digitalmente (o TSE utiliza uma certificação digital específica e única), criptografar novamente todas as informações ter novo acesso à urna para inserir as informações e fazê-la funcionar (Andrade, 2022, p. 174).

Ainda de acordo com Andrade (2022), até a data da escrita dessa pesquisa, não foi registrada nenhuma invasão ao sistema, lembrando que a urna não está conectada à internet e não existe equipamento nela que permita tal conexão.

Conforme descrito na Figura 5, no dia da eleição, quando as urnas são entregues em suas respectivas seções eleitorais, segue-se uma sequência de ações que permitem a execução padronizada das atividades, o bom funcionamento dos equipamentos e garantem a segurança do processo eleitoral.

Assim, qualquer ação com o propósito de manipular o pleito ou interferir no funcionamento das urnas, dependeria da participação de muitas pessoas, na verdade de muitas autoridades para a fraude ocorresse de forma exitosa.

Figura 5 – Descrição do dia da eleição





Fonte: Andrade (2022, p. 150-151)

3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS DOS SUJEITOS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS

Esta seção tratará da perspectiva de práticas informacionais, abordagem de estudo adotada nesta pesquisa, dos sujeitos adolescentes no contexto digital e o uso das redes sociais digitais.

3.1 Perspectivas das práticas informacionais

Nos últimos anos, o termo desinformação se popularizou mundialmente entre diferentes estratos da sociedade. Motivou discussões e pesquisas em ambientes jornalísticos, jurídicos e acadêmicos, especialmente para os campos da Ciência Sociais e Humanas, assim como para a CI, que tem como propósito estudar as propriedades da informação nos diferentes contextos sociais, culturais e tecnológicos assim como sua complexidade na interação com os sujeitos.

A CI possui algumas subáreas de pesquisa, dentre elas, os Estudos de Usuários da Informação, que tem evoluído na maneira de investigar a informação, aqueles que a utilizam e também a forma como utilizam.

Compreender os processos de produção, acesso, uso e compartilhamento da informação e da desinformação a partir das ações e de como se dão essas ações dos sujeitos informacionais envolvidos em diferentes experiências sociais e culturais constituem a proposta dos estudos de práticas informacionais.

Nesta perspectiva social, entende-se ser mais adequado o uso do termo “sujeito informacional”, pois, é sob o olhar da abordagem sociológica que é possível enxergar esse sujeito “dotado de historicidade e intencionalidade com a informação, inserido em contexto político e sociocultural” em que o uso e a apropriação da informação se dão a partir da atribuição de significados construídos coletivamente (Araújo, 2013; Rocha Gandra, 2018).

A evolução dessa investigação está baseada nos estudos em práticas informacionais, pois tem por objetivo a contextualização social do indivíduo, interpretando-o como participante de grupos e comunidades, compreendendo o usuário como um sujeito informacional (Savolainen, 2007). Permitindo dessa forma, observar os diversos modos como os indivíduos lidam com a informação, aqui

entendida como uma construção social vivenciada por sujeitos que atuam, construindo e intervindo diretamente nos fenômenos informacionais (Araújo, 2020).

A discussão sobre os estudos em práticas informacionais é relativamente recente, quando comparada a outros tipos de abordagens de investigação de estudos de usuários. Diferentes autores têm apresentado definições e compreensões acerca do termo que possui ênfase nos processos de uso da informação pelos indivíduos com enfoque nos aspectos sociais da vida cotidiana (Mata, 2022).

Nesta pesquisa, o recorte enfático será para os precursores dos estudos em práticas informacionais, os autores Reijo Savolainen e Pamela McKenzie, devido suas contribuições teóricas serem relevantes para a compreensão dos indivíduos/sujeitos em consonância com os ambientes/contextos socioculturais e suas formas de interação que são investigadas neste estudo.

Savolainen (2007, p. 2) define práticas informacionais como “um conjunto de maneiras social e culturalmente estabelecidas para identificar, buscar, usar e compartilhar as informações disponíveis em várias fontes, como televisão, jornais e a internet”. Conforme seu entendimento, o mundo nos oferece categorias, com informações boas e/ou ruins, informações confiáveis e/ou não confiáveis e nós temos a possibilidade de aderir ou não a tais informações.

A importância do contexto em que o usuário está inserido é destacada e o pesquisador trabalha com a tensão entre o modo de vida (coletiva, social) e o domínio da vida (o quanto nós produzimos categorias para agir no mundo). Com isso, os aspectos sociais e culturais são fatores determinantes na busca e no compartilhamento de informação pelos sujeitos (Savolainen, 2007).

Desse modo, os fatores contextuais e sociais influenciam os fenômenos de busca, uso e compartilhamento da informação. As práticas informacionais se fazem adequadas para a investigação de tais fenômenos por partir de uma relação dialógica entre o indivíduo e o social, considerando-os como interdependentes (Savolainen, 2007).

A pesquisadora Pamela McKenzie (2003) entende que práticas informacionais é mais coerente com a ideia de que informação deve ser entendida como algo socialmente construído, estando a sua busca e o seu uso pelos sujeitos orientado de acordo com o contexto.

Com isso, ela defende essa abordagem como mais adequada, pois compreende uma dimensão não diretiva, isto é, espontânea e casual, das ações das pessoas com relação à informação.

As práticas informacionais são utilizadas em referência a todos os elementos presentes em relatos de como “a informação pode ser encontrada através da iniciativa ou interação entre os agentes. Ela engloba tanto a busca, como o encontro acidental com a informação” (Mckenzie, 2003 *apud* Carvalho; Nunes, 2021, p. 187).

Nesse sentido, Mckenzie (2003) desenvolve a noção de *serendipity*, que é a possibilidade de descobrir coisas importantes por acaso ou de encontrar informações relevantes sem estar procurando por elas. No contexto de informações digitais em que o volume e a velocidade que as informações são acessadas, os sujeitos podem ter suas experiências, desejos ou expectativas alteradas ao se depararem com novos conteúdos, conceitos ou dados que despertem algum interesse.

Sendo assim, as práticas informacionais compõem “uma linha de investigação mais orientada sociologicamente e contextualmente” (Talja, 2005, p.123). E ao entender que os fenômenos informacionais ocorrem em contextos cotidianos diversos, admite-se que muda também a compreensão da interação do indivíduo com a informação.

A inter-relação entre o sujeito e os fenômenos informacionais, a produção, a busca, o uso, o reuso e a comunicação da informação em determinado ambiente social é compreendida como uma relação dialógica entre o indivíduo, a informação e a estrutura social, (Santos; Alves, 2020).

Neste estudo, o contexto abordado é o da vida cotidiana de usuários de redes sociais digitais, especificamente de adolescentes que utilizam essas redes como fontes de informação, de lazer e como ambiente de criação e de compartilhamento de conteúdos digitais (Harlan; Bruce, Lupton, 2014).

É importante saber que o conceito de fontes de informação está relacionado com o local onde o usuário encontrará a informação que procura ou com a sua necessidade de informação. Portanto, as fontes de informação podem ser definidas como qualquer recurso que atenda uma demanda, produto ou serviço de informação, uma pessoa ou grupo de pessoas, uma organização, etc (Campello; Cendón; Kremer, 2000).

Com o avanço da web colaborativa e a evolução de aplicativos de informação e comunicação, a criação e o compartilhamento de diferentes tipos de recursos informacionais em meio digital fomentaram o surgimento de ferramentas que passaram a ser usadas como fontes de informação.

Para os pesquisadores Paula, Silva e Branco (2018, p. 98) os recursos listados abaixo, são considerados fontes de informação relevantes presentes na internet atualmente:

- Plataformas de compartilhamento de vídeo: modalidade oferecida por certos websites que permite a seus usuários divulgar e compartilhar vídeos. Alguns proporcionam o serviço de streaming;
- Redes Sociais: uma forma de comunicação virtual e de se relacionar com outros usuários da rede. É a fonte de informação que mais cresce na internet e com frequência tende a se integrar ou ter seus aspectos incorporados a outras fontes;
- Motores de Busca: programas feitos com objetivo de recuperar a informação armazenada na web;
- Websites: conjunto de páginas e hipertextos acessíveis reunidos com um objetivo específico que em grupo compõe a World Wide Web;
- Portais de conteúdo e agregadores de links: pontos de acesso para agrupamento e distribuição de outros websites para assuntos diversos e novidades da rede;

Todos esses recursos, segundo os autores acima citados, possuem arquitetura de informação que pode ser adequada ao acesso seguro de informações, especialmente se forem incluídos alguns parâmetros de avaliação da informação, tais como os apresentados por Tomael *et al* (2000) citado por Paula, Silva e Branco (2018, p.99):

[...] os critérios de conteúdo: se orientam para validade, precisão, singularidade, cobertura e completeza das informações veiculadas, e para a autoridade e reputação do produtor da fonte. Os critérios de forma se concentram nas características do site, nas tecnologias disponíveis para uso e suporte aos usuários. E os de processo se reservam para a integridade da informação, sistema e estrutura do próprio site, buscando a harmonia entre as três entidades (Tomael *et al*, 2000 *apud* Paula, Silva e Branco, 2018, p.99).

No entanto, Hjørland (2012, p. 8) ressalta que:

[..] não é suficiente se concentrar apenas em critérios restritos para avaliar as fontes de informação. [...] a influência de uma obra não depende apenas das propriedades internas dessa obra, mas também das diferentes culturas, grupos sociais e disciplinas em que ela foi usada, ignorada ou rejeitada (Hjørland, 2012, p. 265).

Portanto, cabe aos usuários dessas novas fontes de informação adotar práticas informacionais que possam envolver critérios internos bem como, os interesses sociais que essas fontes possam atender ou negligenciar, a fim de garantir o acesso a informações com qualidade e veracidade, principalmente nas redes sociais digitais, que devido sua configuração, permitem aos usuários a disponibilizarem informações que não são verificadas, permitindo a disseminação e circulação de informações manipuladas, desatualizadas ou simplesmente falsas.

3.2 Adolescentes e o atual contexto digital

Os termos abordados nesta seção por si só gerariam dissertações e teses devido sua amplitude permitir aprofundar por diferentes campos do conhecimento em diversas abordagens.

A proposta desta seção é de conhecer e compreender como os adolescentes nascidos no começo deste século se relacionam com a informação, especialmente com aquela acessada por meio digital, através das redes sociais digitais que fazem parte do cotidiano desses indivíduos.

A adolescência como conhecemos hoje, período situado entre a infância e a vida adulta de uma pessoa, é um conceito relativamente novo na história social do ocidente, tendo o seu sentido atual consolidado no final do século XIX (Coutinho, 2005; Ariès, 1986 *apud* Gomes, 2014).

Ariès (1986) citado por Gomes (2014, p.23) considera que o conceito de adolescência “ganhou hegemonia ao longo da modernidade, sendo que as características psicológicas e biológicas desta etapa foram sendo determinadas, tornando-a um objeto naturalizado”.

De acordo com o Gustavo Teixeira (2019, p. 11),

a adolescência pode ser definida como o período da vida que começa profundas mudanças físicas, emocionais, hormonais e bioquímicas em todo o corpo e termina quando o indivíduo adquire maturidade para desenvolver um papel estável, responsável e independente na sociedade (Teixeira, 2019, p.11).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei brasileira que dispõe sobre a proteção integral da criança e do adolescente, estabelece que adolescente é a pessoa que tem entre doze e dezoito anos de idade. Em diferentes países e organizações existe uma pequena variação dessa faixa etária, no entanto, a caracterização e o significado dessa etapa da vida vão além da questão da idade (GOMES, 2014).

Existem vários estudos relacionados com as transformações físicas e psicológicas que ocorrem na adolescência, no entanto, aqui interessa conhecer e compreender a adolescência enquanto uma categoria social, entendendo-a como uma etapa particular do desenvolvimento cultural dos sujeitos (Souza, Silva, 2018).

Para Carvalho e Pinto (2002) citados por Goulard (2018) a adolescência é um período complexo e desafiador, baseado na consolidação da identidade e no desenvolvimento da autonomia, e que além dos fatores biológicos, a família, a escola e os amigos, suas práticas sociais e culturais são determinantes nas mudanças dessa etapa do desenvolvimento.

Assim, é possível afirmar que no contexto da sociedade atual, a adolescência é mais construída socialmente do que psicológica ou biologicamente determinada, ou seja, o adolescente cria sentido sobre si por meio de referências sociais adquiridas através das interações com e entre os grupos de que fazem parte, bem como de sua condição social que pode imputar inclusão ou exclusão da sociedade forjando sua forma de ser e estar no mundo (Ribeiro *et al*, 2016; Kipnis, 2018).

Esse período de transição e amadurecimento é um contexto único que molda o encontro, a busca, o uso e o compartilhamento de informações para fins de se comunicar, se informar, se divertir e etc, configurando diversas práticas de informação (Kimm, Boase, 2019).

Os adolescentes, sujeitos desta pesquisa, são estudantes que possuem uma realidade social diferenciada, são alunos da rede particular de ensino que possuem acesso a recursos tecnológicos tais como computadores, tablets e *smartphones* conectados à internet desde a mais tenra idade.

Eles estabeleceram uma relação diferente com a informação devido ao uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) em tarefas rotineiras e habituais; conexão permanente com as mídias digitais; leitura nos monitores de maneira intensa; uso multifuncional dos recursos tecnológicos; polivalência na realização de tarefas em simultâneo; interações em rede; comunicação síncrona e aprendizagem experimental e lúdica, o que conjectura competência no emprego das ferramentas e serviços da web (Furtado, 2013, p.3).

Palfrey e Gasser (2011) afirmam que para os adolescentes que nasceram imersos na era digital, este comportamento é natural, o que os leva a considerar as TICs como principais mediadoras do relacionamento entre humanos (Palfrey; Gasser, 2011).

No entanto, é importante ressaltar que a naturalidade em se relacionar com as tecnologias as quais os autores acima citados se referem, não é para todos os que nasceram nesse contexto digital, devido à realidade e condição social desfavorável que muitos estão submetidos, especialmente no momento atual da sociedade brasileira com profunda desigualdade social.

Embora existam desigualdades de acesso à internet e à aquisição de dispositivos móveis no Brasil, a pesquisa TIC Domicílios 2020 do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação indica que 83% dos domicílios possuem acesso à internet. O contexto atual é de 152 milhões de usuários, sendo 22,3 milhões crianças e adolescentes (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2021).

A pesquisa TIC Kids *Online* Brasil 2021, recentemente lançada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), entrevistou crianças e adolescentes entre 09 e 17 anos e pais/responsáveis para investigar as dimensões de acesso, uso e apropriação de tecnologias de informação e comunicação apontou que o uso das redes sociais digitais foi a atividade *online* que mais cresceu entre crianças e adolescentes quando comparada aos dados de 2019.

De acordo com o mesmo estudo, as plataformas com maior número de usuários com idades entre 10 e 17 anos ainda são o WhatsApp com 86% e o Facebook 61%. No entanto, as plataformas mais utilizadas são aquelas em que a função central é o compartilhamento e o acesso a vídeos, tais como o Instagram que foi indicado por 35% e o TikTok apontado por 27% do grupo pesquisado (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2022).

Kipnis (2018, p. 23) entende que a imersão desses adolescentes “nas redes é tanta que eles não são capazes sequer de visualizar o mundo em sua volta sem algum recurso tecnológico por perto, isso gera mudanças na forma de agir e pensar dos jovens dessa nova era”. Assim, a prática de consumir e disseminar informações através de seus perfis nas redes sociais digitais configura atividade comum entre eles.

Essa realidade nos induz a pensar que a familiaridade dos adolescentes com a tecnologia, que faz deles nativos digitais, os torna habilitados para compreender, distinguir e usar de modo eficiente as informações disponíveis na internet.

No entanto, o que se verifica através de diferentes estudos é exatamente o contrário. A literatura aponta a preocupação com esses jovens no que diz respeito à relação dos mesmos com o uso que fazem da internet, assim como suas práticas nas redes sociais (Silva-Jerez, 2016; Prioste, 2013; Cardoso, 2018).

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apresentou em maio de 2021, um dado importante sobre a capacidade dos nativos digitais de buscar conhecimento na internet. No Brasil, apenas um terço (33%) dos estudantes foi capaz de distinguir fatos de opiniões em uma das perguntas aplicadas no Pisa (*Programme for International Student Assessment*).

Outro fato relevante, em relação às ações dos adolescentes no ambiente digital, é que a decisão de compartilhar algo em uma rede social não diz respeito somente a se o indivíduo acha a informação relevante, ele também leva em conta como os amigos ou sua audiência irão reagir (Ripoll; Matos, 2017).

Aliado a isso, a falta de habilidade em verificar a veracidade e a qualidade da informação acessada e compartilhada, pode contribuir com a desinformação, especialmente no contexto de pós-verdade, em que o que importa é a crença pessoal, e de infodemia que constitui “em essência, a quantidade e variedade excessiva de informações relativas a uma temática, com variantes de credibilidade, conteúdos duvidosos e imprecisos” (Souza; Santos, 2020), podendo trazer consequências negativas para esses indivíduos e para a sua comunidade como um todo.

3.3 O papel das Redes sociais

Nesta seção pretende-se abordar e compreender como a explosão das interações sociais mediadas por novas tecnologias de informação e comunicação tem impactado o atual cenário informacional, especialmente com o amplo uso de mídias sociais e de rede sociais digitais e como elas têm possibilitado a produção, o compartilhamento e o acesso a grande quantidade de informações e também de desinformação, influenciando cada dia mais, a cultura, a educação, a política e o comportamento das pessoas (Zenha, 2018).

Muito antes da rede de computadores conectar pessoas, o ser humano convivia de maneira organizada em grupos, em ambiente de afeto, cooperação, de geração de tecnologia e conhecimento, formando uma rede (Silva, 2010).

O termo rede remete à noção de junção de nós (individuais ou coletivos) que interligados entre si, permitem a união, a comutação, a troca e a transformação. Estar em rede – social, cultural, econômica ou política – sempre foi uma das condições de possibilidade de convivência nesse mundo (Silva, 2010).

Compreende-se que o conceito de redes sociais são elos existentes entre indivíduos que compartilham de um mesmo interesse e através de suas ligações em comum, permitem que informações relevantes sejam repassadas entre os indivíduos daquela determinada rede (Silva, 2016, p.116 *apud* Silva; Gouveia, 2021, p.95).

No final do século XX ocorre a ampliação do conceito de rede, segundo Zenha (2018, p. 22) “estende ainda mais ao focar as interações sociais promovidas por meio do computador conectado à internet, à rede das redes, ou seja, uma rede que se conecta a determinadas redes”.

As redes sociais on-line ou redes sociais digitais são entendidas por Marteleto (2010) *apud* Silva e Gouveia (2021) como:

símbolo da construção das relações humanas na web e configuram-se por meio de aplicativos e sites que permitem relações por meio de interações virtuais. Essas interações são relacionadas com as características que cada rede social on-line apresenta – formas de construção e disponibilização de conteúdo, recebimento e envio mensagens, visualizações, materiais a serem postados, público a ser atingido, dentre outros (Marteleto, 2010 *apud* Silva; Gouveia, 2021, p. 95).

Jacobi (2019) considera que a rede social digital exerce a mesma função de uma rede social, a diferença é que ela ocorre no ciberespaço. É um espaço de

interação por meio das mídias sociais, onde as pessoas expõem suas ideias e partilham de interesses em comum (Jacobi, 2019).

Para Recuero (2009, p.93) “o que há de mais importante nas redes sociais online é que elas permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social”. Ela entende que existe uma mudança importante entre a estrutura mediada principalmente pelas relações institucionais e interpessoais e uma estrutura mediada pelas relações mediadas pela tecnologia digital (Recuero, 2019). Segundo a pesquisadora, essa mudança proporcionou às redes “superpoderes”, tais como:

- A possibilidade de conexão mais “individual” e por interesse, não limitada pela localização geográfica;
- A possibilidade de conexões massivas, em grande escala (uma vez que essas conexões podem ser mantidas pelas ferramentas sem a necessidade de interação social), assim permitindo que as pessoas tenham centenas ou milhares de “amigos” — o fenômeno dos “influenciadores”, por exemplo;
- A possibilidade de participação em conversações globais e de acesso a conteúdos que não necessariamente estariam disponíveis devido à complexificação das conexões sociais;
- A possibilidade de ser alguém diferente, ter mais de um “perfil”, brincar com a própria identidade (o que também possibilita que coisas que não poderiam ser atores em redes sociais *offline*, como um perfil robô, por exemplo, agora possam ser).

Nesse ponto é interessante esclarecer que no senso comum, o termo Redes Sociais se confunde com o conceito de Mídias Sociais como se fosse uma coisa só. Todavia, cada termo tem seu significado e sua finalidade, como veremos a seguir.

A mídia social é uma mídia no sentido de “meios com finalidade de transmitir informações, mas também podem se referir a um suporte físico (eletrônico ou não) onde as informações são armazenadas” (Cerigato; Casarin, 2017 *apud* Jacobi, 2019).

O pesquisador Elias Goulard (2014) afirma que o termo Mídias Sociais

se aplica, mais amplamente, aos sistemas computacionais baseados na Internet, destinados, fundamentalmente, ao estabelecimento e à manutenção dos relacionamentos entre seus usuários, pessoas ou organizações. Além disso, inclui a produção de conteúdos e seu compartilhamento entre as pessoas “digitalmente” conectadas. Assim, as mídias sociais sustentam mecanismos de colaboração essenciais ao adensamento das relações entre as pessoas (Goulard, 2014, p. 12).

Elas representam um conceito muito mais amplo e se referem a canais ou ferramentas que promovem e permitem a disseminação de conteúdos e mensagens de forma descentralizada.

Corroborando com esse pensamento, Recuero (2019) sustenta que,

[...] o que chamamos "mídia social" é um dos (talvez o principal) efeito da apropriação das ferramentas de comunicação digital, onde a estrutura das redes sociais e as affordances dessas plataformas permitem que emergjam tipos conversações nas quais há modos de circulação de informação que são diferentes daqueles offline. Ou seja, a mídia social é algo emergente, não uma coisa prevista ou combinada nesses espaços. E ela acontece a partir das ações coletivas e individuais dos atores nessas ferramentas, que vai dar visibilidade a determinados temas, silenciar outros temas, fazer circular determinadas ideias em pequenos grupos e outras em grandes. A mídia social compreende, assim, essas conversações decorrentes da apropriação dessas plataformas pelas redes sociais, que modificam os modos de circulação de informações (Recuero, 2019).

Com isso, para saber diferenciar redes sociais de mídias sociais, Jacobi (2019) explica que,

a mídia social é considerada uma mídia (no sentido mais tradicional, como um meio de comunicação), porém o que eleva ela à categoria de mídia social é a sua possibilidade de interação (comunicar, dialogar e comentar). Quando essa mídia social tem a interação voltada para as relações sociais (relações de amizades, de trabalhos, de estudos, etc) ela passa a ser considerada uma rede social (Jacobi, 2019, p. 22).

Através desses relacionamentos realizados no ambiente digital, as pessoas têm encontrado novas formas de entretenimento, novas maneiras de participação política, de contato social e também novas formas de se informar.

Atualmente, as redes sociais digitais e mídias sociais mais utilizadas no mundo, que interligam pessoas de diferentes contextos sociais, são: Facebook, Youtube, Twitter, Instagram (redes e mídias sociais virtuais). WhatsApp, Snapchat, Messenger, Telegram (aplicativos de mensagens instantâneas) (Rodrigues, 2023).

Com relação aos aplicativos de mensagens, “referem-se a plataformas online que permitem a troca de mensagens, como textos, fotos, vídeos e ligações”. São

ferramentas que se diferenciam dos principais sites de mídia social, pois fornecem um sistema fechado de comunicação íntima com ênfase na privacidade (Karapanos, Teixeira, Gouveia, 2016, p 888-889.). Diferentemente das redes e mídias sociais virtuais, nos aplicativos de mensagens não ocorre avaliação pública do conteúdo (Yamamoto, Kushin, Dalisay, 2018).

Essas redes sociais digitais conectam hoje bilhões de pessoas, possibilitam a circulação e o acesso a informações que antes não chegavam aos indivíduos e que agora passam a integrar o seu dia a dia, de forma direcionada, trazendo ao imaginário a concepção de espaços de opinião pública, mobilização e participação” e de ferramenta informativa atualizada (Medeiros, 2013, p.30).

Segundo Paula, Silva e Blanco (2018, p.98) “a rede social é a fonte de informação que mais cresce na internet e com frequência tende a se integrar ou ter seus aspectos incorporados a outras fontes”. Com o aperfeiçoamento das TICs, várias fontes de informação tradicionais, tais como fontes biográficas, geográficas, jurídicas, estatísticas, jornais, revistas, dicionários, enciclopédias e etc. passaram a ser acessadas por meio de páginas, perfis ou canais nas diferentes redes sociais existentes.

O estudo "Infodemia e os impactos na vida digital", feito pela empresa de cibersegurança Kaspersky em parceria com a empresa de pesquisa Corpa, divulgado em 2021, apontou que sete em cada dez internautas brasileiros, com idades entre 20 e 65 anos, recorreram às redes sociais para se informar nos últimos 12 meses (Bandeira, 2021).

As redes sociais passaram a ser uma fonte de informações frequente devido ao acesso a uma ampla gama de recursos de informação disponíveis em diversos tipos de mídias e formas de informação (vídeos, textos e imagens), pela praticidade proporcionada pelo uso de smartphones e também pela velocidade com que muitas informações circulam nesse ambiente.

Em um primeiro momento, essa possibilidade de receber e acessar informações direcionadas, e através de algoritmos, informações personalizadas soou como vantagem, já que a realidade informacional hoje é de excesso de informações, assim, consumir aquilo que “eu preciso” em tempo hábil gerou a sensação de estar bem informado.

Contudo, o que se evidencia é que a quantidade de informação disponibilizada e veiculada com frequência dificulta o acesso à informação realmente

relevante. E, no contexto de pós-verdade, em que a informação com carga emotiva influencia mais que os fatos, é no espaço das redes sociais, que a desinformação tem encontrado um ambiente propício para disseminação.

Diante desse cenário, atualmente, dentre os bilhões de usuários das redes sociais, os adolescentes são considerados um público relevante, pois as interações entre eles, via redes sociais, desempenham papel tão essencial que para boa parte desse grupo é inconcebível não ter um perfil em uma rede social (Paulo; Casarin, 2021). Como isso, manter-se atualizados através dos *feeds* de notícias das respectivas redes sociais também se tornou uma prática comum entre esse grupo.

Assim, a perspectiva de práticas informacionais tem a pretensão de entender as várias ações que os sujeitos executam ao lidar com a informação em seus diferentes contextos de vida. Entende-se ser a maneira que permite melhor observar a relação que os adolescentes estabelecem ao determinar como fonte de informação as redes sociais digitais bem como, os elementos que constroem a confiança ou não em determinados perfis e canais nesse ambiente.

Portanto, estes sujeitos lidam com a informação contida nesses ambientes de forma ativa, criando significados e conhecimento, mas também, sendo influenciado e impactados pelos conteúdos acessados.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa possui caráter compreensivo, pois busca “captar o significado da informação para os seus produtores, organizadores e “usuários”, a partir dos contextos histórico e social nos quais os processos informacionais se estabelecem e adquirem determinadas características e sentidos” (Frota, 2007, p.6). Tal caráter está intrinsecamente relacionado à abordagem social dos estudos de usuários da informação, mais especificamente às práticas informacionais que permitem conhecer profundamente aspectos da realidade ou problemas do cotidiano das pessoas.

O estudo apoiou-se em abordagem qualitativa, tendo em vista o interesse em compreender a realidade dos sujeitos investigados (Minayo, 2007).

Compreender como um grupo de adolescentes do século XXI interage com a informação, especialmente a vinculada através das redes sociais digitais, tendo em vista, os fenômenos da desinformação e pós-verdade, vinculados ao sistema eletrônico de votação brasileiro que recentemente passou a receber vários ataques e questionamentos quanto a sua segurança e idoneidade. Entender como esses sujeitos construíram suas convicções de credibilidade nas urnas eletrônicas em meio a esse cenário.

Tais alunos comungam de um conjunto de práticas comuns, tais como a quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais, o modo como se expressam e se relacionam um com o outro de maneira mediada por tecnologias (principalmente, através das redes sociais), e o padrão de uso das tecnologias para acessar e usar as informações criando novos conhecimentos (Palfrey; Gasser, 2011).

É importante ressaltar que o grupo pesquisado faz parte de um estrato da sociedade que possuem uma realidade social diferenciada, engloba integrantes das chamadas classes B e C conforme os critérios estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística–IBGE.

Esses alunos possuem através da escola, acesso à biblioteca gerenciada por profissional Bibliotecário e dotada de acervo diversificado, a laboratórios de informática, química e ciência e no âmbito particular estão habituados a utilizar modernos recursos tecnológicos tais como computadores, tablets e *smartphones* conectados à internet desde a mais tenra idade.

O Colégio Santa Maria Minas é uma escola confessional, vinculada à Arquidiocese de Belo Horizonte e faz parte de uma rede de ensino que presta o serviço de Educação Básica (Educação Infantil ao Ensino Médio) desde 1902 na capital do estado, se apresenta como uma instituição comprometida com a formação fundamentada nos valores cristãos e princípios éticos. De acordo com seu projeto político, a proposta pedagógica e pastoral é baseada em elementos teóricos da Filosofia, das Ciências e da Fé.

Atualmente é composta por 13 unidades alocadas nas cidades de Belo Horizonte, Betim, Contagem e Nova Lima. A pesquisa foi realizada com alunos da Unidade do bairro Nova Suíça em Belo Horizonte, que em 2022 contava com aproximadamente 1.300 alunos matriculados.

A princípio, pensou-se no recrutamento dos alunos através de amostra aleatória simples (sorteio através do número de chamada), no entanto, dois fatores importantes conduziram para uma nova abordagem.

O primeiro diz respeito ao recorte amostral de alunos que já possuíam o título de eleitor. Esse fato foi considerado importante porque os entrevistados estariam aptos a participar efetivamente das eleições, escolhendo seus representantes. E o segundo fator está relacionando à liberdade de escolher participar ou não da pesquisa, pois consideramos esses adolescentes como sujeitos informacionais, seres cognoscentes, dotados de interesses e vontades (Gandra, 2017).

Assim, o primeiro contato com os alunos foi através de convite oral realizado nas três turmas da 3ª série do Ensino Médio. Após apresentar brevemente a proposta da pesquisa, realizou-se o convite, os alunos que se interessaram em participar declararam a vontade e procuraram a pesquisadora para receber o termo de livre esclarecimento e o termo de consentimento dos pais para os alunos que não possuíam 18 anos até aquela data.

Em um primeiro momento, vários alunos das três turmas da 3ª série do Ensino Médio se dispuseram a participar, solicitando o termo de Livre Esclarecimento, no entanto, o grupo que pôde ser entrevistado, totalizou 15 alunos, sendo 5 do sexo masculino e 10 do sexo feminino de apenas duas turmas.

No Quadro 7 são apresentadas algumas características dos participantes desta pesquisa.

Quadro 7 – Caracterização dos participantes da pesquisa

Identificação	Sexo	Idade	Alistamento eleitoral	Curso superior pretendido
Entrevistada 01	F	19 anos	2022	Ciências Contábeis
Entrevistada 02	F	17 anos	2022	Direito ou Medicina
Entrevistada 03	F	17 anos	2021	História
Entrevistada 04	F	18 anos	2021	Relações Internacionais
Entrevistada 05	F	17 anos	2022	Arquitetura ou Relações Internacionais
Entrevistado 06	M	18 anos	2022	Farmácia
Entrevistado 07	M	18 anos	2022	Educação Física
Entrevistado 08	M	19 anos	2022	Psicologia
Entrevistada 09	F	18 anos	2022	Medicina
Entrevistada 10	F	17 anos	2022	Farmácia
Entrevistada 11	F	18 anos	2022	Biomedicina
Entrevistado 12	M	18 anos	2021	Ciência da Computação
Entrevistada 13	F	17 anos	2021	Medicina Veterinária ou Medicina
Entrevistada 14	F	18 anos	2022	Direito
Entrevistado 15	M	17 anos	2022	Arquitetura

Fonte: Elaborado pela autora

O número final de 15 alunos entrevistados foi determinado, primeiro, devido à condição de apresentação do termo de Livre Esclarecimento assinado pelo aluno e pelo responsável, portanto somente o estudante que retornou com o termo assinado foi aceito como participante. Outro ponto é com relação ao tamanho do corpus a ser analisado. O roteiro da entrevista conta com 30 perguntas, divididas em três eixos temáticos, Redes Sociais, Urnas eletrônicas e *Fake news*. Para realizar a análise desses dados em tempo hábil, o número de participantes não poderia ser alto.

A opção pelo número máximo de 15 alunos também ocorreu por priorizar a busca pela compreensão do posicionamento desses adolescentes com relação à confiança nas urnas em meio a um contexto de disseminação de desinformação nas redes sociais e não a uma representação estatística da população adolescente, pois

conforme Adler e Adler (2012) citados por Goulard (2018) nas pesquisas qualitativas busca-se aprofundar nos indivíduos e nos cenários estudados de modo a alcançar uma compreensão mais fidedigna dos participantes.

Gaskell (2007, p.71) afirma que há um número limitado de interpretações, ou versões, da realidade, e que ao permanecerem todas as coisas iguais, novas entrevistas não levarão a compreensão mais detalhada sobre o assunto. Na presente pesquisa, as representações do tema de interesse comum, ou das pessoas que vivem no meio social específico são, em parte, compartilhadas, especialmente quando o grupo tem um vínculo mais íntimo, pois são estudantes que partilham a vida escolar desde a infância.

O procedimento metodológico adotado buscou maior entendimento do objeto de estudo e para isso, o instrumento de coleta de dados adotado foi a entrevista semiestruturada em profundidade, porque ela permite conversas mais longas e detalhadas com os entrevistados, permite também ter mais liberdade quanto à disposição, retirada ou acréscimo das perguntas (Laville, Dionne, 1999).

Segundo Laville e Dionne (1999, p. 189) “essa flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores”.

Através dessa flexibilidade e liberdade que a entrevista semiestruturada permite foi possível indagar e aprofundar em alguns questionamentos com os alunos, esclarecendo, por exemplo, sobre o funcionamento de determinada rede social e o porquê do seu uso, ou solicitar detalhes sobre um trabalho escolar que ocorreu na aula de geografia com a temática do processo eleitoral, dentre outras indagações da pesquisadora que surgiram ao longo da entrevista,

As entrevistas foram realizadas na biblioteca da escola, lugar considerado de fácil acesso para os alunos, ambiente tranquilo e confortável para um momento de escuta e também por ser o ambiente de trabalho da pesquisadora, o que de certa forma facilitou o trabalho de coleta dos dados.

A duração de cada entrevista variou entre 20 e 45 minutos. E a aplicação ocorreu no mês de outubro de 2022, no intervalo entre o primeiro e o segundo turno das eleições, momento marcado por intensa proliferação de notícias falsas relacionadas às urnas eletrônicas e ao processo eleitoral (Brasil, 2022c).

O roteiro da entrevista foi organizado a fim de responder aos objetivos específicos propostos, as perguntas foram dispostas de maneira a estabelecer três eixos temáticos:

1. **Redes Sociais** que contém perguntas destinadas a verificar quais são as redes mais usadas, qual a finalidade de cada uma, o que as redes sociais representam para os entrevistados e se eles as utilizam como fonte de informação, dentre outras questões.

2. **Urnas Eletrônicas** apresenta perguntas sobre o motivo do alistamento eleitoral, sobre o processo de busca por informações sobre as urnas e também a respeito da credibilidade das urnas e do processo eleitoral como um todo.

3. **Fake news** que apresenta perguntas relacionadas ao conhecimento dos alunos sobre o que é *fake news* e onde obtiveram informações sobre elas, além de verificar se eles são capazes de identificar se uma informação é verdadeira ou falsa.

Estes eixos temáticos contribuíram para delinear o contexto da pesquisa, os sujeitos estudados e suas práticas informacionais. A seguir, o Quadro 8 sintetiza os eixos temáticos com os respectivos objetivos específicos indicados.

Quadro 8 – Eixos temáticos X objetivos

Eixo Redes Sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar (enumerar) os principais tipos de mídias digitais (redes sociais digitais e/ou perfil) acessadas pelo grupo estudado para obtenção de informação; • Verificar qual o critério usado pelo grupo estudado para escolher a rede social usada e/ou perfil a seguir como fonte de informação;
Eixo Urnas Eletrônicas	<ul style="list-style-type: none"> • Apurar o impacto (influência) das informações veiculadas por essas redes e perfis nas decisões (ou engajamento) dos adolescentes em confiar ou não na urna eletrônica;
Eixo Fake news	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar a capacidade dos adolescentes em diferenciar informações disponíveis nessas redes e/ou perfis como informação ou desinformação.

Fonte: Elaborado pela autora

As entrevistas foram gravadas através de um aplicativo de voz instalado no celular da pesquisadora e posteriormente transcritas com o auxílio da ferramenta “Ditar” no editor de texto Microsoft Word.

A etapa de preparo para a análise dos dados iniciou-se após a transcrição. O processo de ler e reler a transcrição acompanhada da escuta dos áudios possibilitou sublinhar vários trechos significativos que em seguida foram organizados primeiramente em uma planilha de Excel e depois sistematizados em um novo documento conforme os eixos temáticos Redes Sociais, Urnas Eletrônicas e *Fake News*.

Para a análise e interpretação dos dados, o procedimento selecionado foi a Análise de Conteúdo que é um:

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p.42).

Esse procedimento teve como objetivo interpretar o que foi coletado, compreendendo o contexto e as práticas executadas para além das mensagens transcritas.

Corroborando com o pensamento de Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021) em suma,

Análise de Conteúdo é um método importante na pesquisa qualitativa, já que busca analisar os sentidos e os significados das comunicações, considerando tanto as condições de quem produz a mensagem (o emissor e seu contexto), quanto de quem a recebe e os efeitos que ela produz, a fim de melhor compreender e interpretar a realidade (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021, p. 110-111).

Assim, para a execução da análise de conteúdo, Bardin (2011) esclarece que é necessária a execução em três etapas: (1) pré-análise, (2) exploração do material ou codificação e (3) tratamento dos resultados ou interpretação. A primeira etapa é aquela em que se realiza a leitura exaustiva do material de campo, a fim de constituir o universo da pesquisa, formular hipóteses e elaborar os indicadores que nortearão a interpretação final.

A segunda é a exploração do material, diz respeito à classificação e à categorização de trechos do texto, de forma a especificar os temas trabalhados. Por fim, na terceira etapa, o tratamento dos resultados compreende a interpretação dos

resultados e a realização e inferências conforme o quadro teórico estabelecido, os objetivos e os achados da pesquisa (Bardin, 2011; Cavalcante; Calixto; Pinheiro, 2014)

Dente as diferentes técnicas que compõem o método da Análise de conteúdo, utilizamos a Análise Categorial, pois a partir das perguntas utilizadas nas entrevistas, foram-se estabelecendo os três temas principais já citados acima e a partir deles, foram instituídas algumas categorias que orientaram a compreensão das respostas dos adolescentes entrevistados.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A realização das entrevistas no ambiente da biblioteca foi muito positiva, pois além do fácil acesso para os alunos, ela é um local onde muitos alunos sentem seguros e a vontade para conversar tanto entre eles quanto com adultos quando necessário. A biblioteca é considerada um ponto de encontro entre os alunos e um ponto de apoio para a equipe pedagógica realizar reuniões com as pessoas responsáveis pelos alunos e também com os próprios alunos.

Outro ponto relevante é o fato de os entrevistados já conhecerem a pesquisadora há muitos anos, assim, ao longo das entrevistas, eles demonstraram estar confortáveis e discorreram sobre os temas perguntados extrapolando livremente para questões pessoais e de foro íntimo sem nenhum constrangimento ou dificuldade. Cabe ressaltar que a análise das respostas está focada na temática dessa pesquisa, portanto todas as questões pessoais apresentadas ao longo da entrevista não serão objeto de estudo e por isso não constarão nessa dissertação.

A análise dos dados empreendida, parte da leitura e releitura das falas dos entrevistados obtidas por meio da entrevista semiestruturada. Para evitar palavras repetidas e o constante uso da gíria “tipo assim” muito utilizada pelo grupo entrevistado, foram feitas algumas supressões nos relatos para deixar o texto mais fluido. A partir da primeira estruturação dividida nos três eixos temáticos, foram construídas algumas categorias conforme será apresentado no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 – Síntese das categorias

Eixos temáticos	Categorias	Subcategorias
Redes sociais	Redes sociais	Redes sociais usadas e suas respectivas finalidades; O que as redes sociais representam; Interação/ práticas nas redes sociais; Redes sociais como fonte de informação;
Urnas eletrônicas	Processo eleitoral/ Urnas Eletrônicas	Motivo da emissão do título; Informações sobre as urnas; Credibilidade das urnas/ Fraude nas eleições
Fake news	Desinformação/ Informação	Informações sobre <i>fake news</i> ; Conceito de <i>fake news</i> (dos entrevistados); Avaliação da informação (verdadeira ou falsa)

Fonte: Elaborado pela autora

5.1 Redes Sociais

O Eixo Redes Sociais pretende apresentar as principais redes sociais utilizadas pelos adolescentes, suas finalidades, significados e os relacionamentos que ocorrem nesse ambiente.

5.1.1 *Redes sociais usadas e suas respectivas finalidades*

Para conhecer a relação que os adolescentes estabelecem com as redes sociais, foi necessário realizar perguntas associadas ao uso ou não de redes sociais, relacionadas a quais redes sociais são utilizadas, às diferenças no uso de cada uma, à escolha da rede e ao significado que as redes sociais têm para cada um dos entrevistados.

Com relação ao uso das redes sociais, todos os adolescentes entrevistados declararam que usam diversas redes sociais, para diferentes situações. Eles afirmaram também que gastam muito tempo conectados às essas redes sociais ao longo do dia.

Eu uso o dia todo assim, toda vez que dá uma pausa assim que não tem que fazer alguma coisa eu estou em uma rede diferente. (Entrevistada 04)

[...] uso todo dia, toda hora eu paro para olhar mesmo que seja rápido. (Entrevistado 06)

Eu uso bastante acho que hoje em dia ninguém vive sem né. (Entrevistada 10)

[...] eu uso ao longo do meu dia quando eu acordo aí eu já vou olhar e responder algumas mensagens, aqui na escola quando não tem nada para fazer também, quando os professores dão um tempinho né, e em casa também na maioria das vezes em casa ou quando eu estou com tempo livre.(Entrevistada 13)

[...] o período que eu uso, o WhatsApp é 24 horas, o Instagram também, mas menos frequente, aí o Twitter é mais à noite ou mais de manhã para ter um norte do que aconteceu, e o YouTube é só almoço, jantar assim aquelas horas meio atoa. (Entrevistado 15)

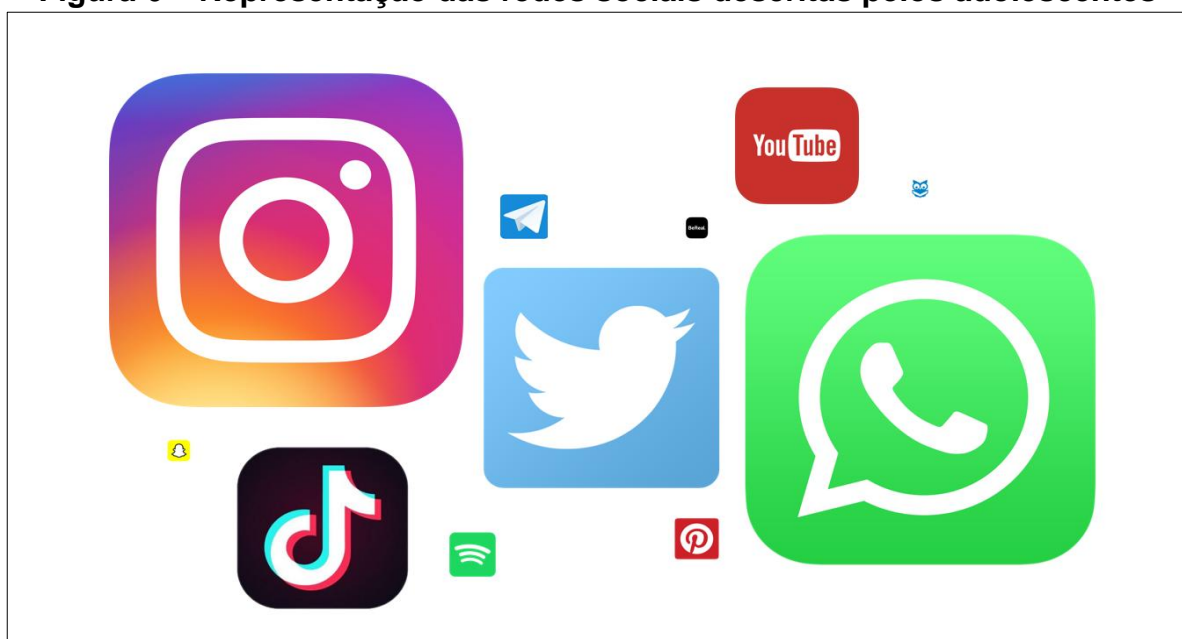
Quando perguntamos quais são as redes sociais utilizadas, os adolescentes apresentaram como resposta várias redes sociais, dois aplicativos de mensagens e um serviço de streaming. As redes sociais mais citadas foram respectivamente Instagram, Twitter, Tik Tok, Youtube, Pinterest, Snapchat, Scooby e Be Real.

Dentre os aplicativos de mensagens, o WhatsApp foi citado por todos os entrevistados e o Telegram por apenas dois. E o Spotify foi citado como rede social por dois entrevistados.

Alguns dados apresentados acima coadunam com a edição mais recente da pesquisa *Tic Kids online Brasil (2022)* que aponta que as plataformas de criação e de compartilhamento de conteúdo audiovisual estão entre as mais utilizadas por crianças e adolescentes no país. Segundo a mesma pesquisa, o Instagram avançou de 45% em 2018 para 62% em 2021.

Como pode ser observado, na Figura 6 a representação das redes sociais utilizadas pelos entrevistados desta pesquisa também pode ser entendida sob a ótica dos números. O Instagram e o WhatsApp são utilizadas por todos os quinze entrevistados, onze alunos afirmaram usar o Twitter, o TikTok é utilizado por oito e o YouTube por seis. As demais redes foram citadas por apenas um ou dois dos entrevistados.

Figura 6 – Representação das redes sociais descritas pelos adolescentes



Fonte: Elaborada pela autora

Antes de apresentar a finalidade de uso dessas redes sociais digitais, apresentamos uma breve descrição de cada uma com suas devidas peculiaridades.

Instagram

Lançada em 2010, é uma rede social voltada para o compartilhamento de fotos e vídeos, uma de suas principais ferramentas é o story, onde é permitido compartilhar fotos ou vídeos com duração de exatamente 24 horas, também tem a função de compartilhar seu conteúdo com outras redes sociais como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr. Foi um dos primeiros serviços desenvolvidos para acesso em dispositivos móveis, mas atualmente pode ser acessado por desktop (Caetano, 2018).

Whatsapp

Criado em 2009, trata-se de um aplicativo de mensagens instantâneas. Além das mensagens de texto, seus usuários podem enviar imagens, vídeos, áudios, documentos em PDF e realizar ligações e chamadas de vídeo. Disponível para todos os sistemas operacionais de *smartphones*, atualmente também é possível acessar a plataforma pelo computador (Caetano, 2018).

Twitter

Fundado em 2006, é uma rede social que permite aos usuários compartilhar mensagens curtas, os tweets. É conhecida por sua natureza em tempo real, o que permite o acompanhamento de notícias e eventos à medida que acontecem (Caetano, 2018).

TikTok

Rede social que surgiu em 2014, desenvolvido por uma empresa chinesa, destinada ao compartilhamento de vídeos curtos que oferece amplos recursos de edição como filtros, áudios, legendas, músicas, gifs e etc, se popularizou em 2019, alcançando altos números de usuários (Felix, 2020).

YouTube

É uma plataforma de vídeos online. Por meio dela, usuários podem assistir, criar e compartilhar vídeos pela internet. Fundada em 2005, a plataforma possui mais de um bilhão de usuários pelo mundo. A ideia do YouTube é que seus usuários possam não apenas consumir conteúdos na plataforma, mas também produzi-los (Souza, 2023).

Pinterest

O Pinterest é uma rede social de compartilhamento de conteúdo através de imagens, com a criação de uma conta na plataforma e, por meio de suas ferramentas, pode-se compartilhar, gerenciar, comentar, seguir e criar páginas com imagens temáticas de diversos segmentos que servem de inspirações para as criações de seus usuários (Caetano, 2018).

Skoob

O Skoob é uma rede social totalmente dedicada aos leitores do Brasil. A plataforma funciona como um estante virtual, na qual é possível agrupar todos os livros que já leu, que deseja ler, abandonou ou está lendo. Ela também te ajuda a acompanhar o seu progresso nas leituras, compartilhar opiniões e experiências com amigos e seguidores, além de promover a troca de livros e realização de sorteio (Machado, 2021).

Snapchat

O Snapchat é um aplicativo de mensagens instantâneas que surgiu em 2011. Nele, os usuários podem tirar fotos, gravar vídeos, adicionar textos e desenhos à imagem, podendo usá-lo para compartilhar material que não possa ser copiado. O tempo de cada snap (foto ou vídeo disponibilizado) é de um a dez segundos e, após aberto, a imagem ou vídeo somente poderá ser vista de acordo com o tempo escolhido pelo remetente, sendo a imagem excluída do dispositivo e também dos servidores após a visualização. (Vasconcelos *et al.*, 2016, p2).

Telegram

Lançado em 2014, o Telegram é um aplicativo de mensagens, serve para todos os tipos de usuários que queiram trocar mensagens rápidas e fazer chamadas de voz e também de vídeo. A segurança é o destaque do serviço, que promete conversas com criptografia de ponta a ponta, além de funções capazes de criar chats secretos em que é possível enviar mensagens autodestrutivas (Dias, 2019).

Be Real

A rede social Be Real é um aplicativo de compartilhamento de fotos, criado em 2019, na França. Ela propõe a ideia de publicar uma vez por dia uma foto sem o uso de

filtros. Como o nome sugere, o objetivo é fazer com que as pessoas “sejam reais”, indo na contramão da maioria dos apps de fotos. O usuário deve apenas registrar aquilo que está fazendo naquele momento do seu cotidiano (CNN, 2023).

A finalidade da rede social e o momento para acessá-las foram destacados por vários adolescentes.

O YouTube eu estou pegando para questões um pouco mais acadêmicas assim como Spotify eu estou estudando bastante *podcast*. O TikTok e o Twitter são mais um escravo para mim tipo eles pegam muito meu tempo livre porque quando você percebe, você já ficou a tarde inteira nele. (Entrevistada 3)

O TikTok é mais entretenimento mesmo, eu nunca acompanhei muita coisa não, no Twitter eu pego bastante notícias, o WhatsApp é para comunicação e o Instagram é entretenimento e nada muito profundo, eu também leio notícias por lá que eu sigo algumas páginas diferentes. (Entrevistada 4)

No Twitter eu entro mais para rir porque eu vejo mais meme essas coisas vejo mais coisas engraçadas no Instagram para ver como é que as pessoas estão lá ver os Stories, no YouTube e eu vejo o vídeo de tudo na verdade eu vejo desde culinária até vídeo de humor e joga. (Entrevistado 6)

[...] o WhatsApp eu geralmente uso para enviar mensagem conversar com alguém, YouTube eu estou usando mais para ver vídeos, às vezes alguma música, o Twitter eu uso mais para ver as postagens tipo notícias de política essas coisas, e o TikTok mais para entretenimento para ver os vídeos. (Entrevistado 12)

Cada uma tem um objetivo diferente para mim. o WhatsApp é mais comunicativo é uma rede social que eu considero mais íntima é o que eu passo para resolver coisas mais pessoais, é uma rede social que estou sempre ativo. O Instagram é uma rede social mais expositiva a gente expõe lá, a gente debate lá, lá é uma rede social que eu uso mais para expor mesmo, tirar foto do que eu acho bonito, é onde eu tenho mais influência. O Twitter, ele eu não uso tanto para me expor, diferente de tanta gente que usa o Twitter para expor, pra desabafar, gosto do Twitter porque eu acompanho notícia lá, na verdade lá é o lugar que eu mais acompanho, onde eu tenho mais segurança inclusive das informações porque eles têm uma rede de verificação de dados ou informações de jornais também. O YouTube se você considerar uma rede social, ele é mais lazer, pode usar também para notícia, mas eu uso mais para lazer para aquela coisinha que você tá fazendo atoa vou colocar um vídeo no YouTube.[...] a questão do período que eu uso, WhatsApp é 24 horas, o Instagram também, mas menos frequente, aí o Twitter é mais à noite ou mais de manhã assim para ter um norte do que aconteceu, no YouTube é só almoço, jantar assim aquelas horas meio atoa.(Entrevistado 15)

Cada rede social apresenta uma forma de integração e de relação entre os seus membros, podendo ser através do compartilhamento de fotos, vídeos ou mensagens, com isso entre as redes mais citadas, verificamos certa similaridade

entre o que as redes mais citadas se propõem e como elas realmente são usadas pelos adolescentes.

O Twitter, por exemplo, é uma rede de compartilhamento de mensagens curtas e em tempo real, bastante favorável à comunicação rápida de notícias e de opiniões e posicionamentos pessoais. A principal finalidade dessa rede entre os entrevistados é o ato de se informar, de ter acesso a uma notícia ou a um fato, evento que tenha acabado de acontecer, e em segundo lugar o entretenimento, especialmente no sentido de saber sobre o que as pessoas estão falando a respeito temas de interesse particular.

Para o Instagram, as principais funções descritas foram diversão, exposição e informação. Através das postagens de fotos é possível revelar gostos, costumes e a própria imagem ou apenas apreciar o conteúdo de outras pessoas como celebridades ou personalidades importantes.

O Youtube foi descrito como um lugar adequado para estudar, para se informar e para divertir. A função de criar vídeos, permitida pela ferramenta, não foi citada por nenhum adolescente, estando suas práticas limitadas somente ao consumo de conteúdos compartilhados.

Tanto o TikTok quanto o WhatsApp possuem finalidades exclusivas, são utilizados respectivamente para entretenimento e comunicação. O primeiro através da produção, consumo e compartilhamento de vídeos curtos sobre dancinhas, beleza, memes e muito mais e o segundo como a principal ferramenta de comunicação usada entre os entrevistados.

O Spotify, apesar de ter sido citado como uma rede social é um serviço de streaming, “uma forma de distribuição digital que dá acesso online a um catálogo “ilimitado” de músicas *podcast* e vídeos gravados, instantaneamente, em qualquer hora e local” (Moschetta; Vieira, 2018). O seu uso foi relacionado ao ato de ouvir música e também ao de estudar através dos *podcasts* que estão hospedados no aplicativo.

Após analisar todas as respostas com relação à finalidade das principais redes sociais utilizadas pelos entrevistados, sintetizamos as informações na Figura 7 abaixo.

Figura7 – Finalidade das redes

REDE SOCIAL	FINALIDADE
Twitter	• Entretenimento; Informar
Instagram	• Entretenimento; Exposição; Informar
TikTok	• Entretenimento
WhatsApp	• Comunicar
YouTube	• Entretenimento; Informar

Fonte: Elaborada pela autora

5.1.2 O que as redes sociais representam

Para os adolescentes entrevistados, as redes sociais digitais representam diversos vínculos com abrangências e objetivos diversos, suas práticas nesse ambiente vão desde entretenimento como forma de fugir da realidade, até a utilização como fonte de informação para múltiplos fins. O ambiente das redes sociais pode ser visto como uma extensão do mundo real para os adolescentes, com aspectos positivos e negativos. Diferentes tipos de relações sociais são construídas através da conectividade, a maneira de estudar ou simplesmente se informar sobre algo ou alguém do interesse pode ser feito através posts ou vídeos curtos às vezes em tempo real.

Assim, o que as redes sociais digitais representam para esse grupo pode ser observado respostas abaixo.

Ahh eu acho que é estar conectada com o mundo, não só com pessoas, mas com as coisas, por exemplo, eu uso principalmente pra ver as coisas que eu gosto, seja de série, coisas que eu quero comprar, que acompanho e que vejo e pra ver as pessoas que eu gosto também, mas mais pra estar conectadas com o mundo em si, coisas tipo do exterior que eu gosto. (Entrevistada 01)

Pra mim é uma forma de entretenimento, uma forma de fugir de um dia ruim ou alguma coisa assim, para fugir da realidade e ficar sem pensar em nada,

por isso que eu gosto do TikTok porque é uma coisa fácil, direta e é muito vídeo curto que dá um grau de serotonina. (Entrevistada 02)

“É um passatempo, só uma forma de entretenimento mesmo”. (Entrevistado 06)

Representa uma fonte cheia de informação nova a cada segundo, porque você atualiza a página e sempre vai ter uma coisa nova para surgir, assim eu acho que é isso. (Entrevistado 07)

Para mim representa um meio que você pode compartilhar com as pessoas algo que você gosta. E que também pode ser um meio de se ter uma máscara da sua realidade e ser só isso. (Entrevistado 08)

Eu acho que é uma maneira da gente se conectar. [...] então as redes sociais fornecem essa questão das informações pra gente, informações relevantes de acordo com o algoritmo né, que traz aquilo que é relevante para gente, mas também para manter contato com pessoas que a gente tem uma certa distância. (Entrevistada 09)

É muito importante para mim é essencial não fico sem e ao mesmo tempo eu vejo como um vício para mim não sei, eu acho que se eu usasse menos talvez eu seria mais produtiva em alguns aspectos principalmente essas redes sociais que são mais para lazer. (Entrevistada 10)

Eu acho que é um meio da gente conseguir entretenimento, informação, às vezes a gente tem que olhar se a informação é segura né porque tem muita *fake news*, mas acho que é isso. (Entrevistado 12)

Muita coisa, elas representam um contato, elas representam influência, elas representam informações também, elas representam muita coisa tanto positivo quanto negativo, elas representam também muito, parte da noção que você vai ter do que está acontecendo, da cabeça das pessoas. Nas redes sociais você entende muito porque as pessoas pensam, a rede social é uma terra sem lei, então ela representa o seu interior, [...] no Instagram a gente expõe, então a gente consegue saber a renda financeira de uma pessoa pelo Instagram, pelos lugares que ela frequenta você consegue saber, por exemplo, se pessoa é gay ou não pelas pessoas que ela segue então eu já tenho essa noção com as redes sociais elas representam uma coisa muito íntima, mas uma coisa muito supositória. Ou você fala demais ou você expõe demais, ai você conhece a pessoa pelas redes sociais, então eu acho que é isso que ela representa, o seu jeito de se expor. (Entrevistado 15)

De acordo com Almeida *et al* (2018) o ambiente das redes sociais digitais tem alcançado amplo espaço no cotidiano do ser humano, em especial dos adolescentes por oferecer recursos tecno-informacionais que os permitem estar conectados ao mundo, ter amplo acesso a informações, podendo usá-las e compartilhá-las para se divertirem, se informarem ou comunicarem com outras pessoas. Com isso, “por meio das redes sociais é possível criar vínculos, instaurar relacionamentos mais íntimos, manter a comunicação com familiares distantes, mobilizar pessoas para uma determinada causa social, entre outras ações” (Almeida *et al* 2018, p. 4).

Contudo, os próprios adolescentes apresentam alguns pontos negativos quanto à representação das redes sociais.

Eu acho que representa uma coisa que pode ser muito boa ou muito ruim, tem um potencial muito grande só que é muito difícil de dosar os conteúdos positivos e negativos. Então para mim ela (a rede social) é o que a pessoa decide fazer com ela sabe. (Entrevistada 03)

Pra mim apresenta o lado positivo porque a gente tem acesso em muita informação que não são necessariamente verdadeiras, mas ao mesmo tempo eu acho que consome muito da gente e acho que molda muito pensamento da pessoa também, o jeito dela agir com as outras pessoas, e também molda o comportamento mesmo de todas as formas, eu acho. (Entrevistada 11)

É um mundo sem lei, é o tipo o lugar onde você pode postar e agredir as pessoas que você sai impune mesmo sabendo que é um crime cibernético. As pessoas não estão nem aí se vão machucar alguém, contando que elas liberem o ódio que tem dentro delas, esquecendo que tem outra pessoa que vai ler e que vai levar ao coração como em muitos casos de meninos que se suicidaram, porque tiveram depressão, ansiedade por conta de rede social. (Entrevistada 14)

A questão do tempo que se passa navegando nas redes é uma preocupação demonstrada na entrevista, assim como a influência que tem na construção do pensamento e do conhecimento de cada um, remodelando ações, comportamentos e o estilo de vida. Outra prática comum observada por eles são os atos de violência verbal, psicológica e até mesmo física dentro desse ambiente que tem causado danos severos para a saúde desses jovens.

Em suma, as redes sociais digitais representam conexão e comunicação, fonte de informação e entretenimento, ou seja, elas podem ser entendidas como uma nova forma de organização social (Castells, 1999), pois a difusão da lógica dessas redes sociais digitais tem modificado de forma substancial a maneira de interagir, comunicar e se informar de seus usuários com todos os prós e contras possíveis.

5.1.3 Interação/ práticas nas redes sociais

Nesta categoria de análise, questionamos os adolescentes sobre suas interações e sobre algumas práticas realizadas ao utilizar suas redes sociais. Com relação a selecionar pessoas ou perfis para seguir, perguntamos se eles já

selecionaram amigos/pessoas por causa das coisas que elas dizem/postam nas redes sociais.

A maioria dos adolescentes (11 entrevistados) respondeu sim, que já selecionaram pessoas ou perfis que apresentam um posicionamento ou uma fala que estejam de acordo com os seus interesses ou que coadunem com suas opiniões. A partir das respostas analisadas, foi possível observar que temas relacionados aos interesses particulares, como hobby e assuntos escolares ou sobre temas específicos como opinião política, discurso de ódio, preconceito e *bullying* foram relevantes para o grupo na hora de decidir seguir ou não uma pessoa ou perfil em determinada rede social.

[...] na relação política algumas opiniões políticas eu prefiro não conviver muito porque às vezes eu acho opiniões muito violentas com algum tipo de classe social, então eu doso nesse sentido. Geralmente observo os pensamentos da pessoa, se o conteúdo me agrega em alguma coisa, no sentido de alguma coisa como um hobby, alguma dica de atividade física ou algum comentário sobre história que eu acho interessante aí eu sigo geralmente é esse tipo de coisa. (Entrevistada 03)

Já, no Instagram eu geralmente prefiro seguir quem eu gosto ou então o perfil das notícias, eu geralmente seleciono bem quem eu sigo lá e no Twitter acaba que eu só sigo também quem me segue porque o meu perfil é privado, mas eu evito tentar selecionar muito porque eu tenho muito medo de ficar em uma bolha e aí quando estoura é bem ruim. Então eu já, mas eu seleciono o pessoal no Instagram principalmente com as mesmas visões que eu e no Twitter eu deixo mais aberto. No TikTok eu não faço distinção porque eu só sigo o que aparece de coisas de toda gente né, aí eu só sigo quem me interessa mais nunca cheguei bloquear ninguém não. (Entrevistada 04)

Já, toda hora, eu já deixei de seguir pessoas porque eu não concordo com o que elas dizem, eu não quero ver esse tipo de conteúdo então, eu uso bem isso, eu sempre sigo só o que é relevante, se alguma pessoa que eu gostava antes, um influenciador, por exemplo, falou alguma coisa que eu discordo completamente, sou totalmente contra eu deixo de seguir a pessoa sem nem pensar. (Entrevistada 09)

Com certeza principalmente agora que a gente está em período de eleição eu vejo muito isso quando eu vejo alguém que, eu sei que eu não deveria, mas que tem algum pensamento que eu não concordo nada, eu fico meio com o pé atrás às vezes eu não deixo de falar, mas eu fico com um pouco de receio de interagir com essa pessoa. (Entrevistada 10)

Então eu tento selecionar assim uns amigos mais pela “índole”, então, por exemplo, posta alguma coisa sobre preconceito, incentivando o preconceito né, ou *bullying* alguma coisa assim, eu já não gosto, não o considero amigo, mas geralmente sim, eu escolho com base nisso, na vida real também, não só na rede social. (Entrevistado 12)

Muito, eu sou uma pessoa que tem uma cabeça que é o seguinte, eu acho que as pessoas têm total liberdade de ter a opinião que elas quiserem só

que opinião é diferente discurso de ódio. [...] dependendo do que a pessoa posta, dependendo de quem ela compactua eu acho o seguinte a pessoa tem a liberdade da escolha que ela quiser, mas tem uma diferença entre você escolher aquilo e o motivo de você escolher aquilo, dependendo do motivo eu já começo a excluir, eu já não gosto, principalmente nessa época de eleição, por exemplo, muita gente postando coisas que eu acho meio ridículas, já excluí, e eu não quero papo. (Entrevistado 15)

As práticas informacionais desses sujeitos ocorrem em meio a outras práticas sociais e cotidianas, podendo ser influenciadas ou até manipuladas, conforme for o contexto de vida deles. Decidir seguir um perfil na rede social com base na afinidade de opinião ou de ideias em um momento bastante polarizado, com muita violência verbal e psicológica como o vivenciado durante o período eleitoral, demonstrou que esses adolescentes, para evitar o desconforto ou atrito, adotaram a postura de socializar somente com quem atendesse aos seus interesses, devido à satisfação decorrente disso.

Entre os adolescentes que responderam que não selecionam pessoas ou perfis pelo que elas dizem ou postam, os motivos estão relacionados a não querer julgar as pessoas e em saber respeitar as opiniões diferentes.

Eu não ligo muito pra isso, por exemplo, agora o assunto em alta é política né, como está tendo as eleições, várias pessoas demonstram seus candidatos perfeitos para elas. Eu prefiro não julgar as pessoas pelo que elas estão postando, dependendo do assunto, por exemplo, agora na eleição, mostrar o candidato ideal, só porque eu não concordo com o candidato daquela pessoa não quer dizer que ela pararia de ser minha amiga, então eu prefiro não olhar isso, não julgar a pessoa pelo que ela está postando. (Entrevistada 05)

Eu não (seleciono), por exemplo, esse trem de política, cada um tem a sua opinião, [...] meus amigos postaram coisas que eu não gosto, mas mesmo assim eu respeitei, não me influenciou, continua a mesma coisa. (Entrevistado 07)

Não, eu separo muito a opinião da pessoa, por exemplo, tem amigos meus que têm opiniões políticas diferentes da minha, não vou julgar eles porque não são pessoas ruins. Assim, são pessoas que agem de acordo com o que eles defendem, por exemplo, tem candidatos que eu não concordo, porque eu não acho correto, mas a pessoa defende a candidatura dele, não a pessoa em si, não age de acordo (com o candidato), então eu não vejo o motivo de ter que cortar. Não tenho essa seleção do tipo, se postou uma coisa que eu não gostei eu vou parar de seguir, porque cada um tem a opinião diferente, não posso controlar que o outro vai falar apenas o que eu falo. (Entrevistada 14)

Novamente a polarização política do contexto deu o tom. Nas falas apresentadas acima, todos citaram exemplos relacionados à eleição ou a escolha de

candidatos, pois as discussões e publicações sobre esse assunto naquele momento eram muito frequentes e muitas vezes entre entes queridos como foi observado. Assim, respeitar e não julgar a opinião do outro pode estar relacionado com a questão da afetividade estabelecida entre eles.

Com relação a participação nas diversas redes sociais ou nos grupos dentro das redes, 13 adolescentes relataram que já entraram em alguma rede social seguindo a sugestão de outras pessoas. A maior parte dessas sugestões veio de amigos e familiares.

Sobre os grupos específicos que eles participam nas redes sociais digitais, os mais citados, na ordem abaixo demonstrada foram:

- Grupos de família (WhatsApp);
- Grupos de escola e amigos (WhatsApp);
- Grupos de política (WhatsApp/Telegram);
- Grupos de promoção de livros (Telegram);
- Grupos de jogos (WhatsApp).

Esses dados coadunam com o relatório de pesquisa “Caminhos da Desinformação: evangélicos, *Fake news* e WhatsApp no Brasil”, coordenada por Alexandre Brasil Fonseca e Juliana Dias em 2021. Os pesquisadores afirmam que o “WhatsApp é o aplicativo que foi pensado para as relações íntimas e privadas, marcado pela simplicidade, confiança e segurança garantida por sua criptografia e o seu uso é prioritariamente relacionado ao contato com a família”, (Fonseca, Dias, 2021, p. 81).

Os conhecidos grupos de família do aplicativo de mensagem WhatsApp, foram os mais citados, seis adolescentes declararam participar dos grupos de suas respectivas famílias e quatro declararam que não participam. Outros cinco entrevistados afirmaram não fazer parte de grupos em redes sociais, no entanto, durante a entrevista, ao responder outras perguntas sobre grupos de família, por exemplo, sobre discussões que ocorrem nesse ambiente, foi possível verificar a participação dos mesmos nesses grupos.

A opinião dos entrevistados sobre a existência desses grupos de família, bem como os conteúdos compartilhados neles, foi no geral bastante parecida.

A maioria disse que os grupos de família são conhecidos por compartilhar desinformação e correntes do tipo religiosas, que as pessoas mais velhas que participam do grupo são as que mais disseminam *fake news* e mensagens preconceituosas, além de ser o local em que está ocorrendo muitas brigas devido à polarização política vivida no país, em especial no momento em que ocorreram as entrevistas, período entre o primeiro e o segundo turno das eleições de 2022.

As respostas a seguir ilustram a síntese do pensamento que esses adolescentes têm sobre os grupos de família.

O grupo da minha família não costuma postar muitas coisas, e quando posta pra ser bem sincera eu costumo nem ler, mas quando eu vejo, percebo que tem gente que posta *fake news*, principalmente os mais velhos e aí normalmente eu ignoro. (Entrevistada 02)

[...] minha tia é muito religiosa então ela manda as coisas da igreja. Só que essa mesma tia, também tinha uma mania bem feia de ficar mandando coisas que é claramente *fake news*, corrente de WhatsApp e eu acho que acaba virando um pântano de desinformação, já repreendi ela várias vezes falando não compartilha isso antes de ver quem que é, qual a fonte dessa mensagem e ela não sabe e fala “não sei, só recebi e mandei”. (Entrevistada 04)

Eu acho muito cansativo porque eles mandam muita coisa de política, esses trem tudo de religião também e eu não gosto. (Entrevistado 07)

“Então é meio complicado porque cada um tem uma opinião sobre alguma coisa, sempre acontece uma briga assim sabe”. (Entrevistado 12)

“Nossa, grupo de família é uma coisa complicada né que geralmente tem as pessoas mais velhas e aí é o ponto máximo da *fake news* principalmente”. (Entrevistada 13)

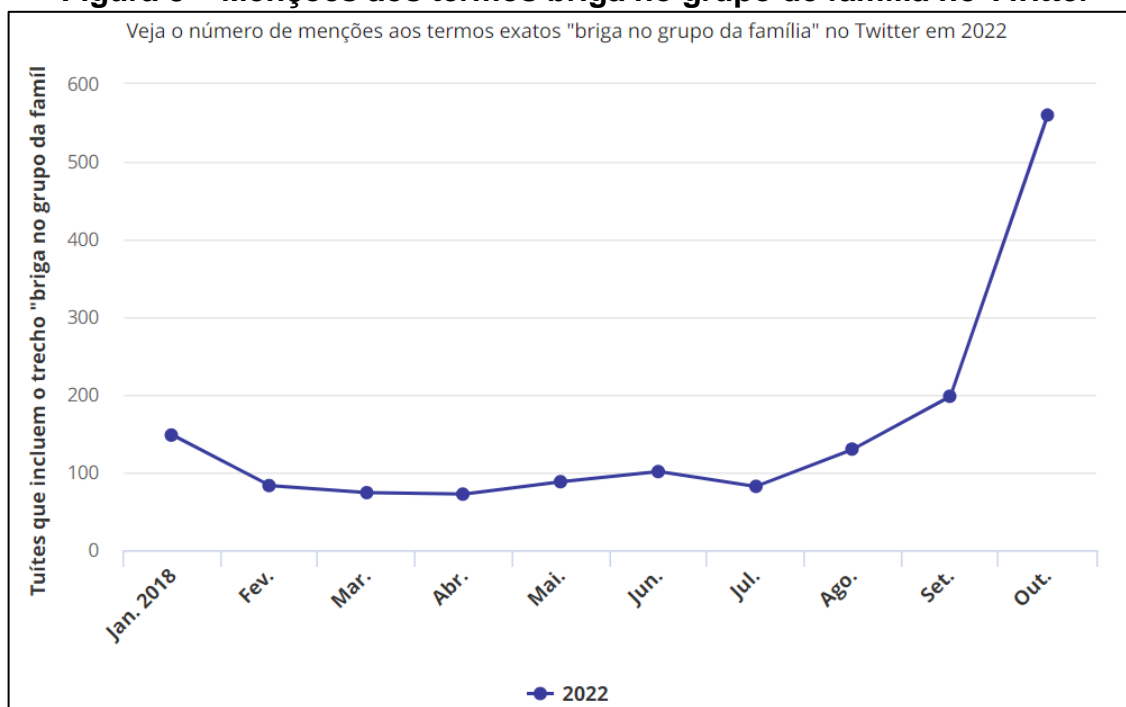
[...] nossa eu não suporto o tanto de coisa que mandam, que é muita *fake news* ou coisa de política ou aquelas mensagens que são repassadas. eu penso pra que está repassando a história, você tem 12 anos de idade? Acabou de baixar e a pessoa tem 60 anos de idade, 50 anos, meus tios, eu fico sem paciência. (Entrevistada 14)

O teor das principais polêmicas observadas pelos adolescentes nos grupos de família diz respeito a brigas por divergência política, entre apoiadores dos então candidatos à presidência, Lula e Bolsonaro, discussões sobre o compartilhamento de *fake news* relacionadas às eleições, conteúdos homofóbicos e transfóbicos compartilhados nos formatos de mensagens de texto, áudios, vídeos e memes.

Esse contexto observado pelos adolescentes em seus respectivos grupos de família, coincide com o que o jornalista do G1, Rodrigo Ortega apresentou em reportagem intitulada “Temperatura aumenta nos grupos de família no WhatsApp na

reta final da eleição; leia histórias”, publicada no dia 28 de outubro de 2022, véspera do segundo turno das eleições presidenciais, na qual as menções à “briga no grupo da família” aumentaram consideravelmente no Twitter, conforme demonstra o gráfico utilizado na reportagem (Figura 8).

Figura 8 – Menções aos termos briga no grupo de família no Twitter



Diante desse cenário de discussões entre familiares, compartilhamento de desinformação e conteúdos preconceituosos, os adolescentes se posicionaram contrários a esse tipo de comportamento e de prática no ambiente digital. Nenhum adolescente entrou nas discussões políticas, a maioria dos que presenciaram somente acompanhou através da leitura das mensagens. Outros preferiram nem acompanhar, como descrito pela adolescente abaixo.

[...] assim, meus familiares eles não têm muita paciência para conversar são pessoas que usam muita agressividade nas palavras, então eu prefiro não ouvir ou manter afastada do que acabar perdendo a paciência ou eu ficando incomodada com coisas que eles vão fala. (Entrevistada 14)

Dois alunos informaram que saíram do grupo por causa das discussões e também dos conteúdos compartilhados neles.

Eu me lembro de uma vez, porque tem muito tempo que eu não estou em grupo de família. Foi nesse quesito de política mesmo, que era meu primo discutindo com o meu pai e aí ele defendendo ideais diferentes e tal e que não ia chegar a lugar nenhum e eu lembro que isso causou tretas no grupo e a gente saiu do grupo nessa época. (Entrevistado 08)

[...] o estopim para eu sair do grupo foi porque foi nas eleições de 2020 se não me engano, que foi para prefeito e vereadores, a Duda Salabert é uma vereadora trans, ela foi a mais votada aqui de BH e aí mandaram no grupo da minha família que era um absurdo, eu achei uma falta de noção né, falar esse tipo de coisa. (Entrevistada 10)

Com isso, observa-se que as interações e as práticas informacionais desses adolescentes estão relacionadas ao contexto e ao ambiente em que elas acontecem, pois conforme afirma Sá (2018) é onde ocorre a busca, o acesso e o uso da informação.

Portanto ao selecionar pessoas ou perfis nas redes por causa do posicionamento dessas pessoas estarem em conformidade com o deles, ou aceitar entrar em determinada rede ou grupo nas redes sociais a partir da indicação de algum amigo ou familiar demonstra como a tendência de dar peso às informações que confirmam a nossa crença (fenômeno conhecido como viés cognitivo) está presente nestas práticas, assim como o sentimento de pertencimento a um grupo com opiniões similares. (Araújo, 2021b; Figueira, Santos, 2019).

5.1.4 Redes sociais como Fonte de informação

No início da entrevista perguntamos aos adolescentes qual a finalidade das redes, obtivemos como resposta diferentes propósitos, dentre os quais o de se informar, conforme apresentado no princípio desse capítulo. Ao perguntar quais redes sociais eles utilizam para se informar, as duas redes sociais mais citadas como fonte de informação foram o Instagram com nove respostas e o Twitter com cinco. O YouTube foi citado por dois adolescentes e o TikTok por um.

Ao responder essa mesma pergunta vários outros tipos de fontes foram apresentados por eles, tais como: o Spotify, o Google, a TV e os aplicativos de notícia G1 e BBC.

Utilizo mais o Instagram porque eu sigo páginas de jornal e consigo saber mais o que está acontecendo. (Entrevistada 2)

[...] eu uso o Spotify, Spotify tem um *podcast* da G1 que todo dia tem notícias do que está acontecendo no dia que são notícias bem rápidas então é fácil de colocar no seu dia a dia, que aí você sempre está bem informado. [eu também escuto bastante *podcast* sobre o que tá acontecendo no meio político ou social ou o que tá rolando por exemplo na guerra da Ucrânia com a Rússia. Tem bastante *podcast* informativo sobre isso no Spotify, no YouTube também tem alguns, têm poucos YouTubers que eu acompanho hoje em dia porque eu acho que essa rede social depois do TikTok deu uma caída. E as vezes bem de vez em quando vejo no Twitter. mas eu prefiro não informar através do Twitter porque o povo é muito parcial, eles pegam muito um lado e defendem sem querer entender ao todo o que que tá acontecendo. (Entrevistada 3)

É o Instagram e o Twitter principalmente, porque como geralmente o Twitter envolve muitas pessoas, a gente fica sabendo de uma notícia antes dos veículos de comunicação. É, então por exemplo na guerra da Ucrânia fiquei sabendo que teve a ação militar por uma página de fofoca do Twitter falando que começou e aí eu fui pesquisar no G1 e na Folha pra ver se tinha alguma coisa e não tinha ainda, só foi sair uns 20 minutos depois. É, então o Twitter eu acho bem legal de aprender e é óbvio que você pega a informação e depois vai conferir se é verdade. No Instagram eu sigo páginas do G1, do Tempo e da Folha de São Paulo, eu sigo eles lá pra isso. (Entrevistada 4)

[...] eu prefiro não me basear em coisas em que as pessoas postam nelas então eu uso mais o Google mesmo para verificar alguma coisa que alguém postou, por exemplo, eu não confio muito nas redes sociais por propagar várias questões, então eu prefiro pesquisar no Google. (Entrevistada 5).

Uso o YouTube, mas de vez em quando, agora no momento de eleição eu estou vendo bastante os debates lá e as notícias mesmo que saem sobre o que o Bolsonaro fala, o que o Lula fala, essas coisas saem muito no Twitter também, mas eu procuro não entrar no Twitter pra ver essas notícias porque lá é bolha, a bolha é muito evidente no Twitter, assim ele não vai me mostrar nada do lado X que seja ruim, só vai me mostrar o que o lado Y acha e o que é bom pro lado Y, então eu tento ir pelo YouTube que não tem essa bolha, quer dizer, até tem mas é bem menor, direto ela me recomenda vídeos que são meio que incriminatórias, assim que são ruins pro lado X e pro lado Y, então o YouTube que eu uso mesmo. (Entrevistado 6)

Eu utilizo Twitter e às vezes o TikTok, mas tem muita *fake news* lá, bastante, então eu tento me informar o máximo possível, até no Google mesmo e nas notícias na TV. (Entrevistado 12)

eu usava muito o Instagram, eu parei, baixei G1 e a BBC News no meu telefone então sempre que tem uma notícia sempre venha na minha tela e eu vejo, essa notícia é verdadeira e não uma coisa que criaram na internet e depois que eu tive aula de educação digital sobre isso, eu acabei informando de muita coisa que eu nem sabia, tipo o algoritmo que quanto mais você fala mais você tem no seu telefone e vai sempre aparecer para você sendo verdade ou não, pra poder te satisfazer, que é a função do algoritmo, então comecei a perceber que eu não podia confiar em tudo que eu lia e aí eu comecei a baixar aplicativos que realmente você pode confiar. (Entrevistada 14)

O uso do Instagram como fonte de informação preferida também foi identificada entre adolescentes britânicos, conforme aponta o levantamento feito

pelo Ofcom (*Office of Communications*) órgão regulatório de telecomunicações do Reino Unido em 2021 e 2022.

Na sequência, perguntamos se eles consideram as redes sociais um bom lugar para se informar. Essa pergunta gerou três categorias de respostas: (1) os que consideram que depende de alguns fatores; (2) os que consideram que não é um bom lugar para se informar; (3) o que considera ser um bom lugar para se informar.

1. Consideram que depende (8 alunos)

- De qual rede social está usando para se informar:

Depende da rede social, por exemplo, TikTok não uso muito, nem uso pra falar a verdade, mas eu sei que lá tem muita coisa que você consegue aprender só que não é o meio de você conseguir informação de verdade, porque é muito fácil te manipular. No Instagram também é a mesma coisa, no YouTube dá pra você conseguir mais porque lá tem pessoas mais profissionalizadas que falam sobre o assunto, mas não sei, acho que dá, acho que é um meio que você consegue sim aprender coisas, mas não é o melhor. (Entrevistado 08)

- Se pessoa sabe sobre *fake news*:

Considero que se você for uma pessoa que tenha tido uma aula sobre *fake news*, por exemplo, não é o caso da minha avó, se a minha avó tivesse tido uma aula ela saberia filtrar. Então pra ela eu não acho a rede social uma boa, assim como eu acho que a rede social que ela usa, que é o WhatsApp para se informar não é uma boa. Mas assim se você é uma pessoa, tipo um adolescente que atualmente tem na escola aula sobre *fake news*, conversa sobre, e você já tem um pouco de noção sobre isso, já é um pouco da sua realidade ver sobre *fake news*, aí eu acho que sim, porque você vai poder filtrar e vai saber se aquela fonte é mais ou menos confiável. (Entrevistada 01)

Eu acho que depende, é um meio fácil de conseguir informação, mas tem muitas informações ruins e é preciso saber a fonte delas. Não só saí espalhando por exemplo. Então é um lugar bom porque é um meio fácil e tem rápida informação, você consegue pesquisar e em 2 milésimos já aparece, agora o que importa é o tanto que é seguro a informação. (Entrevistada 12)

- Se sabe diferenciar opinião de informação:

Eu acho que realmente tudo depende eu acho o Spotify o melhor lugar para você achar porque ele tem nenhum filtro de *fake news* que aí tem jornais é tipo o G1 mesmo que são fontes confiáveis não é ao Zé da esquina que falou “que eu acho que isso aconteceu” então são informações mais verídicas no Twitter eu acho que não é um bom lugar para se informar

porque a maioria das coisas são pessoas dando opinião sem embasamento sem conhecer o caso todo e sem fonte o Twitter não apresenta fonte das coisas são só pessoas comentando geralmente sem ter muita ideia que tá acontecendo. (Entrevistada 03)

- Se a pessoa segue os perfis de veículos de comunicação ou jornais:

Se você segue bons veículos de comunicação, eu acho que sim porque é mais fácil você clicou e entrou nas notícias. [...] então tem muita gente que compartilha desinformação com certeza e esse é um lado muito negativo nas redes sociais, mas eu acho que é um jeito muito mais fácil de você ter contato com os veículos de comunicação. (Entrevistada 04)

Eu acho que os jornais nas redes sociais, por exemplo, a Folha de São Paulo tem uma página no Instagram pra Folha de São Paulo. Então eu acho que sim, é confiável né, se tem o verificado, eu acho que sim. (Entrevistada 11)

Os fatores apresentados como condição para considerar as redes sociais como boas fontes de informação demonstram uma prática informacional mais crítica, pois conhecer o perfil de cada rede social juntamente com a habilidade em reconhecer uma *fake news* e/ou diferenciar uma opinião de uma informação postada são ações fundamentais para usufruir o que essas redes sociais podem oferecer como fonte de informação.

2. Consideram que não é um bom lugar (6 alunos)

- Porque tem canais e perfis que só visam visualizações e dinheiro:

Na minha sincera opinião não, tem sim canais, tem sim perfis que são bons, mas tem alguns que sinceramente é só para poder conseguir visualização e ganhar dinheiro através disso e não de informar as pessoas em si. (Entrevistada 14)

- Porque a mídia manipula alguns fatos para ter ibope:

Não [considero] muito, depende muito da página que você está usando para se informar né, porque a mídia é isso, ela manipula alguns fatos para dar ibope essas coisas, então normalmente é melhor procurar fontes confiáveis, mais confiáveis do que as redes sociais. (Entrevistada 13)

[...] o algoritmo funciona tentando te recompensar mostrando coisas que você vai gostar, então ele nunca vai te mostrar o outro lado, então eu acho que se você tentar se informar pelas redes sociais você vai acabar ficando

alienado e só olhando pra sua bolha sem entender os dois lados. (Entrevistado 06)

- Porque considera uma terra sem lei e tem muita *fake news*:

Não considero porque pode ter várias *fake news* e eu fico confuso às vezes com várias notícias falsas que têm lá, e eu até acabo passando informação errada para os outros. (Entrevistado 07)

Não, não considero, porque são muitas opiniões distintas nas redes sociais, então a gente nunca sabe o que realmente é verdade e o que não é, então prefiro não informar pelas redes sociais não. (Entrevistada 05)

A rede social não é um bom lugar para se informar na opinião de 40% do grupo pesquisado. Um dos fatores que os levaram a esse posicionamento é a constatação da alta circulação de *fake news*, inúmeras vezes impulsionadas por algoritmos que facilitam a manipulação de fatos inclusive com objetivos monetários. Outro ponto esta relacionado à capacidade de verificabilidade por parte de quem já pode estar afetado pelo cansaço informacional decorrente do amplo acesso a esse ambiente.

3. Considera ser um bom lugar (1 aluno)

- Porque é aberto e tem variedade de pessoas postando sobre diferentes assuntos:

Sim, porque é muito aberto então tipo assim, qualquer pessoa pode postar o que ela quiser então tá meio que nas mãos dela decidir se ela vai conseguir ter uma informação mais útil ou não, e aí tem muitos perfis então vai ter muita gente postando sobre política, sobre série, sobre livro, curiosidades e eu acho que todas essas coisas são formas de se informar. São várias áreas que você pode se informar e as pessoas vão se interessar. (Entrevistada 02)

Somente uma adolescente considera as redes sociais um bom lugar para se informar. Seu ponto de vista parte da possibilidade do amplo acesso, de ter a chance de acessar diferentes vozes, diferentes temas e a partir dessa variedade “decidir” o que é útil ou não.

Cada grupo apresentou diferentes práticas informacionais para atestar a função informativa das redes sociais apresentando critérios baseados na própria vivência digital, mas também nas referências educacionais.

A variedade de pessoas que postam sobre diferentes assuntos também foi observada na diversidade de perfis que foram descritos como sendo do interesse dos adolescentes, assim como dos conteúdos acessados por eles. Na pergunta quais são os principais perfis que você segue e por quê? Os principais perfis citados foram de artistas e famosos, de amigos, páginas de jornais, de conteúdo político, de academia e de jogos. A maioria dos entrevistados informou que passaram a seguir determinados perfis por recomendações dos algoritmos. As informações de interesse, bem como o tipo de rede social usada para acessar essas informações também variaram conforme o interesse de cada adolescente.

Eu sigo no meu Instagram perfis de personalidades de famosos e amigos meus e no Twitter eu sigo mais perfis de tipo de notícias, de artistas, eu sigo muito, muito artistas tipos desenhistas independentes essas coisas, eles postam artes digitais no Twitter eu sigo muito e de pessoas que falam sobre serie, livros. [...] eu vejo sobre livros ou sobre mangá, é um assunto que muito me interessa. (Entrevistada 01)

Eu sigo mais perfis de meninas entre 18/20 anos que mostram mais uma rotina de faculdade e vida mais saudável. Sigo por conta que comecei a consumir no TikTok e tem muitas pessoas com perfis assim e eu comecei a seguir tanto no TikTok quanto no Instagram e eu também sigo jornal, acaba que aparece muito pra mim porque eu fico vendo muito. Eu gosto de ver quando a pessoa tem dicas de estudo, também me interessa quando a pessoa posta receitas e esses tipos de coisa que eu posso tentar fazer e também academia, porque a pessoa dá dicas dos exercícios, dos treinos. (Entrevistada 02)

[...] o principal que eu sigo é o Nostalgia, ele divulga sobre qualquer coisa, toda informação sobre ciência tem lá, o último vídeo que ele postou foi sobre as urnas eletrônicas e como que elas são invioláveis, mostra todas as etapas que tem segurança então. (Entrevistado 06)

O algoritmo oferece os perfis que eu mais assisto, assim, eu gosto de ver vídeos então geralmente o algoritmo me indica. No Instagram é geralmente o algoritmo que mostra e aí vou seguir acompanhando. Eu não sigo pessoas famosas, eu sigo perfis de pessoas que postam coisas que eu gosto de postar que é fotografia, com perfis de fotos, uns vídeos mais calminhos, eu gosto de ver esse tipo de vídeos, e uns vídeos de academia também. (Entrevistado 08)

Geralmente pessoas que eu conheço né, amigos, família, famosos também eu sigo os que eu conheço e acompanho, eu gosto de ver os stories, e essas páginas de jornais foi aleatório mesmo, foi recomendação também, tem páginas por exemplo a Animal Planet, eu seguia coisas de natureza aí foi recomendado e sigo de jornal por exemplo, o Estado de Minas, o Globo, G1 essas coisas assim. (Entrevistada 10)

Sigo de amigos próximos, sigo o perfil do Mídia Ninja, o perfil da Folha de São Paulo, jornal O Globo, o Quebrando o Tabu. Eu sigo por interesse, por concordar com o que eles falam. As informações que me interessam são questão política, o que tá acontecendo, as últimas informações das pessoas

que estão concorrendo à presidência, pra mim vale super a pena eu me informar, pra eu decidir em quem eu quero votar, isso é importante, eu saber e ter conhecimentos. (Entrevistada 11)

Eu sigo bastante perfil de basquete de jogos e alguns perfis de notícias diária, de música também e vários deles foram sugestões de amigos ou da própria plataforma que eu vi e apareceu, por exemplo, um jogador famoso de basquete, coloquei para seguir porque o algoritmo me deu ou então algum perfil de música que meu amigo recomendou. (Entrevistado 12)

Os adolescentes entrevistados consideram como fonte de informação confiável:

- Portais de notícias;

Portais de notícias oficiais, mas ai depende se eu vejo uma notícia que está só em um lugar e não tem mais ninguém falando sobre, eu fico meio com o pé atrás para saber se é verdade ou não, mesmo sendo um portal oficial tipo G1 ou coisa assim, se eu não vir em nenhum outro lugar, nenhuma outra informação eu fico com o pé atrás porque eu não tenho certeza se aquilo que estão falando é 100% verdadeiro. E também quando eu acompanho uma pessoa a muito tempo e ela é geralmente uma pessoa que reposta informações que geralmente estão certas ai dou confiança também. (Entrevistada 01)

Pra mim uma fonte confiável é quando tem algum jornal, óbvio que até mesmo os jornais caem em *fake news*, mas eu tento sempre procurar em jornais porque eles precisam de mais burocracia para passar para o público do que uma página famosa do Twitter, por exemplo, eles têm as pessoas que conferem, os jornalistas, os repórteres, então eu geralmente tento buscar informações no Tempo, no G1, nesse tipo de jornal virtual mesmo, porque eu acho que a fonte e o nome da pesquisa, o fato de ser uma pessoa que foi formada em comunicações que é um Jornalista passa mais confiança daquilo que foi apresentado. (Entrevistada 03)

Os grandes jornais, até mesmo se são de pontos de vistas diferentes, opostas ao meu, eu gosto de sempre pesquisar, por exemplo, na "G1" e na "R7" é então os veículos mais tradicionais ou veículos que tem pela avaliação de outros jornais tem alguma credibilidade. (Entrevistada 04)

- Informações baseadas em dados;

Eu acho que é uma informação baseada em dados, acho que é necessário a pessoa fornecer esses dados, de onde que ela tirou, porque tem muitas pessoas que vão falar "ah tal coisa aconteceu" mais se perguntarem onde acharam, quem disse e sem tem alguma prova muitas das vezes não vai ter. Então eu acho que é confiável quando você consegue realmente provar o que você está falando, e não tirando da sua cabeça. E também tem fontes mais confiáveis né, se a pessoa vai me falar uma informação da área da saúde e vai me falar que achou no "Fofoquei" não sei se é a melhor fonte que você vai achar para aquilo. Eu acho melhor quando é, tem até uma

palavra que é alguma coisa de autoridade, que é realmente daquela área. (Entrevistada 02)

- Fonte de Informação com autoridade;

Fonte de informação confiável pra mim é aquela que assim, como que eu posso dizer? É aquela que tem certa autoria, sabe? Por exemplo, você olha BBC e um jornal qualquer que você nunca ouviu falar o nome, eu vou confiar mais na fonte BBC, porque ela tem autoria sabe, é reconhecida a pesquisa dela quando fala fonte por exemplo de onde que o estudo foi feito ou então por quem foi escrito por quem que foi feito, eu já sinto que tem mais autoria sim. Às vezes até pesquisas para estudar na escola em específico, eu gosto bastante de pesquisar PDFs porque aparece arquivos de universidades, de artigos de pessoas que eu sei que é confiável, então eu vejo muito por isso, assim de onde que é, se tem autoria aquele site ou não, as fontes dele também. Tem alguns que eu vou lá embaixo na fonte em vez de usar aquele site, eu entro naquelas fontes e às vezes tem coisas mais completas e ou olho como que é aqueles outros sites para ver se parece que ele é relevante ou não. (Entrevistada 9)

- Perfis verificados nas redes sociais;

Com fontes verificadas, com especialistas, são fontes que sejam verificáveis, assim se você colocar no Google ou procurar o nome de um especialista que está lá e ele existir mesmo, então eu confio. Por exemplo, nos debates que estão tendo agora, eles falam vários nomes, Fachin, por exemplo, ai eu vou atrás pra ver se realmente foi isso que aconteceu. Essas são as fontes que eu acho seguras, as que dão pra gente verificar, que qualquer um pode verificar. (Entrevistado 06)

Ela tem que ser verificada, eu acho que qualquer página que não é verificada já é uma coisa que me incomoda. Falando em assuntos leves, por exemplo, fofoca, é muito difícil de falar que é uma coisa confiável ou não, se você pegar personalidades que já tem uma página nesses assuntos consegue confiar mais, mas não é algo tão sério. Agora se pegar notícias, realmente eu acho que os jornais são muito confiáveis, principalmente quando ele tem um grande alcance, quanto mais público o jornal tiver mais sério eu acho trabalho dele. Então páginas como o G1, a Globo News, a BBC eles não vão ficar passando *fake news*. [...] então para mim tem que ser verificado e tem que ter um público grande, por ter um público grande são mais pessoas para atingir, então tem que ser uma informação que você tem como provar, porque qualquer pessoa pode te desmentir. (Entrevistado 15)

- Livros;

Livros, (risos) e noticiários para mim eu acho que isso é o mais confiável (Entrevistado 08)

- Que tenha embasamento científico

Essa pergunta é interessante, eu acho que é bom que tenha embasamento científico, que tem uma comprovação que aquilo é verdade, [...] eu quero saber realmente de especialistas se aquilo é verdadeiro ou não, então eu tenho muito medo até quando eu faço trabalho, quando eu entro em site, porque aí eu penso será que é um site confiável? aí eu vou, eu pesquiso eu vejo as fontes porque realmente é muito fácil encontrar de tudo na internet. (Entrevistada 14)

Os critérios adotados pelos adolescentes para considerar uma fonte de informação confiável coincidem com os parâmetros de avaliação de fontes de informação na internet apresentados por Tomaél *et al* 2000 citado por Paula, Silva e Blanco (2018), que também reconhece uma fonte confiável através de três perspectivas: conteúdo, forma e processo.

os critérios de conteúdo se orientam para validade, precisão, singularidade, cobertura e completeza das informações veiculadas, e para a autoridade e reputação do produtor da fonte. Já os critérios de forma se concentram nas características do site, nas tecnologias disponíveis para uso e suporte aos usuários. E os de processo se reservam para a integridade da informação, sistema e estrutura do próprio site, buscando a harmonia entre as três entidades (Tomaél *et al*, 2000 *apud* Paula, Silva, Blanco, 2018, p. 99).

Os perfis nas redes sociais que eles consideram como fonte de informação confiável refletem os critérios ponderados anteriormente com relação à confiança da informação. Os perfis citados foram:

- Jornais (G1, Globonews, BBC, Tempo, Folha de São Paulo, Metrôpole, Uol);
- Canais no YouTube (Atila Iamarino, Manual do Mundo, Nostalgia);
- Professores da escola e dos cursinhos pré-vestibular;
- Páginas/perfis (Quebrando o Tabu, Mídia Ninja)

Conforme Paula, Silva e Blanco (2018, p.97) “o conceito de fonte de informação está diretamente ligado à necessidade de informação do leitor”, no caso desta pesquisa, diferentes necessidades informacionais dos adolescentes estudantes do último ano do Ensino Médio.

Inferese que os perfis citados como confiáveis são em grande parte consideradas autoridades epistêmicas, ou seja, “entidades cuja função social se estabeleceu em torno da produção ou disseminação de conhecimento e

informações” (Monari, 2021), como os professores, o jornalismo representado pelos perfis de veículos de grande circulação e dos representantes da ciência como o biólogo Atila Iamanrino.

Segundo Miller (2020) citado por Monari (2021), as autoridades epistêmicas desempenham dois papéis fundamentais na sociedade:

1) garantir que os cidadãos sejam reflexivos e bem informados; e 2) fazer com o que discurso público seja conduzido de acordo com as normas epistêmicas constitutivas da investigação racional livre, aberta e consistente com o exercício adequado do direito de procurar livremente a verdade (Miller, 2020 *apud* Monari, 2021).

Nesse sentido, ao contrário do que se observa no contexto atual de disputas de narrativas constantes que têm contestado essas autoridades em diferentes instâncias, os sujeitos pesquisados demonstram ter como ponto seguro para busca de informação, fontes que apresentam elementos que as caracterizam como autoridades capazes de sanar suas necessidades informacionais.

Perguntamos aos adolescentes sobre o que essas pessoas ou perfis (que eles consideram como fonte de informação confiável) estavam falando, se emitiam opinião em seus posts nas redes sociais. Durante o período em que ocorreram as entrevistas, os assuntos tratados pela maioria dos perfis seguidos estavam relacionados com as eleições de modo geral, com a polarização entre os dois candidatos à presidência (Lula e Bolsonaro), com a pandemia de Covid-19 e também sobre a guerra na Ucrânia.

O contexto escolar deste grupo ao longo do ano de 2022 estava relacionado com a preparação para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), exame que possibilita o ingresso à educação superior no país, com isso, o foco das disciplinas cursadas durante esse período, além de revisar conteúdos, é também de manter os alunos atualizados com informações gerais, através do acesso a noticiários, que atualmente estão em vários tipos de suporte, inclusive nas redes sociais digitais.

Compreende-se que a escola através dos conteúdos e das disciplinas ministradas por professores engajados com a investigação racional, ancorada na investigação científica tem promovido aos seus alunos possibilidades de reflexão e de acesso à informação de qualidade que garante bagagem para contrapor a

narrativa de desinformação muito disseminada nos ambientes de redes sociais digitais.

Portanto, as redes sociais digitais são usadas intensamente pelos adolescentes desta pesquisa, podendo ser compreendidas como uma extensão da vida real. Eles as utilizam como entretenimento, como ferramenta para comunicação, como instrumento de estudo, como ambiente de compras e de exposição. Com isso, as interações desenvolvidas perpassam diferentes práticas informacionais, desde critérios para selecionar os perfis a seguir até a decisão em participar de determinados grupos, como “os famosos” grupos de família, tão conhecidos por compartilhar desinformação em larga escala.

Outra prática importante adotada está relacionada com a validação da fonte de informação como confiável, descritas como fontes confiáveis, portais de notícias, perfis verificados, fontes com autoridades e embasamento científico e livros. Embora o acesso às redes sociais digitais seja intenso, mais de 90% dos adolescentes tem ressalvas quanto a rede social ser um bom lugar para se informar, especialmente porque são consideradas um dos principais vetores de *fake news* da atualidade.

5.2 Processo eleitoral e as Urnas eletrônicas

Neste eixo, busca-se compreender as motivações que levaram os pesquisados a decidirem em participar do processo eleitoral, quais são as informações relativas às urnas eletrônicas que eles têm e qual é a opinião desses sujeitos com relação à credibilidade das urnas eletrônicas.

5.2.1 Motivo da emissão do Título eleitoral

Antes de investigar a relação dos adolescentes com a urna eletrônica, buscamos saber quando se decidiram pelo alistamento eleitoral, o que os motivaram, e se as decisões foram influenciadas por algum perfil de rede social ou alguém de seu convívio.

Dos quinze entrevistados, onze se alistaram em 2022 e quatro em 2021, sendo mais de 50% antes de completar 18 anos, cujo voto é facultativo.

Os principais motivos apresentados foram:

- Obrigação Eleitoral;

Eu tirei o título no início do ano porque eu já ia fazer 18 anos então já seria obrigatório e também porque queria votar também (Entrevistado 06).

Eu tirei em maio de 2022 foi o período máximo para tirar o título eu tirei porque eu ia ter 18 anos então ia ser obrigatório e também porque eu acho que é uma forma de representar o meu país e é expressa na minha opinião por meio do voto (Entrevistada 11).

Eu tirei o título ano passado, eu tirei mais porque ia fazer 18 esse ano, então eu tinha que ter o título, e para votar mesmo, para poder eleger um presidente, um governador, um senador (Entrevistado 12).

- Recomendação de amigos, familiares, professores e propagandas do Instagram;

Eu tirei no começo do ano, acho que foi em abril. Foi o meu pai que me motivou, ele ficou na minha cola para eu tirar (Entrevistado 07).

Eu tirei tem uns 5 meses, mas foi porque um amigo meu próximo que eu conversei me recomendou e também no Instagram teve muita propaganda para você tirar seu título, mostrando que tinha o aplicativo online, aí eu fui lá e fiz rapidinho (Entrevistado 08).

- Participar da vida política do país

Eu tirei esse ano porque eu fiz 18 anos no ano passado e agora já sou obrigada a votar, mas eu teria tirado antes, só que quando eu fiz 16 anos era pandemia, por causa dela não pude tirar. O meu incentivo maior é exercer o meu direito mesmo, assim ir lá votar e ser um daqueles milhões de números que votou e que fez uma micro diferença, mas que fez alguma coisa. (Entrevistada 01)

Eu tirei em maio deste ano e tirei porque diante a situação atual do governo eu queria poder fazer a minha parte para poder sentir que eu fiz algo na tentativa de realmente tirar a pessoa que está lá atualmente. (Entrevistada 02)

[...] Foi bem engraçado porque eu tirei quando o Lula foi elegível de novo. Eu já estava planejando tirar, mas perdi as eleições de 2020 porque eu perdi o prazo. [...] resolvi tirar porque agora que o Lula vai poder concorrer à presidência de novo eu acho que a gente tem um candidato que seja forte suficiente contra o Bolsonaro, então vou pegar o título pra ele (Entrevistada 04).

[...] Eu não seria obrigada a votar este ano porque faço 18 anos depois que acontecer o segundo turno, mas eu tirei justamente porque acho importante. Eu estou sinceramente um pouco preocupada com o que pode acontecer com o resultado dessa eleição, então não adianta eu só ficar preocupada e esperar acontecer né. Eu vou tirar meu título para fazer parte disso aqui né, pra ir contra o que eu não acredito e a favor do que eu acredito, porque estava realmente me preocupando bastante desde 2018 para ser sincera (Entrevistada 09).

Não tive nenhuma influência, foi mais por eu querer mesmo, porque quando fiz 16 anos fui lá e tirei o título. E a situação que o país está agora meio que me obrigou a ter essa consciência de tirar meu título para exercer minha cidadania (Entrevistada 13)

O ano de 2022 apresentou um crescimento significativo do eleitorado jovem quando comparado ao pleito de 2018. A diferença registrada entre adolescentes de 16 e 17 anos prontos para votar foi de 51% a mais em quatro anos (TSE, 2022). O interesse demonstrado pelos adolescentes entrevistados em eleger como um dos motivos principais para se alistarem a participação na vida política do país coaduna com o crescimento apresentado pelo TSE.

Um exemplo recente de participação de jovens na vida política do país é objeto de estudo de Gohn (2018) que analisa a participação desse grupo em ações coletivas de ocupações das escolas estaduais em São Paulo no fim de 2015, devido ao plano de reorganização das escolas proposto pelo governo da época, que levaria, entre outras consequências, ao fechamento de inúmeras unidades.

Com isso, verificamos que apesar da obrigatoriedade em se alistar e também das diferentes recomendações, tanto de pessoas do círculo pessoal, quando de perfis de redes sociais, a motivação principal desses adolescentes é o desejo de apresentar suas opiniões e pensamentos sobre as questões políticas e efetivamente participar das decisões que afetam diretamente suas vidas.

5.2.2 Informações sobre as urnas

A urna eletrônica é um equipamento com mais de 25 anos de uso, portanto, esse grupo de adolescentes não conheceram outra forma de realizar a apuração dos votos nas eleições. Esse tópico objetiva apresentar o que eles sabem sobre as urnas eletrônicas e onde obtiveram as informações sobre elas.

Na pergunta “O que você sabe sobre as urnas eletrônicas?” obtivemos uma variação de palavras e expressões positivas sobre o equipamento, expressas na nuvem de palavras representada na Figura 9. Uma observação é que vários entrevistados ao longo da resposta afirmaram não saber muito sobre elas, mas apresentaram uma boa percepção sobre o assunto.

Figura 9 – Nuvem de palavras: impressões sobre as urnas eletrônicas



Fonte: Elaborada pela autora via WordCloud.com

As informações sobre as urnas foram obtidas principalmente por meio das redes sociais digitais, da escola, da família e de jornais por meio digital e pelos apresentados na TV.

[...] Eu sei que atualmente é o sistema que não é tão fácil de ser invadido, porque não usa internet, para mexer na urna, você tem que ir lá nela para ver o que tem guardado, não tem como haquear uma urna hoje em dia, e eu sei disso porque o meu pai trabalha com TI e ele já estudou um pouco sobre, ele falou que hoje em dia as urnas são confiáveis. (Entrevistada 01)

[...] eu fiz um trabalho escolar no mês passado sobre a justiça eleitoral, sobre fraude eleitoral, eu já sabia um pouco sobre as urnas, mas fui só descobrir mais a fundo quando fui fazer esse trabalho, pesquisei em sites confiáveis, que considero confiáveis, que são as plataformas de notícias, olhei alguns livros de história para olhar como era no passado e comparar com presente. (Entrevistada 03)

Principalmente em 2020 e 2021 que começou o papo de voto no papel e tals, eu assistia bastante jornal, porque não tinha nada para fazer em casa, então eu assistia jornal então tinha várias entrevistas do TSE falando sobre a segurança, reafirmando o quanto que é seguro e comparando com outros sistemas eleitorais. Mas geralmente por jornal de televisão e lendo matérias e opiniões de jornalistas que eu aprendi as coisas sobre a urna. (Entrevistada 04)

As informações foram obtidas aqui (na escola) num trabalho de escola que o professor Cláudio de Geografia organizou e as meninas apresentaram como que uma urna eletrônica funciona e como que o voto por papel pode ser manipulado. (Entrevistada 13)

[...] foi através do vídeo eu vi, na verdade 2 vídeos, um do canal Nostalgia que é do Felipe Castanhari que ele mostra como uma urna funciona, como que o voto é depositado, como que funciona a segurança delas, bem legal, bem legal, que não tem acesso à internet nada, eu acho bem seguro e no canal Manual do Mundo também que eles abriram a urna mostraram como que é dentro, junto com o TSE e então o representante do TSE foi lá emprestou uma urna só pra eles abrirem e foi no YouTube. (Entrevistado 12)

Acho que foi meus pais mesmo, que me levavam com eles pra votar e aí eles ficavam falando faz isso aqui e ali e aí você vai aprendendo acho que em rede social eu não vi sobre isso. (Entrevistado 08)

Um dado importante a acrescentar nesse momento, diz respeito às falas das Entrevistadas 03 e 13. No mês de setembro de 2022, durante as aulas de Geografia, todas as três turmas da 3ª série do E.M. assistiram a uma apresentação de trabalho dos colegas, cujo tema era fraude eleitoral. O objetivo da atividade, segundo as próprias adolescentes era apresentar as diferenças com relação à segurança no processo eleitoral no período em que se utilizaram as cédulas de papel e agora através das urnas eletrônicas.

Perguntamos se após ter acesso às informações iniciais sobre as urnas eles procuraram ver, ouvir ou ler outras coisas sobre elas e onde procuraram. As práticas informacionais dos adolescentes quanto à complementação ou não da informação sobre as urnas foram diversas. O grupo se dividiu entre:

- Adolescentes que não procuraram e não tiveram acesso a nenhuma informação adicional;
- Adolescentes que não procuraram, mas tiveram acesso através TikTok, do Twitter, das Redes Sociais no geral (indicação do algoritmo), de familiares, de notícias em jornais e na TV.

Pra ser bem sincera, não procurei. Mas vi um vídeo no TikTok e aí acho que foi do próprio governo, era um vídeo mostrando uma simulação. E como eu vi que era o governo eu falei “ah, vou confiar” e foi só isso. (Entrevistada 02)

Eu já recebi várias notícias de parentes sobre as urnas serem fraudadas, mas não entrei pra ver, só via a chamada e foi pelo WhatsApp e só. (Entrevistado 06)

[...] pra falar a verdade, eu nunca procurei porque tinha pesquisar muita coisa, mas comecei a saber mais coisas, através do G1 que posta muita coisa, foi pelo aplicativo do G1 que postou muita coisa das urnas, das eleições, então acabei descobrindo. (Entrevistada 14)

- Adolescentes que foram pesquisar e tiveram acesso, através do site do TSE; outros sites na internet; em perfil de rede social; na TV e nos Jornais.

[...] Eu tentei comparar as informações, as datas em diferentes sites. Achei difícil essa tarefa porque algumas informações divergiam nos sites. Para confirmar utilizei o site do TSE como fonte segura. (Entrevistada 03)

Eu chequei em outros lugares, [...] por exemplo, eu não estava acreditando que tinha havido realmente as fraudes aí eu fui procurar em outras fontes e essas informações chegaram através da minha pesquisa no site do governo, do Tribunal Eleitoral mesmo, então não foi muito aleatório não, eu fui atrás da informação. (Entrevistada 10)

[...] através do algoritmo que eu vejo muito esses canais, então ela (informação) chegou em mim, e após ver esse vídeo do Castanhari eu me interessei, fui pesquisar e achei esse do Manual do Mundo, que eles abriram a urna, e então eu pesquisei depois no próprio YouTube, na própria plataforma onde eu vi os 2 vídeos. (Entrevistado 12)

Nos dois últimos tópicos observamos exemplos das fases do modelo bidimensional de Pamela McKenzie (2003), sendo o primeiro relacionado à noção

Serendipity que é a possibilidade de se fazer descobertas importantes por acaso, na fase de monitoramento não dirigido e no segundo tópico a fase de busca ativa, compreendendo a pesquisa sistemática de um conteúdo.

Com relação aos procedimentos adotados pelo TSE sobre o funcionamento e a segurança das urnas eletrônicas, a maioria dos adolescentes (10) demonstrou ter pouco conhecimento, quatro informaram não ter conhecimento sobre a segurança e o funcionamento técnico da urna eletrônico e apenas um adolescente descreveu corretamente o conjunto de medidas instituídas pela justiça eleitoral para garantir o bom funcionamento e a segurança das urnas.

A respeito do conteúdo das informações relacionadas a esse tópico – funcionamento e segurança das urnas, assim como, onde os entrevistados tiveram acesso a essas informações estão sintetizadas no Quadro 10 abaixo:

Quadro 10 – Informações relacionadas a segurança e funcionamento das urnas

Fonte da Informação	Conteúdo da Informação
Jornais, internet e pessoas	Eficiência e segurança da urna
Site do TSE	Funcionamento e segurança
Propaganda eleitoral na TV	Funcionamento e segurança
Twitter	A urna não tem perigo de fraude
Perfil do TSE no TikTok	Configuração das urnas e segurança
Canal Nostalgia no YouTube	Segurança das urnas
Perfil de candidata a Deputada	A urna é totalmente confiável
Perfis de eleitores do Bolsonaro	As urnas são uma fraude
Perfis variados	Informações sobre fraude

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados apresentados no quadro podem ser analisados sob duas perspectivas: a primeira diz respeito ao conteúdo das informações acessadas, contendo tanto informações favoráveis a urna eletrônica quanto informações que a descredibilizam; e a segunda perspectiva esta relacionada ao local onde que informação foi acessada. A maior parte dos acessos ocorreu diretamente nas redes sociais digitais. As informações que sugerem fraude foram encontradas em diferentes perfis, principalmente nos perfis de eleitores do Bolsonaro. As informações com instruções sobre o funcionamento e a segurança das urnas

também foram obtidas na maior parte em perfis das redes sociais digitais, no entanto, destaca-se que são perfis oficiais e verificados, além de outros tipos de mídias como o site do TSE e a TV.

A desinformação que tem circulado ao longo dos últimos anos questionando a confiabilidade do sistema eleitoral, em específico o uso das urnas eletrônicas foi um processo amplamente disseminado através das redes sociais digitais e dos aplicativos de mensagens.

Para saber se os adolescentes acessaram informações falsas, descontextualizadas ou manipuladas, questionamos se eles tiveram contato com alguma polêmica sobre as urnas eletrônica. Somente um adolescente disse não saber de nenhuma polêmica, pois não vê muita informação sobre elas. Os demais entrevistados afirmaram que sim, tiveram acesso a várias informações polêmicas sobre as urnas. A seguir descrevemos as principais:

- Deixar de usar as urnas eletrônicas e voltar a usar o papel;
- As urnas são fraudáveis porque não tem contagem direta de voto;
- Pessoas desejam mudar o sistema de votação para o voto em papel;
- Fraude nas urnas;
- Fala de Bolsonaro sobre as urnas não serem legítimas;
- Desde 2018, o Bolsonaro afirmando que as eleições não foram justas;
- Pessoas que apoiam o Bolsonaro dizendo que urnas foram fraudadas;
- Pessoas falando que roubaram as eleições através das urnas.

Diante desse contexto de desinformação eleitoral, perguntamos se ao longo do ano de 2022, o assunto urnas eletrônicas fez parte de algum debate, polêmica ou discussão nos ambientes cotidianos desses adolescentes, tais como nas redes sociais, na escola ou em casa. E ainda, como se comportaram diante dessa situação, como se sentiram durante e depois. A seguir apresentamos algumas respostas com exemplos dessa ação nos diferentes ambientes.

Bom, meus pais eles estão a favor do Bolsonaro né e tinha época que o Bolsonaro estava falando para mudar as urnas, ele estava querendo mudar as urnas para voto em papel e aí meus pais eles apoiaram muito esse assunto e eu questionei porque que ele estava querendo fazer isso. Então veio meio que um debate assim falando porque que as urnas não são confiáveis a ponto dele querer mudar e por que papel seria confiável?

Porque eu acho que nos Estados Unidos por exemplo que papel é adotado, e eu não sei como funciona mas acho que seria bem mais fácil de cabular as urnas, colocando mais papéis alguma coisa assim. Eu acho que as urnas são mais confiáveis que os papéis, é a minha opinião. Mas acabou que ninguém mudou a opinião de ninguém nessa discussão. [...] E eu me senti meio desinformada porque eles tinham argumentos sobre usar papel em vez das urnas, e eu me senti meio para baixo, porque eles apoiam bastante esse assunto. (Entrevistada 05)

Teve uma conversa em casa com meu pai que estava falando que acredita nas urnas, mas que se sentiria mais seguro se imprimisse o papel e esses papéis também fossem contados ao mesmo tempo da urna eletrônica. Eu não senti nada demais, eu só acho que é desnecessário, que seria tempo gasto e depois eu fiquei normal porque eu sei o que ele pensa e que ele é conservador, então eu aceito as ideias dele sem problemas, só não são as minhas. (Entrevistado 06)

Eu nunca tive uma discussão direta sobre a urna eletrônica, eu debatendo com outra pessoa, e nem aqui na escola eu não vi ninguém comentando sobre isso, nem na minha casa, os únicos dados que eu vi alguma coisa sobre a questão da urna eletrônica foi realmente em rede social, e assim, a maioria não era também uma discussão direta era alguém, por exemplo, compartilhando uma publicação no Instagram sobre sua opinião sobre a urna eletrônica, mas nada de uma discussão direta sobre isso. Muitas vezes só uma opinião sem embasamento nenhum mesmo. (Entrevistada 09)

Teve a situação com a minha mãe que eu te contei. Que ela estava duvidando da credibilidade das urnas eletrônicas porque ela falou que papel era melhor e tal, aí eu falei com ela que não, que não era assim, que ela deveria pesquisar e assim eu pelo menos acho que a minha mãe não é uma pessoa que se informa tanto sobre os assuntos de política e aí ficou por isso mesmo. Eu não sei se eu mudei a opinião dela, mas esse foi o único conflito que eu tive, eu também vi na internet algumas pessoas falando sobre isso nas redes sociais principalmente no Instagram. Com relação ao ponto de vista da minha mãe eu fiquei um pouco assustada não sei se é essa palavra, mas não achei muito correto o pensamento de preferir o papel né, já que tem muitas provas de que a urna eletrônica é eficaz. (Entrevistada 10)

No próprio grupo da minha família teve esse debate sobre a segurança das urnas né, e parcela da família falava que podia ser fraudado e outra parcela que não. E aí como eu reagi? E eu mandei esses 2 vídeos (Do canal Manual do mundo e do Nostalgia) no meu grupo para os parentes assistirem e terminou com que eles acreditassem mesmo que as nossas urnas são seguras. (Entrevistado 12)

Ao sintetizar as respostas do grupo pesquisado sobre a participação ou não em debates, polêmicas ou discussões em suas redes sociais, na escola ou em casa, verificamos uma divisão de três situações vivenciadas. Um primeiro grupo que não participou, mas teve acesso a informações sobre o assunto, o segundo grupo que participou de algum debate ou discussão e por fim o último grupo que não participou de nenhum debate ou discussão.

Adolescentes que não participaram, mas tiveram acesso através:

- Da internet após a contagem dos votos no 1º turno, eleitores do Bolsonaro falando que houve fraude.
- Do Twitter, sobre a questão de a urna ser fraudada ou não;
- Das variadas redes sociais, as pessoas divididas entre os que apoiam o Bolsonaro querendo que voltasse o voto no papel e os apoiadores do Lula querendo que continue do jeito que está;

Adolescentes que participaram e o ambiente onde ocorreu:

- Em casa, os pais são apoiadores do Bolsonaro e defendem o voto em papel, alegando que a urna eletrônica pode ser fraudada;
- Em casa com o pai, que acredita na urna, mas diz se sentir mais seguro se o voto fosse impresso e contado junto com a apuração da urna eletrônica;
- Em casa com a mãe que duvidava da urna eletrônica e defendia o uso do papel;
- No grupo da família em que a questão da segurança das urnas foi debatida

Adolescentes que não participaram de nenhuma situação de debate ou discussão:

- Não viu nada sobre as urnas, porque não segue nada relacionado a esse assunto;
- Não teve discussão entre amigos e familiares porque ambos têm o mesmo pensamento sobre as urnas;
- Porque evita discutir política em casa, sabe que cada um tem uma opinião, mas com relação às urnas tem um consenso. E na escola as pessoas mais próximas nunca descredibilizaram as urnas.

Um fato observado sobre esse tópico, diz respeito ao posicionamento dos adolescentes quanto a não considerar a apresentação do trabalho escolar citado anteriormente, sobre a segurança das urnas eletrônicas, durante a disciplina de Geografia, como um momento de debate ou discussão sobre as urnas.

5.2.3 Credibilidade das urnas/ Fraude nas eleições no Brasil

Compreender quais são os critérios usados pelos adolescentes para a construção ou reafirmação de seus posicionamentos em relação à credibilidade e valorização das urnas eletrônicas é o objetivo geral desta pesquisa.

Uma das perguntas feitas na entrevista, que ajuda nessa compreensão é: Qual a sua opinião sobre a credibilidade das urnas eletrônicas? São seguras ou não?

Todas as respostas a essa pergunta estão de acordo que as urnas são seguras. A confiança na segurança das urnas foi unânime e os motivos são variados:

- Elas são a melhor forma para contabilizar os votos;

Ah eu acho que elas são, eu acho que é um processo muito melhor do que o que tem nos Estados Unidos. Lá as eleições tem atrasos e demora muito e o Brasil tem uma população muito grande então eu acho que se não tivesse as urnas eletrônicas ia ser muito mais complicado contabilizar os votos. Então eu acho que as urnas eletrônicas são a melhor forma. (Entrevistada 02)

- O voto no papel tem mais chance de fraude;

Eu acho que elas são sim seguras. [...] eu acho que realmente a urna eletrônica é super confiável e o voto impresso no papel teria mais chance de ser fraudado, de ser manipulado, se não me engano tinha uma questão de fundo falso quando os votos eram contados em papel que você podia usar para contar os votos não verdadeiro, e fraudar as eleições. (Entrevistada 03)

- Porque são grandes órgãos os responsáveis por cuidar das eleições e noticiadas por grandes jornais;

Eu considero que são seguras porque como são grandes órgãos, inclusive órgãos responsáveis por cuidar das eleições, que falam que são seguras e atestam várias vezes em não sei quantos anos de uso de urnas eletrônicas a gente nunca teve um problema de fraude que não pudesse ser consertado, eu confio bastante até porque são noticiados por grandes veículos né. Eu não tenho motivos, ninguém nunca apresentou argumentos que tivesse que pensar de novo, falando “não assim não funciona”. (Entrevistada 04)

- Confia apesar do pouco conhecimento que tem sobre elas e porque são usadas a muito tempo;

Pelo que sei, eu tenho uma ideia na minha mente que ela é confiável sim, ela tem uma segurança boa, eu acho, a não ser que eu esteja muito errado. [...] desde que me conheço por gente elas funcionam, não é possível que é usada a tanto tempo e não é segura. (Entrevistado 8)

- Porque no momento da votação a pessoa pode ver o que está acontecendo;

Eu considero que elas são seguras, elas são usadas há muitos anos. Eu acho sinceramente que é muito mais seguro você fazer lá o voto eletrônico *off-line*, então só com o relatório depois da urna fechada que pode ter acesso a tudo e você pode confirmar os candidatos que você está vendo lá, em quem que está votando, pode ver o que está acontecendo dentro daquele aparelho. Então, eu acho que elas são confiáveis e muito mais do que, por exemplo, o voto em papel ou, por exemplo, o que dá para mandar pelo correio como nos Estados Unidos. Dessa forma no papel é muito mais fácil de realmente ter algum tipo de fraude. (Entrevistada 09)

- São tão seguras que alguns países usam o mesmo sistema ou estão pensando em usar;

Eu acho que elas são sim seguras e são tão seguras que alguns países lá de fora usam o mesmo sistema das urnas como segurança mesmo. Eu vi isso nos vídeos sobre as urnas que te falei. (Entrevistado 112)

- É o meio mais avançado que tem;

Eu considero que elas são seguras e que é o meio mais avançado que tem. Você digitou seu candidato e seu voto já está lá com o sistema, não tem que passar por pessoas que vão ver seu papel e que podem mudar, então acho que ela é bem mais segura e bem mais tecnológica do que os países que usam papel ainda. (Entrevistada 14)

A partir das respostas acima, foi possível identificar através dos motivos, alguns critérios que foram utilizados pelos adolescentes na construção ou reafirmação da confiança nas urnas eletrônicas. O reconhecimento da autoridade epistêmica, e a crença na eficiência tecnológica são os critérios que formam base da confiança na credibilidade e segurança das urnas.

A credibilidade segundo Rieh (2010, p. 1337) não tem uma definição clara, “ela foi definida juntamente com dezenas de outros conceitos relacionados, como

credibilidade, confiabilidade, justiça, precisão, confiança, factualidade, completude, precisão, isenção de viés, objetividade, profundidade e informatividade”.

A avaliação da credibilidade é uma atividade humana, pois as pessoas tomam decisões com base no valor que atribuem a uma informação, esse é um processo contínuo e interativo e muito subjetivo, pois cada um tem experiências, crenças e conhecimentos próprios que determinam seus julgamentos quanto ao que definem como crível ou não (Rieh, 2010)

A confiabilidade de acordo com Rieh (2010) é uma dimensão essencial na avaliação da credibilidade que capta a percepção moralidade da fonte, essa percepção de que a fonte é justa, imparcial e verdadeira contribui para a confiabilidade da informação. Outra dimensão importante é a especialização que reflete o conhecimento, a habilidade e a experiência da fonte.

Nesse sentido, a Justiça eleitoral e a Imprensa representam o conceito de autoridade epistêmica exemplificado na fala da Entrevistada 04, como “grandes órgãos responsáveis por cuidar das eleições” e “noticiados por grandes veículos”. Ambas são instituições epistêmicas que ocupam o lugar de regulador do processo eleitoral e de mediador da informação respectivamente. Tanto a especialização quanto a confiabilidade nessas instituições conformaram um dos critérios utilizados pelos adolescentes para confiar nas urnas eletrônicas.

Outro critério observado, diz respeito à convicção da eficiência da tecnologia. De acordo com o Relatório Especial do Edelman Trust Barometer de 2022, intitulado Confiança na Tecnologia, a confiança nacional na tecnologia está acima da média global, o estudo mostra que 86% dos brasileiros confiam nesse setor, enquanto que no restante do mundo a porcentagem é de 76%.

Giddens (1991), afirma que a confiança existe quando se acredita em alguém ou em algum princípio. Para o sociólogo, a natureza das instituições modernas está ligada ao mecanismo da confiança em sistemas peritos. “Os sistemas peritos são sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (Giddens, 1991, p.35).

Nesse contexto, os sistemas de excelência técnica podem ser entendidos aqui como todos os equipamentos e procedimentos tecnológicos utilizados na produção do modelo da urna eletrônica. Assim a confiança depositada na eficiência tecnológica utilizada nas urnas eletrônicas é adquirida quando tais sistemas peritos

funcionam de acordo com as expectativas dos usuários, retroalimentando continuamente sua confiança nos mesmos.

Na era da pós-verdade há uma crise de confiança em relação a estes sistemas, ocasionando questionamentos com relação à credibilidade das urnas. Entre o grupo pesquisado, não foi observado esse comportamento, pelo contrário, os próprios adolescentes apontaram que nos últimos anos as urnas estão sendo alvo de *fake news* e por isso perdendo credibilidade entre algumas pessoas no país.

Eu considero que elas são seguras só que como elas estão sendo principalmente alvos das *fake news*, eu acho que ela está perdendo a credibilidade entre algumas pessoas que não se preocupam em se informar e de ver que realmente é segura, de confirmar que tem o lacre, essas coisas, elas acreditam que voltar o voto de papel impresso seja mais seguro do que a urna. (Entrevistada 13)

Portanto, na opinião dos adolescentes, a urna eletrônica é sim confiável e segura, porque são produzidas, utilizadas e organizadas por órgãos que transmitem confiança e transparência e por contar também com a participação dos veículos de comunicação como responsáveis por divulgar toda e qualquer situação que colocasse o processo eleitoral em risco.

Para além da confiança específica nas urnas eletrônicas, perguntamos se as eleições no Brasil podem ser fraudadas. Com relação à percepção dos entrevistados sobre fraude nas eleições no Brasil, os entrevistados se dividem em dois grupos: os que acreditam que podem ser fraudadas e os que acreditam que não podem. É importante ressaltar aqui que essa percepção não está relacionada ao uso do equipamento urna eletrônica e sim com todo o processo eleitoral em si.

O grupo que acredita que as eleições podem ser fraudadas aponta as seguintes justificativas:

Olha eu acredito que sim porque por exemplo nestas que teve agora eu vi muitos vídeos mais no TikTok mesmo de pessoas reclamando que seus votos foram anulados e várias coisas assim, então acho que podem sim ser fraudadas, mas eu acho que é a melhor opção que a gente está tendo. (Entrevistada 05)

Eu acho que podem, quer dizer eu não eu não estou confirmando, mas já me falaram que foi em 2003 eu não sei, qual ano que teve, mas me falaram que teve. (Entrevistado 07)

Olha eu acho que deve ter jeito sim, acho que é porque sempre vai ter pessoa mal intencionada, então acho que a pessoa má intencionada que tem um poder daquilo ali ela consegue modificar alguma coisa, mas eu não

tenho informação necessária para poder sei lá falar muito sobre, mas acho que tem sim. (Entrevistado 08)

Acho que tudo é possível né, eu acho que no país que a gente vive que tem uma corrupção muito iminente, eu acho possível, mas eu não acho que tenha ocorrido nesses anos, daí eu espero que não ocorra também. (Entrevistada 10)

Todos esses adolescentes que acreditam que podem ocorrer fraudes nas eleições no país, declararam ao longo da entrevista que não tem conhecimento sobre a segurança e o funcionamento técnico da urna ou tem pouco conhecimento. Outra consideração diz respeito ao ambiente familiar, alguns pais são apoiadores de Bolsonaro e críticos da urna eletrônica.

Não é objetivo desse estudo fazer juízo de valor das respostas analisadas, somente apresentar as práticas e posicionamentos dos adolescentes diante dos seus contextos de vida.

Sintetizamos em tópicos as respostas dadas pelo grupo que acredita que as eleições não podem ser fraudadas:

- Na forma como acontece não podem ser fraudadas, para impactar as eleições, muitas urnas teriam que ser fraudadas;
- Não podem ser fraudadas porque é um processo seguro;
- Com a urna eletrônica as eleições não podem ser fraudadas;
- É impossível as urnas serem fraudadas;
- É o sistema mais confiável pelo menos atualmente;
- Ao estudar história viu sobre golpe militar, acredita que pode ter golpes, mas fraudes nas eleições não.

Para além das percepções acima descritas, uma observação diferente e também interessante sobre as fraudes nas eleições é pertinente de ser apresentada aqui, por ser um fato que foi bastante noticiado no período.

Eu acredito que possa ter outros meios que pode interferir nas eleições, fazer propaganda com incentivo, ou até uma certa forma de compra de votos que está acontecendo muito, gerentes e pessoas responsáveis no trabalho falando “ se vocês não votaram em fulano, vocês vão ser demitidos” ou “ se fulano ganhar vocês vão ganhar um aumento” e eu acho que isso é uma maneira de manipular porque não é o desejo da pessoa, do cidadão individual, vira uma decisão que ela está sendo levada a tomar. (Entrevistada 04)

A prática descrita pela Entrevistada 04 é conhecida como assédio eleitoral. Apesar de não estar relacionado a uma fraude direta, para esses adolescentes que afirmaram não ser possível alterar o resultado através da manipulação das urnas, coagir uma pessoa em seu ambiente de trabalho através de ameaças veladas ou explícitas a votar em um determinado candidato, pode configurar uma forma de interferir no resultado das eleições caso a prática seja executada de maneira sistemática.

Ao longo do período eleitoral do ano de 2022, foram denunciados e noticiados vários casos de assédios eleitorais articulados por empresários em todo país. O documento Assédio Eleitoral Eleições 2022 – Relatório de Atividades, elaborado pela Coordenadoria Nacional de Promoção da Igualdade de Oportunidades e Eliminação da Discriminação no Trabalho, ligada ao Ministério Público do Trabalho (MPT) descreve assédio eleitoral como,

prática de coação, intimidação, ameaça, humilhação ou constrangimento associados a determinado pleito eleitoral, no intuito de influenciar ou manipular o voto, apoio, orientação ou manifestação política de trabalhadores e trabalhadoras no local de trabalho ou em situações relacionadas ao trabalho. (Brasil, 2022d)

O relatório apontou que a maioria das condutas ilícitas denunciadas envolveram as eleições para a Presidência da República e o que o número de denúncias foi muito maior do que as ocorridas nas eleições de 2018. Essa situação atípica também chamou atenção de alguns adolescentes, que a descreveram como um ponto importante de ser considerado sobre a possibilidade de fraude eleitoral.

Os resultados expostos demonstram que o contexto de desinformação vivenciado pelos adolescentes não influenciou na construção da confiança nas urnas eletrônicas, mas a participação da escola foi fundamental para impactar positivamente suas atitudes no ambiente digital, evidenciando dessa forma como as relações do indivíduo com a informação podem ser condicionadas socialmente.

A construção dessa confiança ancorou-se basicamente no reconhecimento das autoridades epistêmicas envolvidas e da eficiência tecnológica do equipamento utilizado. Saber que o órgão responsável pela execução de todo o processo é a Justiça Eleitoral e que a Imprensa participa na divulgação e até na investigação de toda e qualquer notícia a respeito das eleições, além de confiar que a tecnologia utilizada funciona corretamente e que não há a possibilidade de fraudar o

equipamento foram os fatores que determinaram a certeza de que as urnas eletrônicas são confiáveis e eficientes.

5.3 Desinformação/ Informação

Pretende-se nesse eixo, observar o conhecimento dos entrevistados sobre *fake news* e analisar a capacidade desses sujeitos de diferenciar informações de desinformações registradas nos conteúdos disponíveis nas redes sociais digitais.

5.3.1 O que se sabe sobre Fake news

O termo *fake news* não é mais novidade, muitas pessoas em algum momento já ouviu essa expressão. A preocupação com a rapidez com que elas circulam e os prejuízos que elas podem causar tem despertado muitas discussões em diferentes ambientes.

A presente pesquisa investiga práticas informacionais de adolescentes, em contexto de desinformação, com amplas demandas informacionais no meio digital e rápido espalhamento de informações que facilitam a circulação de notícias falsas, nesta seção pretende-se verificar o que adolescentes que estão prestes a fazer o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio sabem sobre *fake news*.

O propósito das perguntas sobre o *fake news* foi obter dos entrevistados toda e qualquer informação que eles possuíam sobre o tema, deixando-os responder livremente sobre os locais onde que acessaram o conteúdo dessas informações e o juízo de valor atribuído por eles.

Eu sei que *fake news* são informações que elas podem ser espalhadas e que dependendo de como elas são elas espalham muito rápido e elas se espalham porque algumas pessoas não tem noção do que é uma *fake news* e da dimensão dela, do que ela pode causar. E eu aprendi sobre *fake news*, aprendi sobre entender o que é uma *fake news* e sobre filtrar informações na escola mesmo, na aula de educação digital, aula de informática, aulas de português e literatura e de redação também a gente aprende e vê falar muito de *fake news*, é até questão de prova, o que é *fake news*? Como você filtra ela? Quando você pega uma informação o que você faz com ela antes de compartilhar, antes de ter certeza do que ela é. (Entrevistada 01)

Nossa *fake news* é o assunto mais comentado principalmente para gente do terceiro ano que vai fazer ENEM. Já devo ter escrito umas cinco redações, modelo ENEM, sobre *fake news*, que realmente é um assunto muito debatido no momento tão debatido que virou meio que de praxe, é um

assunto realmente muito conhecido por que é uma mazela muito grande das redes sociais. (Entrevistada 03)

Já ouvi várias pessoas falando pra mim na escola, nas redes sociais, em casa, que é pra ter cuidado né, que são informações falsas, por exemplo, tem um link que fala que você ganhou mil reais, aí a pessoa clica, só que não é, aí o celular vai ser haqueado e surgem vários problemas, e se você passar essa fofoca para outras pessoas vai gerando um ciclo falso. (Entrevistado 07)

O primeiro contato que eu tive foi na escola quando eu ainda era pequena, nem era aqui no colégio, era numa outra escola e eu lembro que a professora começou a falar pra gente que a gente não pode acreditar em tudo o que vê. Aqui no (colégio) Santa Maria é praticamente todo ano a gente tem alguma coisa em relação a *fake news* e principalmente no oitavo ano a gente teve muita coisa em relação a isso, o meu oitavo ano foi em 2018, e desde então eu tenho esse contato, continuo tendo até o terceiro ano do ensino médio, até esse ano principalmente na escola. Eu comecei a ver de um tempo para cá, de uns anos para cá, uns 3,4 anos um debate maior sobre *fake news* nas próprias redes sociais que são as maiores disseminadoras de *fake news*. (Entrevistada 09)

Eu já vi muito sobre *fake news* aqui na escola, em redes sociais também na internet, inclusive a gente já discutiu em aula de redação sobre a *fake news* e a pós-verdade que é quando a pessoa sabe que é uma mentira e mesmo assim acredita por causa das próprias crenças. E acho que é muito isso, por exemplo, essas notícias de Facebook que minha avó compartilha para mim, muitas vezes são absurdamente falsas, mas só pelo fato de seguirem as crenças dela. Por exemplo, um alienígena, ela acredita nisso, aí sempre que vê alguma notícia sobre isso mesmo que não tenha comprovação nenhuma ela me manda, e sai dispersando isso. (Entrevistada 10)

Já ouvi falar sobre *fake news*, já pesquisei sobre e realmente eu acho que existe muita *fake news*, muita notícia falsa que as pessoas passam. Onde eu já eu vi? Em vários portais, na BBC, por exemplo, em um artigo falando sobre *fake news* do G1 também vi, geralmente eu vejo muita *fake news* no WhatsApp do grupo da minha família, é muito... é bastante. (Entrevistado 12)

Com certeza já ouvi, principalmente nessa época que a gente está vivendo. Com o crescimento da internet a partir dos anos 2010, 2011 a internet começou a crescer demais em questão de rede social e o surgimento do Facebook principalmente, é um jeito muito fácil de espalhar a informação e aí a *fake news* que são as notícias falsas, sempre tem alguma maldade, ela sempre tem um objetivo, seja para deixar alguém bem ou deixar alguém mal. São vários os momentos que pode ter uma *fake news*, desde um reality show, desde a política, desde pessoas que você conhece, porque querendo ou não, não chega a ser uma notícia obviamente, mas uma fofoca errada é o básico de uma *fake news*. (Entrevistado 15)

Dentre os quinze entrevistados, onze afirmaram que ouviu sobre *fake news* na escola. Ao analisar os relatos, é possível verificar que o papel da escola foi de instrução e/ou educação sobre o fenômeno das *fake news* através de disciplinas contidas na grade curricular do Ensino Médio como Educação Digital, Informática, Português e Redação e também por meio de campanhas informativas realizadas no

ambiente escolar com o objetivo de informar aos alunos que propagar informações sem confirmar a veracidade pode ser prejudicial.

A realidade educacional experimentada por esse grupo ao longo dos anos garantiu um conhecimento prévio importante sobre o tema, possibilitando reconhecer alguns aspectos relevantes como o local em que há maior incidência e seus objetivos. De forma geral, os adolescentes percebem as *fake news* como um conteúdo, um dado ou uma informação incorreta, com intenção de prejudicar alguém.

No ambiente das redes sociais digitais, as *fake news* foram associadas ao Facebook e ao aplicativo de mensagem Whatsapp. Ambas as ferramentas são descritas pelos entrevistados como as que mais propagam *fake news*.

De acordo com o Relatório de Notícias Digitais 2020 do Instituto Reuters, o Facebook é visto como o maior canal para espalhar informações falsas em quase todos os lugares do mundo e o aplicativo de mensagem Whatsapp é visto como o principal local no Brasil por onde mensagens falsas são disparadas.

Outro aspecto que emerge nas falas é a associação da disseminação de *fake news* por pessoas mais velhas em especial as usuárias do Facebook.

O WhatsApp é onde mais rola *fake news*, então elas circulam mais lá, no Facebook também onde mais circulam, que ironicamente o Facebook é a rede social com o público mais velho. As pessoas mais velhas estão perdendo a maldade que elas tinham com a internet e os mais jovens estão tendo uma maldade maior, já conseguem identificar melhor as *fake news* do que as pessoas mais velhas. (Entrevistado 15)

Já ouvi falar muito sobre *fake news* até porque tem muitas pessoas na minha família que acabam disseminando um pouco disso, como eu tinha falado pessoas mais velhas geralmente. (Entrevistada 02)

Portanto, o conhecimento prévio dos adolescentes acerca das *fake news* está entrelaçado aos ambientes tradicionais de convívio como a escola, as redes sociais digitais e a família, demonstrando o quão popular se tornou esse assunto, sendo muitas vezes usado de forma generalizada e imprecisa. Há concordância quanto o papel informativo da escola bem como da ampla disseminação de informações falsas através da internet, em especial pelas redes sociais digitais. É interessante observar que apesar de ser usuários assíduos das redes sociais e do aplicativo de mensagem Whatsapp, nenhum dos entrevistados se identificou como compartilhadores de notícias falsas, delegando essa prática às pessoas idosas.

5.3.2 Conceito de *fake news* para os entrevistados

O fenômeno de circulação de *fake news* é um fato conhecido entre todos adolescentes desta pesquisa, no entanto, a definição do conceito exato não está solidificada entre eles, nem tão pouco entre estudiosos do tema, gerando bastante discussão entre o meio acadêmico.

Por isso, antes de apresentar a opinião dos adolescentes sobre o que é *fake news*, indicaremos que o conceito adotado nesse estudo é baseado na definição dada por Allcott e Gentzkow (2017) e Brisola e Bezerra (2018), em que *fake news* são notícias falsas com características jornalísticas fabricadas e espalhadas com a intenção de enganar, gerar lucro ou influenciar a opinião pública assim, o principal intuito das *fake news* é fazer com que seus conteúdos pareçam ser legítimos, desde a maneira como as informações são transmitidas até a estruturação e nome do domínio dos sites.

Em sua opinião, o que é *fake news*? Essa foi a pergunta elaborada para capturar o conceito do termo entre os entrevistados.

A expressão “notícia falsa com a intenção de enganar” fez parte da maioria das respostas, entrelaçada a outras características, motivações e circunstâncias em que as *fake news* são percebidas pelos adolescentes.

Esta percepção coaduna com o conceito dos pesquisadores apresentado acima, pois são informações com aparência de notícia, criadas deliberadamente para enganar quem as lê.

É uma notícia falsa com um objetivo por trás, ela visa um resultado a ser alcançado. Por exemplo, falar que um político inocente cometeu um crime para desmoralizá-lo. (Entrevistado 06)

Fake news é uma informação falsa que se espalha para promover alguém ou alguma ideia, para levantar um movimento. (Entrevistado 08)

É uma notícia criada com o propósito de mentira. No caso eleitoral o propósito de favorecer um lado político e moldar a opinião das pessoas. (Entrevistada 10)

É uma notícia que aparenta muito ser verdade, mas que às vezes tem uma mentira pequena ali para poder dar um toque a mais nela. Por exemplo, pode começar falando de um assunto verdadeiro, mas coloca um acontecimento falso para poder dar mais “choque” a ela, aí vai aparecer mais para as pessoas porque as pessoas vão acessar o canal ou o link e vai ter mais visualização, nisso vai ter mais dinheiro. Então tem essa questão, através de notícia falsa se ganha mais dinheiro, quando se tem

mais visualização, as pessoas são feitas de tolas para outras ganharem dinheiro. (Entrevistada 14)

De acordo com a opinião desses adolescentes, as *fake news* têm objetivo definido de prejudicar alguém, promover alguém ou alguma ideia ou ainda para ganhar dinheiro. Promover alguém ou alguma ideia é entendido como motivação ideológica para a criação e circulação de *fake news* defendidos por Brisola e Bezerra (2018).

Pessoas que acreditam em uma determinada ideologia e querem atrapalhar, humilhar, desacreditar etc. o “outro lado”, “ajudando” assim o “seu lado”. Em um ciclo vicioso, sustentado pela polaridade alimentada pelos algoritmos e facilitada pelas redes digitais com suas bolhas e câmaras de eco, a ideia de uma supremacia ideológica justifica o uso de *fake news* como meio aceitável para um fim legítimo (Brisola, Bezerra, 2018, p.3326).

Outra motivação apresentada nas entrevistas, diz respeito a questão econômica, *fake news* gera dinheiro, nas palavras de Brisola e Bezerra (2018, p. 3326) é um tipo de negócio lucrativo. Assim, “quando a informação se torna produtos que visam lucro, o compromisso com a verdade e a ética são afrouxados, dando espaço para as conveniências comerciais” (Brisola, Bezerra, 2018, p.3326).

Como visto anteriormente, o conceito de *fake news* é ambíguo, e com isso, entre os entrevistados também houve discrepâncias quanto a definição do significado. As afirmativas a seguir resumem a opinião daqueles que não conseguiram delinear o conceito totalmente.

- São informações que espalham muito rápido, porque as pessoas não sabem o que é e não tem noção da dimensão negativa delas;
- É uma notícia falsa, mentirosa e na internet é muito fácil ter porque qualquer pessoa pode inventar dados, postar e muita gente não vai conferir;
- *Fake news* é uma notícia não necessariamente criada para ser divulgada falsamente, mas que pode ser usada para comprometer alguém.
- São basicamente mentiras que são criadas para adequar uma situação específica;
- É aquela informação que a pessoa passa para enganar o outro

Assim, as opiniões apresentadas nas entrevistas, de certa forma coincidem com as discussões que tem ocorrido nos últimos anos em diferentes ambientes da

sociedade, pois as *fake news* são identificadas como uma forma de produção e de circulação de conteúdos falsos, que têm um objetivo específico determinado, fazendo parte de um quadro mais amplo de desordem informacional (Fagundes *et al*, 2021).

5.3.3 Avaliação da informação (verdadeira ou falsa)

O contexto da presente pesquisa é de propagação de informações em volume excessivo por meio digital, por isso, avaliar o conteúdo uma informação pode ser uma tarefa difícil e complicada, especialmente para o indivíduo que está em processo de formação.

Zattar (2017, p.288) esclarece que “as informações do cotidiano, são mais vulneráveis às contaminações, uma vez que não pressupõem rigor em sua produção, estando abertas à participação de diferentes atores”.

Para analisar a capacidade dos adolescentes em avaliar uma informação, foi realizada a seguinte pergunta: Você sabe avaliar se uma informação é verdadeira ou falsa? Como faz essa avaliação?

A partir das respostas, foram identificados alguns critérios de avaliação da informação. De acordo com Jacobi e Borges (2023, p.382), existem diversas ferramentas de avaliação de informação, desde as mais tradicionais, como checar as fontes que sustentam a informação, verificar a autoridade e a atualidade da informação, até as mais recentes, como os verificadores de fatos, instituições que se dedicam a verificar fatos de interesse da sociedade, classificando-os com selo de confiabilidade da informação.

A maior parte dos entrevistados disse saber avaliar se uma informação é verdadeira ou falsa. Dentre aqueles que afirmaram saber avaliar, as principais práticas descritas foram:

É preciso pesquisar a fonte a fundo, ler toda a matéria, não só a manchete e procurar a informação em mais de um lugar para avaliar; (Entrevistada 02)

Utilizo o Google acadêmico para pesquisar alguma questão que não seja recente, para fatos mais recentes utilizo jornais que considero confiáveis. Se a informação estiver em rede social, procuro a fonte e observo a aparência da imagem; (Entrevistada 03)

Procuro saber a fonte, ler a informação em diferentes veículos de comunicação, inclusive em jornais internacionais para saber o que estão noticiando sobre um determinado assunto. (Entrevistada 04)

Existe um site, agora não lembro o nome, mas é um site que só confere *fake news*, só confere se são verdadeiras ou falsas as notícias. Eu não confiro todas, mas as que me parecem mais absurdas, as que você sente uma estranheza, aí eu confiro lá. (Entrevistado 06)

Geralmente se eu estou duvidando daquilo que eu estou vendo, eu pesquiso em site de notícia confiável. Um site de notícia que já tem história, que já tem reputação importante tipo o G1, o UOL também e não são muitos, geralmente quando eles têm uma estrutura assim acho que é uma fonte que dá pra confiar. (Entrevistado 08)

Gosto de olhar se a fonte informada no site é legítima, gosto de pesquisar na BBC e procuro a fonte e o responsável pelo estudo ou matéria; (Entrevistada 09)

Verificando em outros perfis que também falaram do mesmo assunto, da mesma notícia, e que não vai estar escrita da mesma forma, mas se é um tema que está falando em vários meios é porque é verdade. (Entrevistada 11)

Verifico em artigos de pessoas competentes sobre o assunto. O meio que uso são os grandes portais, o Google, e as vezes o Twitter, mas acredito que o Twitter é um lugar ruim, tem muita desinformação, mas uso para confirmar se tem alguma coisa errada. (Entrevistado 12)

Costumo olhar se têm especialistas falando, confere as fontes que ele citou. Site com muito anúncio confia menos; os que mais confio são BBC, CNN e G1, eles tem um padrão, uma estética que você vê que é confiável (Entrevistada 14)

Sei que não sou perfeito, e que provavelmente já cai em *fake news*. Mas tem algumas coisas que consigo desmentir de cara. Pegar as publicações jogar na internet, porque tem vários meios confiáveis, redes sociais ou páginas de jornais verificados e com público alto, se eles estiverem informando, tudo bem, mas se for um sitezinho de um link extremamente estranho não vai ser verdade. (Entrevistado 15)

A descrição das referidas práticas, remetem ao uso alguns critérios que são utilizados para avaliação da qualidade da informação estudados por diferentes autores (Zattar, 2017; Jacobi, Borges, 2023). Ao analisar as respostas dos adolescentes observa-se que os critérios de Autoridade, Possibilidade de verificação/Validação externa e Credibilidade/Confiabilidade foram utilizados como ferramentas para a validação da veracidade das informações. A breve descrição dos

conceitos, baseada nos estudos de Jacobi e Borges (2023) objetiva ilustrar a construção da avaliação que é feita pelos adolescentes.

O critério de Autoridade está relacionado com a capacidade de identificar o ente que registrou a informação, ou seja, o responsável pela criação intelectual ou artística do conteúdo da informação (Jacobi, Borges, 2023). Apesar de não mencionar os critérios, identificar a fonte e a autoridade se mostrou fundamental para esclarecer a condição da informação, como verdadeira ou falsa e mesmo sem compreender bem esse conceito, os adolescentes conseguem examinar criticamente evidências contidas nas informações, a partir da credibilidade depositada na autoridade responsável pelo conteúdo acessado.

A Possibilidade de verificação/validação externa é um recurso utilizado no trabalho que fazem as agências que têm por finalidade checar informações que circulam no meio digital, conhecidos como verificadores de fatos. Esse critério também foi identificado nas respostas, quando mesmo sem dizer o nome, o Adolescente 06 foi capaz de descrever a função das agências de checagem no combate às *fake news*. É uma ferramenta que auxilia o indivíduo a avaliar as informações que acessa.

Outro critério assinalado é a Credibilidade/Confiabilidade, ele “visa identificar se a fonte e o conteúdo da informação possuem credibilidade perante o público-alvo, se há transparência e ética profissional ao disponibilizar a informação” (Jacobi, Borges, 2023, p. 390). Para os entrevistados, os veículos de comunicação tradicionais citados, tais como BBC, G1, CNN, são lugares que podem confiar, possuem credibilidade para validar uma informação por considera-los legítimos e reconhecidos entre o meio que vivem.

A dificuldade em verificar se uma informação é verdadeira ou falsa foi informada por aproximadamente 20% dos entrevistados. Destacam-se algumas nas respostas abaixo.

Olha, eu não sei assim de cara quando eu olho pra uma notícia saber se ela é verdadeira ou falsa. Para verificar se ela é verdadeira ou não, eu procuro olhar mais no Google mesmo, ir no explorer do *iPhone* que usa o Explorer, mas eu prefiro colocar a notícia nesses sites e verificar em quais sites do Google por exemplo, que fala sobre se a notícia é verdadeira ou não. (Entrevistada 05)

Sendo sincero, eu vou na sorte, por exemplo, eu não clico em nenhum link que me mandam por medo de ser vírus né, mas quando está na rede social eu vejo as pessoas falando, aí eu vejo se é falso ou se é verdadeira. Eu vou

na informação vejo os comentários dela, vejo as pessoas falando se são falsas ou não, se tem credibilidade ou não. (Entrevistado 07)

A adversidade enfrentada pelos adolescentes em distinguir uma informação verdadeira ou válida para uma falsa é bastante comum entre os brasileiros. De acordo com o estudo 'Iceberg Digital' desenvolvido pela empresa de Cibersegurança Kaspersky em parceria com a empresa de pesquisa Corpa, realizado na América Latina entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, 62% dos brasileiros não sabem reconhecer uma notícia falsa.

Um dos resultados do estudo "Jovens e sua percepção sobre *fake news* na ciência" desenvolvido por Fagundes *et al* (2021) na cidade de Belém no estado do Pará com 23 jovens com idade entre 20 e 24 anos, também demonstra a insegurança e dificuldade em identificar o que é verdadeiro e em quem confiar quando se trata de notícias que circulam pela internet.

Observa-se que uma das dificuldades dos adolescentes em identificar se a informação é falsa ou verdadeira, se traduz na maneira com que eles buscam sanar a dúvida. A prática de pesquisar no Google e de ler comentários de terceiros não é considerada como critérios de avaliação da informação.

Essas práticas informacionais podem não ser eficientes para avaliar uma informação e ainda podem incorrer em desinformação, pois confiar que o buscador retornará respostas corretas é uma atitude ingênua, o conteúdo recuperado além de ser vasto, devido à amplitude de recuperação dessa ferramenta, também contém anúncios pagos que podem interferir na recuperação da informação. Outro ponto negativo dessa prática é que a busca ocorre em ambiente de mediação algorítmica, que "personaliza o que cada usuário obtém como resposta uma espécie de espelho unilateral que reflete tão só e apenas nossos próprios interesses" (Santaella, 2018, p. 7).

O problema dessa personalização é que ela é feita por filtros de máquinas de buscas ou das redes sociais, promove a segregação ideológica e acabam por formar as chamadas "câmaras de eco" que omitem a presença de opiniões divergentes, com isso, ler comentários de terceiros que estão no mesmo espectro não contribui para detectar a falsidade ou veracidade de uma informação.

Uma observação necessária diz respeito à condição de desenvolvimento intelectual e de habilidades informacionais que esses adolescentes estão vivenciando. O comportamento demonstrado reflete o contexto informacional a que

estão submetidos, se por um lado a influência da escola e dos professores garantem uma prática mais crítica e o reconhecimento de critérios adequados para qualificar a informação, do outro a interferência das redes sociais pode favorecer a produção das câmaras de eco ou do chamado efeito bolha, mantendo-os isolados em seus grupos, em seus pontos de vista, dificultando o processo de avaliação da informação.

De modo geral, o grupo demonstrou ter um mínimo de conhecimento sobre *fake news*. A escola foi a principal responsável por informar e educar sobre os prejuízos que as notícias falsas podem causar na sociedade e também sobre como identificá-las e combatê-las. Já o Facebook e também o aplicativo de mensagem WhatsApp, são apontados como os maiores responsáveis por compartilhamentos de *fake news* especialmente sobre o processo eleitoral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação está centrada em temas que fazem parte do contexto social e informacional contemporâneo, o processo eleitoral brasileiro de 2022 foi diretamente impactado pelos fenômenos da desinformação e da pós-verdade que ganharam amplitude através do amplo acesso às redes sociais digitais. No decorrer deste estudo, observamos diferentes ataques direcionados ao processo eleitoral antes, durante e até mesmo depois do pleito.

A investigação e a análise da relação dos adolescentes com as redes sociais nesse contexto de desordem informacional por meio do olhar compreensivo foi fundamental para conseguir verificar as diferentes nuances de posicionamentos e práticas descritas por eles.

Verificou-se que o uso das redes sociais digitais é intenso entre os adolescentes e, elas são utilizadas como entretenimento, como ferramenta para comunicação, como instrumento de estudo, como ambiente de compras e de exposição. As interações desenvolvidas nesse ambiente perpassam diferentes práticas informacionais, desde a seleção de perfis e/ou redes para seguir até a validação destes como fonte de informação confiável.

Os critérios adotados para considerar um perfil ou rede como uma fonte de informação confiável estão ancorados na confiança nas autoridades epistêmicas, tais como professores, portais de notícias, perfis verificados de autoridade e com embasamento científico.

Uma parcela considerável dos adolescentes apresentou dificuldade em distinguir uma informação de uma desinformação, no entanto para aqueles que demonstraram mais facilidade nessa ação, observou-se que a escola desempenhou um importante papel na instrução e na educação desses sujeitos, promovendo uma prática de investigação mais crítica e o reconhecimento de critérios adequados para identificar uma informação válida.

O principal objetivo do estudo era investigar o posicionamento dos adolescentes em relação à confiança nas urnas eletrônicas e como suas práticas informacionais integradas ao ambiente de redes sociais digitais construíram ou não essa confiança.

Apesar do amplo acesso a conteúdos desinformativos sobre as urnas eletrônicas, verificados em diferentes perfis e redes sociais digitais utilizadas, todos

os adolescentes demonstraram total confiança no equipamento, destacando a questão da segurança como ponto principal.

Nessa disputa entre a desinformação circulante das redes sociais e a informação obtida através da escola, verificou-se que através da educação formal é possível desenvolver um pensamento crítico capaz de promover nos indivíduos competências para lidar com as informações da vida cotidiana, nas ações de busca, uso e apropriação da informação.

Diante desse fato, é necessário e urgente que o desenvolvimento da competência em informação seja uma prática efetiva e cotidiana no ambiente escolar, abarcando toda a comunidade, desde os alunos até professores e funcionários, construindo um ambiente de pensamento realmente crítico que possam impactar positivamente na formação das crianças e dos adolescentes, bem como nas atitudes e ações dos adultos para que eles tomem decisões conscientes e adequadas às suas reais necessidades informacionais.

Embora não seja possível estabelecer generalizações para além de nossos resultados, os dados aqui apresentados e a análise de conteúdo empregada permitiu compreender a relação estabelecida das redes sociais com as práticas informacionais adotadas por esses adolescentes no contexto de disseminação generalizada de desinformação direcionada ao processo eleitoral e também contribuir para as pesquisas no campo da Ciência da Informação.

Os prejuízos que o fenômeno da desinformação pode trazer para a democracia impõe uma agenda de estudos e investigações com outros grupos sociais e outros eventos que são ou que foram impactados pelas *fake news* ou pela cultura da pós-verdade, a fim de criar estratégias de combate para evitar o caos no ambiente informacional que influencia negativamente a opinião pública, criando insegurança, desconfiança e desestabilizando os regimes democráticos pelo mundo.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Redes Sociais e *Fake news* nas Eleições de 2016. **Journal of Economic Perspectives**, v. 30, n. 2, p. 211-226, 2017. Disponível em: DOI: 10.1257/jep.31.2.211. Acesso em: 03 mar. 2023.

ALMEIDA, G. G. S. *et al.* **As redes sociais e os adolescentes: um estudo a partir dos pressupostos da psicologia social**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – UNIVAG Centro Universitário, Várzea Grande - MT. Disponível em: <http://repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/414>. Acesso em: 03 fev. 2023.

ANDRADE, F. S. **Tudo o que você sempre quis saber sobre a Urna Eletrônica Brasileira**. São José dos Campos: SindCT, 2022, 352p.

AOS FATOS. **Em 1.459 dias como presidente, Bolsonaro deu 6.685 declarações falsas ou distorcidas**. 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/?page=3#i>. Acesso em: 25 fev. 2023.

ARAÚJO, C. A. A. O sujeito informacional no cruzamento da ciência da informação com as ciências humanas e sociais. *In*: ENANCIB, 14., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/184429>. Acesso em: 22 jul. 2022.

ARAÚJO, C. A. A; SIRIHAL DUARTE, A. B.; DUMONT, L. M. M. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.24, número especial, p.85-101, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/t55yj3kdZN8DqJxHcNV6jkC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ARAÚJO, C. A. A. O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 21, n.41, p. 35-48, 2020. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/79>. Acesso em: 01 fev. 2022.

ARAÚJO, C. A. A. O fenômeno da desintermediação da informação no cenário da infodemia. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, 2021a, Rio de Janeiro, **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT/UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/File/278/260>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ARAÚJO, C. A. A. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. **Em questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p.13-29, jan./mar., 2021b. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1808-5245271.13-29>. Acesso em: 01 fev. 2022.

ARAÚJO, C. A. Ávila. Novos desafios epistemológicos para a ciência da informação. **Palavra Chave**, La Plata, v. 10, n. 2, p. 116, 2021c. Disponível em: <https://www.palavraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe116>. Acesso em: 05 fev. 2022.

AVELAR, D. WhatsApp *fake news* during Brazil election 'favoured Bolsonaro'. **The Guardian**, 30 oct. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/oct/30/whatsapp-fake-news-brazil-election-favoured-jair-bolsonaro-analysis-suggests>. Acesso em: 2 de nov. 2022.

BANDEIRA K. Pesquisa aponta que 71% dos brasileiros usam redes sociais como fonte de informação. **Folha de Pernambuco**, 10 out. 2021. Disponível em <https://www.folhape.com.br/colunistas/tecnologia-e-games/pesquisa-aponta-que-71-dos-brasileiros-usam-redes-sociais-como-fonte-de-informacao/27487/>. Acesso em 16 05 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

BARRETO JUNIOR, I. F. Desinformação como Estratégia Política: *Fake news* sobre urnas eletrônicas e o ataque permanente às instituições democráticas. In: CZYMMECK, Anja (ed.). **Cadernos Adenauer XXII (2021), n.1**: Impactos das eleições 2020 e da pandemia no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2021, p. 39-54.

BEZERRA, A. C. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime de mediação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.22, n.4, p.68-81, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/zxgymJJ9DrB6xCKWtRfNHwq/?lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Urna eletrônica: 20 anos a favor da democracia**. Brasília: TSE, 2016. Disponível em: https://www.tse.jus.br/hotsites/catalogo-publicacoes/pdf/urna_eletronica/livreto-urna-programa-educativo_web.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Urna eletrônica 25 anos: lançado em 1996, equipamento é o protagonista da maior eleição informatizada do mundo**. Brasília, 07 maio 2021. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Maio/urna-eletronica-25-anos-lancado-em-1996-equipamento-e-o-protagonista-da-maior-eleicao-informatizada-do-mundo>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **TSE comemora marca histórica de jovens eleitores nas Eleições 2022**. Comunicação, Brasília, 05 maio 2022a. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Maio/tse-comemora-marca-historica-de-jovens-eleitores-nas-eleicoes-2022>. Acesso em: 01 ago. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Programa de Enfrentamento à Desinformação**. 2022b. Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/desinformacao/>. Acesso em: 25 out. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Sistema de alerta de Desinformação contra as eleições**. 2022c. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2022/sistema-de-alerta>. Acesso em: 25 out. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Presidente do TSE recebe relatório sobre casos de assédio eleitoral sofridos por trabalhadores nas Eleições 2022.** Comunicação, Brasília, 15 dez. 2022d. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Dezembro/presidente-do-tse-recebe-relatorio-sobre-casos-de-assedio-eleitoral-sofridos-por-trabalhadores-nas-eleicoes-2022> . Acesso em: 23 jun. 2023

BRAUN, J. Conspiração e apuração paralela: adesinformação sobre urnas que circula noWhatsApp e Telegram às vésperas da eleição. **BBC News**, 01 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63097867>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRISOLA, A. C. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano**: Diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporânea. 2021, 295f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1165>. Acesso em:

BRISOLA, A. C.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “*Fake news*”: distinções, diagnóstico e reação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, 2018, Londrina, **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2018. p. 3316-3330. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>. Acesso em: 27 jul. 2021

BOARINI, M.; FERRARI, P. A desinformação é o parasita do século XXI. **Organicom**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 37-47, set./ dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/170549>. Acesso em: 01 ago. 2022.

CAETANO, D. C. **Comportamento informacional no uso de redes sociais virtuais como fonte de informação**. 2018, 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia), Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30680>. Acesso em: 24 fev.2023.

CARDOSO, I. N. A. As redes sociais e a geração dos nativos digitais: a relação entre tecnologia e aprendizagem. In: Semana Internacional de Pedagogia - SIP, 2018, Maceió. **Anais** [...]. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/sip2018/trabalho/77415>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347/1443>. Acesso em: 24 fev.2023.

CARVALHO, R. P.; NUNES, J. V. Modelo de práticas informacionais em comunidades digitais por Mary Ann Harlan. In: TANUS, G. F. S. C.; ROCHA, J. A. P.; BERTI, I. C. L. W. (org.). **Práticas Informacionais em diálogo com as ciências sociais e humanas**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 179-200.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; 1).

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, 2014.

CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M.; CAMPELLO, B. S. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. 319p.

CHICARINO, T. S.; CONCEIÇÃO, D. L. L. Uma análise da produção de desinformação nas eleições 2018 a partir da CPMI das *Fake news*. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 44., 2020, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2020. p. 1-24. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/9031>. Acesso em: 15 set. 2022.

CNN. **Be Real**: entenda o que é e como usar essa nova tendência de app. CNN Brasil, 01 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/be-real/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

COUTINHO, L. G. (2005). A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. **Pulsional Revista de Psicanálise**, 17(181), 13-19. Disponível em: <https://btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/Adolesc%C3%A9ncia-na-contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 07 maio 2022.

COSTA, J. O. Democracia x Desinformação: A comunicação para além da defesa da urna eletrônica. **Revista do TER-RS**, Rio Grande do Sul, ano 24, n. 47, p. 63-71, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/7361>. Acesso em: 03 dez. 2022.

D'ANCONA, M. **Pós verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *Fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018, 142p.

DIAS, M. O que é Telegram? Saiba tudo sobre o app russo que é rival do WhatsApp. **Techtudo**, 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2019/03/o-que-e-telegram-4-perguntas-e-respostas-sobre-o-rival-do-whatsapp.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

DOURADO, T. M. S. G. *Fake news* na eleição presidencial de 2018 no Brasil. 2020, 308f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31967/1/Tese_Tatiana%20Dourado.pdf. Acesso em: 03 dez. 2022.

DUNKER, C. *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2021. 128p.

FAGUNDES, V. O. *et al.* Jovens e sua percepção sobre *fake news* na ciência. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.**, Belém, v. 16, n. 1, e20200027, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0027>. Acesso em: 03 dez. 2022.

FALLIS, D. **What is disinformation?** *Library Trends*, v. 63, n.3, p. 401-426, 2015

FARIAS, V.; PINHONI, M. Número de eleitores com menos de 18 anos volta a crescer após duas décadas em queda. **G1**, [s. l.], 19 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/07/19/numero-de-eleitores-com-menos-de-18-anos-volta-a-crescer-apos-duas-decadas-em-queda.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FELIX, V. H. O que é TikTok?. **Tecnoblog**, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-tiktok/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

FIGUEIRA, J.; SANTOS, S. **As Fake news e anova ordem (Des) informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Coimbra University Press, 2019. Ebook.

FONSECA, A. B; DIAS, J. (coord.) **Caminhos da desinformação: evangélicos, fake news e WhatsApp no Brasil: relatório de pesquisa**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, 2021. 1 recurso eletrônico. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1xl-5aqKfXmYeSPctboBoNqFzj_21yRHO/view. Acesso em: 01 ago.2022.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FROTA, M. G. da C. Desafios teórico-metodológicos para a Ciência da Informação: descrição, explicação e interpretação. *In*: REIS, A. S. dos; CABRAL, A. M. (Orgs.). **Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007.

FURTADO, C. C. Biblioteca escolar, nova geração e tecnologias da informação e comunicação. *In*: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação – CBBB, 2013. Florianópolis. **Anais** [...]. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1244>. Acesso em: 15 fev. 2022

GAMA, S. Guerra de desinformação: as *fake news* nas eleições de 2018. **Câmara Municipal de Curitiba**, Curitiba, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/guerra-de-desinformacao-as-fake-news-nas-eleicoes-de-2018>Acesso em: 10 nov. 2022.

GANDRA, T.K. **Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante da UFMG**. 2017, 190f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: Acesso em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AV2EZJ>. Acesso em: 05 ago. 2021.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 64-89.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOMES, V. R. R. **Adolescentes na contemporaneidade: desamparo e laços fragilizados em meio aos “ideais” da sociedade de consumo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/3096/1/000220922.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GOHN, M. da G. Jovens na política na atualidade: uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, v. 31, n. 82, p. 117-133, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v31i82.21960>. Acesso em: 23 jul. 2022.

GOULARD, E. E. O docente nas mídias sociais. *In*: GOULARD, E. E. **Mídias sociais: uma contribuição de análise**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/midiassociais_011120181601.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

GOULARD, A. H. **Adolescência, internet e práticas informacionais**. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte, MG: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARLAN, M. A; BRUCE, C.; LUPTON, M. Creating and sharing: teens' information practices in digital communities. **Information Research**, v.19, n.1, mar. 2014. Disponível em: <http://informationr.net/ir/19-1/paper611.html#.YxTFYnbMLIU>. Acesso em: 02 mar. 2022.

HELLER, B.; JACOBI, G.; BORGES, J. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 49, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196>. Acesso em: 01 ago. 2022.

HJORLAND, Birger. Methods for evaluating information sources: An annotated catalogue. *Journal of Information Science*, v.38, p.258-268, 2012.

JACOBI, G. **Mídias sociais como fonte de informação de adolescentes e jovens em tempos de fake news**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/212448>. Acesso em: 07 set. 2022.

JACOBI, G.; BORGES, J. Avaliação da informação por adolescentes e jovens. **P2P e Inovação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 379-401, 2023. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/6283>. Acesso em: 23 jul. 2023.

KARAPANOS, E.; TEIXEIRA, P.; GOUVEIA, R. Need fulfillment and experiences on social media: a case on Facebook and WhatsApp. **Computers in Human Behavior**, v. 55, Part B, fev. 2016, p. 888-897. Disponível: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.10.015>. Acesso em 17 jun. 2023

KASPERSKY. **62% dos brasileiros não sabem reconhecer uma notícia falsa**. 13 fev. 2020. Disponível em: https://www.kaspersky.com.br/about/press-releases/2020_62-dos-brasileiros-nao-sabem-reconhecer-uma-noticia-falsa. Acesso em: 04 jul. 2023.

KIPNIS, M. V. **Desenvolvimento pleno de adolescentes nativos digitais: um estudo sobre as possíveis metodologias de ensino**. 2018, 134F. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/tede/2484/2/MarinaVasconcelosKipnisDissertacao2018.pdf>. Acesso em: 07 set. 2022.

KIMM, J.; BOASE, J. Teens' everyday information practices on mobile media: "catching up" and "reaching out". **Proceedings of the Association for Information Science and Technology**, v. 56, n. 1, p. 137-146, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/pra2.12>. Acesso em: 03 dez. 2022.

LANDIM, L. A embaixadores, Bolsonaro volta a questionar urnas e atacar ministros. **O Tempo**, Belo Horizonte, 18 jul. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/governo/a-embaixadores-bolsonaro-volta-a-questionar-urnas-e-atacar-ministros-1.2701403>. Acesso em: 22 ago. 2022.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

LOHE, M. Urna eletrônica: uma questão de confiança. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.1, n.4, p. 18-20, dez. 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4296>. Acesso em: 03 dez. 2022.

MACHADO, A. Como usar o Skoob? Rede social para leitores. **Tecnoblog**, 2021, Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/como-usar-o-skoob-rede-social-para-leitores/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MATA, M. L. Estudos de comportamento informacional e de práticas informacionais para o desenvolvimento da competência em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.27, n. 2, p. 37-57, abr/jun 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/Rw6SwH7zdr5ngCzWB34JcMc/>. Acesso em: 01 set. 2022.

MCKENZIE, P.J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00220410310457993>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MEDEIROS, J. S. Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política. **Transformação**, Campinas, v. 25, n.1, jan./abr., 2013, p.27-33. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/55V8ZbVsCHtdP6CCRxgbWB/?lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2022.

MELO, F.; SCHNEIDER, M. Desinformação Digital em Rede e Competência Crítica em Informação. **The International Review of Information Ethics**, Edmonton, Canadá, v. 30, n. 1, 2021. Disponível em: 10.29173/irie408. Acesso em: 26 jul. 2022.

MELLO, P. C.; SOPRANA, P.; GALF, R. *Fake news* sobre urnas, pesquisas e TSE dominam eleições. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/fake-news-sobre-urnas-pesquisas-e-tse-dominam-eleicao-de-2022.shtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MONARI, A. C. P. A autoridade epistêmica e a percepção pública sobre ciência e saúde na era da pós-verdade. *In: Cite-Lab*. Niterói, 23 mai. 2021. Disponível em: <https://citelab.uff.br/a-autoridade-epistemica-e-a-percepcao-publica-sobre-ciencia-e-saude-na-era-da-pos-verdade/>. Acesso em: 25 jul. 2022

MOSCHETTA P. H.; VIEIRA, J. Música na era do streaming: curadoria e descoberta musical no Spotify. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, n. 49, set-dez 2018, p. 258-292. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-02004911>. Acesso em: 10 abr. 2023.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (ed.). **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC Domicílios 2020: edição COVID-19: metodologia adaptada. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. E-book. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2020/>. Acesso em: 24 maio. 2022.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (ed.). **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil**: TIC Kids Online Brasil 2021. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022. E-book. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121120124/tic_kids_online_2021_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 20 maio. 2023.

NUNES, J. V. B.; CARNEIRO, L. F. Dos estudos de usuários à noção de práticas informacionais: contribuições da Teoria da Prática. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 150-168, set. 2018/fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/134406/148279>. Acesso em 20 jan. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14&isAllowed=y. Acesso em: 10 jan. 2021.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011, 352 p.

PAULA, L. T.; SILVA, T. R. S.; BLANCO, Y. A. Pós-verdade e Fontes de Informação: um estudo sobre *fake news*. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 93-110, jan./jun., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.47681/rca.v3i1.16764>. Acesso em: 10 mar. 2022.

PAULO, R. B. de; CASARIN, H. de C. S. Segurança no uso e compartilhamento de dados nas redes sociais por estudantes do ensino médio. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, n. 1, p. 91-113, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v14.n1.2021.29929>. Acesso em: 23 jul. 2022.

PÓS-VERDADE. In: OXFORD LANGUAGES. Word of the year 2016. [Oxford: Oxford University Pressis, 08 nov. 2016. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 10 fev. 2022.

PRIOSTE, C. D. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. 2013. 361 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21052013-113556/pt-br.php>. Acesso em: 15 fev. 2022.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R. Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa? **Medium**. 09 jul. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RECUERO, R. #FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018. **Rev. Bras. Linguíst. Apl.**, v. 20, n. 3, p. 383-406, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398202014635>. Acesso em: 25 out. 2022.

RIEH, S. Y. Credibility and cognitive authority of information. In: BATES, M.; MAACK, M. N. (ed.) **Encyclopedia of Library and Information Sciences**. 3. ed. New York: Taylor and Francis Group; LLC, 2010. p. 1337-1344. Disponível em: https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/106416/Rieh_ELIS_publish_ed.pdf?sequence=1. Acesso em: 25 out. 2022.

RIBEIRO, M. A. et al. Ser adolescente no século XXI. In: LEVENFUS, R.S. **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2016. [recurso eletrônico]. Acesso em: 07 set. 2022

RIPOLL, L.; MATOS, J. C. M. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 2334-2349, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918/941>. Acesso em: 14 jan. 2021.

RIPOLL, L.; MATOS, J. C. O contexto informacional contemporâneo: o crescimento da desinformação e suas manifestações no ambiente digital. **Informação@Profissões**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 87–107, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/38212>. Acesso em: 25 set. 2021.

ROCHA, J. A. P.; GANDRA, T. K. Práticas informacionais: elementos constituintes, **Inf. Inf.**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 566-595, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao>. Acesso em: 20 jan. 2022.

ROCHA, J. A. P.; SIRIHAL DUARTE, A. B.; PAULA, C. P. A. de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36-61, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1808-5245231.36-61>. Acesso em: 22 jul. 2022.

RODRIGUES, J. Tudo o que você precisa saber sobre Redes Sociais. **Resultados Digitais**, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

ROSA, P. O.; SOUZA, A.T.; CAMARGO, G. M. Perspectividade política e produção de desinformação nas eleições brasileiras de 2018. **Agenda Política**, São Carlos, v. 8, n. 3, p. 163-190, set./dez., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31990/agenda.2020.3.6>. Acesso em: 03 dez. 2022.

RUEDIGER, M. A. (coord.) **Desinformação nas eleições 2018**: o debate sobre *fake news* no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/29093>. Acesso em: 03 dez. 2022.

SÁ, J. P. S. de; ARAÚJO, C. A. Á. **Ler e compartilhar na web: práticas informacionais de blogueiros literários**. 2018. 240 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VAFA-BBLHZZ>. Acesso em: 29 abr. 2019.

SALGADO, T.; MATTOS, M. A. Da informação à desinformação: conceitos e abordagens das teorias acerca da comunicação. In: ALZAMORRA, G; MENDES, C. M.; RIBEIRO, D. M. (Org.). **Sociedade da Desinformação e Infodemia**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2021, v. 1, p. 39-62.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, A. C. A.; ALVES, E. C. As práticas informacionais visuais: o caso do Álbum Schistosomiasis Mansonii no Brasil. In: ALVES, E. C. (org.). **Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. p. 255-284.

SAVOLAINEN, R. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the “Umbrella Concepts” of Information-Seeking Studies. **Library Quarterly**, v. 77, n2, p.109-132, Apr. 2007.

SIEBERT, S.; PEREIRA, I. V. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>. Acesso em: 01 fev. 2022.

SILVA, I. O.; GOUVEIA, F. C. Engajamento informacional nas redes sociais: como calcular?. **Ato Z: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba10(1), 94-102, jan./abr. 2021.

SILVA, P. V. D. da. Pandemia e infodemia nas mídias: análise da desordem informacional no Twitter. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 9, n. 2, p.148-159, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/76506/42609>. Acesso em: 12 jan.2021

SILVA, S. Redes sociais digitais e educação. **Revista Iuminart**, Sertãozinho, SP, n.5, ago. 2010. Disponível em: <http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/index.php/iluminart/article/view/97>. Acesso em: 03 mar. 2022.

SILVA-JEREZ, N. S. Comportamento informacional cotidiano de adolescentes. 2016. 95f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/138953>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SOUZA, Á. G. L. Democracia em risco: perspectivas políticas sobre a pós-verdade no Brasil. **Revista Conexão na Amazônia**, Rio Branco, v. 3, n. edição especial VII Conc&t, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ifac.edu.br/index.php/revistarca/article/view/160>. Acesso em: 01 fev. 2023.

SOUZA, J. S.; SANTOS, J. C. S. Infodemia e desinformação na pandemia da covid-19. **Revista Fontes Documentais**, v. 3, p. 231-238, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/151121>. Acesso em: 11 jan. 2021

SOUZA, M. YouTube. **Brasil Escola**, c2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>. Acesso em: 06 jun. 2023.

TALJA, S. The domain analytic approach to the study of scholars' information practices. *In*: FISHER, K. E., ERDELEZ, S., MCKECHNIE, L. E. F. (ed.), **Theories of Information Behavior**. Medford: Information Today, 2005. p. 123-127.

TEIXEIRA, G. **Manual da adolescência**: bases neurocientíficas da adolescência para os pais, professores e profissionais. Rio de Janeiro: Beste Seller, 2019.

VALENTE, J. *Fake news* sobre candidatos inundam redes sociais em período eleitoral. **Agencia Brasil**, Brasília, 06 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/um-dia-da-eleicao-fake-news-sobre-candidatos-inundam-redes-sociais>. Acesso em 10 jun. 2022

VASCONCELOS, H. B. R. *et al.* Snapchat e a Espetacularização do Cotidiano. *In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, 18., 2016, Caruaru. **Anais** [...]. Caruaru: Intercom, 2016. p. 1-11. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1308-1.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2023.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Estrasburgo: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 05 jan. 2023.

YAMAMOTO, M.; KUSHIN, M.; DALISAY, J. F. How informed are messaging app users about politics? A linkage of messaging app use and political knowledge and participation. **Telematics and Informatics**, v.35, n.8, dez. 2018, p. 2376-2386. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tele.2018.10.008>. Acesso em 17 jun. 2023

ZATTAR, M. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p.285-293, nov. 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4075/3385>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ZENHA, L. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, ano 20, n. 49, p. 19-42, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809/1541>. Acesso em: 14 jul. 2021.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Redes Sociais

- Você usa redes sociais? Quais? Em que momentos vocês as usa? Há diferenças no uso delas? Você consegue colocá-las em ordem da que você mais utiliza para a que você menos utiliza?
- O que as redes sociais representam para você?
- Você já selecionou amigos ou pessoas por causa das coisas que elas dizem ou postam nas redes sociais?
- Você já entrou em redes sociais ou grupos em redes por sugestões de outras pessoas? De quem?
- Você participa de grupos específicos nas redes? Quais?
- Sobre grupos de família, o que você acha deles? E das coisas que são compartilhadas neles?
- Você já acompanhou alguma discussão em alguns desses grupos? (se sim) Você poderia me contar uma dessas histórias?
- Qual (is) rede (s) social (is) você mais utiliza? Descreva por ordem decrescente (mais utilizada para a menos utilizada)
- Você utiliza alguma dessas redes para se informar? Qual delas?
- Você considera que redes sociais é um bom lugar para se informar? Porquê?
- Quais são os principais perfis que você segue? Porque? (indicação de amigos, interesse particular, ou sugestão do algoritmo)
- Quais informações te interessam nesse perfil? Porque?
- O que é, para você, uma fonte de informação confiável?
- Você segue um ou mais perfis que considere como fonte de informação confiável? Quais características desse (s) perfil (is) que te levam a confiar nas informações compartilhadas por ele?
- Esse perfil emite opinião sobre temas polêmicos ou que estejam em evidência? Sobre o que ele tem falado?
- Quais app de mensagens você usa? Para que você usa cada um deles? Quais delas você usa mais?
- Nos apps de mensagem você recebe notícias ou usa só para conversas? Se recebe notícias, são notícias sobre quais temas? Chegam através de grupos ou de pessoas individualmente?

Unas Eletrônicas

- Quando foi que tirou título eleitor e por quê? Sua decisão foi influenciada por algum perfil que segue? Ou alguém? Quem?
- O que você sabe sobre as urnas eletrônicas?
- Como você ficou sabendo dessas coisas sobre as urnas eletrônicas? As informações que você possui sobre as urnas foram obtidas nas redes sociais ou através de algum perfil?
- Ao receber essas informações, você chegou a ver, ouvir ou ler outras coisas sobre elas? Onde? Ou como esse assunto chegou até você?
- Você já recebeu ou acessou informações sobre o funcionamento e a segurança da urna eletrônica? Qual era o conteúdo dessa informação? De onde veio essa informação?
- Você já ouviu falar de alguma polêmica a respeito das Urnas Eletrônicas? Se sim, qual?
- Qual a sua opinião sobre a credibilidade das urnas eletrônicas? São seguras ou não?
- Você viu alguma coisa sobre os procedimentos adotados para garantir a segurança das urnas eletrônicas? Você saberia me descrever, do seu jeito, como elas funcionam? Tem alguma dúvida com relação ao seu funcionamento?
- Durante esse ano de 2022, o assunto urnas eletrônicas fez parte de algum debate/ polêmica / discussão em suas redes sociais, na escola ou em casa? O que rolou nessa discussão? Você poderia me contar foi? Como terminou? Como você se sentiu durante essa discussão? E depois que ela acabou?
- Você acredita que as eleições no Brasil podem ser fraudadas? Fale mais sobre isso, por favor.

Fake news

- Você já ouviu falar sobre *Fake news*? O que disseram para você? Quem disse isso? Onde?
- Em sua opinião o que é *Fake news*
- Você sabe avaliar se as informações obtidas são verdadeiras ou falsas? Como você faz essa avaliação?

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Práticas informacionais de adolescentes no contexto de pós-verdade e desinformação: o caso das urnas eletrônicas”, sob a responsabilidade da pesquisadora Simone de Souza Santos. Este estudo pretende analisar a partir das práticas informacionais dos adolescentes nas redes sociais (plataformas digitais) quais os critérios usados por eles na construção ou reafirmação do seu posicionamento em relação à credibilidade e aceitação das urnas eletrônicas utilizadas no processo eleitoral.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). Caso concorde em participar da pesquisa, sua participação consistirá em responder perguntas durante uma entrevista individual, com um tempo estimado de 40 minutos, essa atividade ocorrerá no horário e no ambiente escolar. O desempenho escolar não será afetado, pois será ofertada atividade para substituir a aula perdida.

Os riscos decorrentes da participação são mínimos, podendo ocorrer desconforto ou cansaço durante a atividade. Para diminuir estes efeitos, a pesquisadora se compromete a ser polida e amigável, não insistir em perguntas que você não queira responder, além de ser o mais breve possível na execução da entrevista. Ao aceitar participar do estudo, você ajudará a compreender como as práticas informacionais dos adolescentes no ambiente das redes sociais digitais constroem a percepção dos mesmos quanto a confiabilidade e segurança nas urnas eletrônicas.

Você pode se recusar a responder qualquer questão que não lhe agrade, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no repositório institucional da Universidade Federal de Minas Gerais em meio virtual, na Biblioteca da Escola de Ciência da Informação em meio impresso, podendo ser publicados. Contudo, os adolescentes participantes não serão identificados. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um

período de cinco anos, após isso serão destruídos. Se você tiver qualquer dúvida, por favor, entre em contato com Simone de Souza Santos (tel.: 31 987737237) ou envie e-mail para (smnsouza@gmail.com).

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. O Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidas pelo telefone (31) 34094592 ou pelo e-mail coep@prpq.ufmg.br. O COEP está localizado na Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil, CEP: 31270-901. Horário de atendimento: 09h00min às 11h00min / 14h00min às 16h00min, de segunda a sexta-feira. Caso concorde em participar, peço que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com você.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora: _____

Participante: _____

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - TCLE

(para pais ou responsáveis dos adolescentes menores de idade)

Gostaríamos de obter o seu consentimento para que seu filho (a) ou menor do qual o senhor (a) é responsável participe da pesquisa “Práticas informacionais de adolescentes no contexto de pós-verdade e desinformação: o caso das urnas eletrônicas”, sob a responsabilidade da pesquisadora Simone de Souza Santos. Este estudo pretende analisar a partir das práticas informacionais dos adolescentes nas redes sociais (plataformas digitais) quais os critérios usados por eles na construção ou reafirmação do seu posicionamento em relação à credibilidade e aceitação das urnas eletrônicas utilizadas no processo eleitoral.

O (a) senhor (a) e seu filho (a) ou menor do qual o senhor (a) é responsável receberão todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome do seu filho (a) ou menor do qual o senhor (a) é responsável não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). A participação do menor consistirá em responder perguntas durante uma entrevista, com um tempo estimado de 40 minutos, essa atividade ocorrerá no horário e no ambiente escolar. O desempenho escolar não será afetado, pois será ofertada atividade para substituir a aula perdida.

Os riscos decorrentes da participação são mínimos, podendo ocorrer desconforto ou cansaço durante a atividade. Para minimizar estes efeitos, a pesquisadora se compromete a ser polida e amigável, não insistir em perguntas que o menor não queira responder, além de ser o mais breve possível na execução da entrevista e da dinâmica. Ao aceitar participar do estudo, o menor contribuirá na ampliação do conhecimento sobre como as práticas informacionais dos adolescentes realizadas nas redes sociais digitais constroem a percepção dos mesmos quanto a confiabilidade e segurança nas urnas eletrônicas. O menor pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo. A participação é voluntária, isto é, não há pagamento pela colaboração. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente participação do menor na pesquisa, o participante poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil. Os resultados da pesquisa serão divulgados no repositório institucional da Universidade Federal de

Minas Gerais em meio virtual, na Biblioteca da Escola de Ciência da Informação em meio impresso, podendo ser publicados posteriormente.

Contudo, os adolescentes participantes não serão identificados. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda da pesquisadora por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o (a) Senhor (a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, entre em contato com Simone de Souza Santos (tel.: 31 987737237) ou envie e-mail para (smnsouza@gmail.com). Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. O COEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (31) 34094592 ou do e-mail coep@prpq.ufmg.br. O COEP está localizado na Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. Horário de atendimento: 09h00min às 11h00min / 14h00min às 16h00min, de segunda a sexta-feira. Caso concorde com a participação de seu filho (a)/ ou menor do qual o senhor(a) é responsável, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora: _____

Responsável legal: _____